

REVISTA DA SEMANA

N. 32 11-8-56 Crs. 700

O NAUFRÁGIO DO "ANDRÉA DORIA"
OS MARCIANOS DESCERÃO EM SETEMBRO
MARILYN QUER SER "LADY MACBETH"



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956 ESPORTE 1956

ilustrado

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**
(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**
(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

EM TODO
BRASIL

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 32 — Rio de Janeiro — 11-8-1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tezera e Eneida.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS	
Marcianos que Descerão em Setembro	4/7
Juarez Sustenta a Tese	14/15
A Nova Marilyn Monroe	16/18
Marlene e De Sica em Montecarlo	24/25
O Museu da Cêra do Passeio Público	31/34
Sou Um Poeta do Maranhão	40/42
«Coice de Mula» Pegou Só Dez Anos	46/49
Foi a Pique o Orgulho da Itália	59/61

◆ SEÇÕES	
Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	19
Pelas Esquinas da Noite	21
Literatura e Arte	22/23
Palavras Cruzadas	26
Por Esse Mundo de Deus	28/29
TV Na Revista	30
Itinerário do Brasil	38
Astrológica	39
Música	44
Revista Há 50 Anos	45
Conversa de Mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

◆ HUMORISMO	
Fortuna	52/53

◆ LITERATURA	
Estória de Amor (Eneida)	3
O Peregrino da Palestina (Zangwill)	10/11
Pobre Menino (Pompílio Filho)	50/51

◆ VARIEDADES	
O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	27
Um Estranho no Paraíso	36/37

◆ CAPA	
(RUTH ROMAN (Kodachrome R.K.O.) (Especial para «REVISTA»)	

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDERECO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69



ESTÓRIA DE AMOR

◆ A notícia apareceu nos jornais e nenhuma importância teria — tantos e tantos os cotidianos casos de amor infelizes — se o homem não tivesse pedido licença à polícia para matar a mulher. Pedir licença para matar é coisa estranha e incompreensível quanto solicitar permissão para olhar o céu ou gostar do mar. Um amor complicado, diz a imprensa: ela na casa dos cinqüenta, ele com vinte e três anos. Encontraram-se, nasceu um namôro que terminou em vida comum, casa para dois. Como se vê até aí nenhuma complicação, nem mesmo quanto à idade, pois amor-amor não toma conhecimento de beleza nem exige atestados de nascimento. O rapaz que é comerciante, cansou e a separação se fêz com lágrimas femininas e dar de ombros masculino. A mulher — aqui começa o romance — desesperada, iniciou uma perseguição ao jovem. Tornou-se fantasma, sombra, cansando-o sempre; onde ele ia ela aparecia encontravam-se em todos os momentos, instantes, horas e minutos. Convenhamos que uma insistência dessas, num casal que já pronunciou o adeus definitivo, que já deliberou não mais reatar laços amorosos, é duro de roer. A mulher — conta o jornal — tornou-se um «carrapato» na vida do homem que por todos os meios e modos dela tentava fugir. Tentava, mas jamais o conseguiu.

◆ Já desesperado também o ex-namorado resolveu matar. Só assim, pensou, se veria livre daquela tão persistente senhora. Mas sabia que para os assassinos, principalmente os sem padrinhos políticos ou bons pistolões, há cadeia, trinta anos, perda de mocidade, saúde, alegria, adeus à vida. Como é jovem e nunca viu uma penitenciária escreveu ao chefe de polícia não uma carta mas uma petição, um requerimento com papel timbrado de seu escritório de representações: «Formulo a presente com o fim de solicitar a V. Exa. a especial gentileza de informar-me sobre as perguntas que passo a relacionar: 1) desejo saber quantos anos de prisão terei de cumprir na Penitenciária do Estado de S. Paulo se MATAR sem que apresente defesa jurídica? 2) poderei estudar durante o tempo em que estiver cumprindo pena? 3) terei as refeições pontuais e gratuitas? 4) terei alguém para levar e trazer livros da Biblioteca para o presídio? 5) ganharei permissão para levar comigo ao presídio a cama com colchão de molas, máquina de escrever e fotográfica, rádio e escrevinha? 6) poderei ajudar a polícia em serviços internos durante as horas em que estiver de folga? Não devo nada a ninguém, não estou trabalhando de empregado e não tenho mais dinheiro em minhas mãos, etc., etc. O documento é longo: narra o namôro, o que aconteceu antes e depois do encontro, fala na «maldita pessoa que me arruinou a vida e portanto estou disposto a liquidar», etc.

◆ O final da estória é comum: a polícia chamou a mulher, repreendeu-a, deu conselhos, ela prometeu não mais azucrinar a vida do «garotinho», disse que não amava mas era por ele amada, enquanto o delegado mandou o rapaz aos psiquiatras para exame de sanidade mental, o que me parece absolutamente errado. Digam: esse jovem está doido? Não creio. Acho mesmo que ele sabe muito bem o que quer; se até as mósas podem fazer um mortal perder a paciência, o que não acontecerá com uma velha senhora apaixonada em sistemática perseguição? O que é estranhável — e belo — é a ingenuidade do rapaz querendo na cadeia livros, colchão de molas, comida. Essa ingenuidade, esse desconhecimento das prisões brasileiras é o que mais me comove nessa estória onde aparece uma mulher muito chata, um jovem tremendamente chateado, e ingênuo, muito ingênuo. O que causa dó.

ENEIDA

CRUZADA DE "BOA VIZINHANÇA INTERPLANETÁRIA" PARA RECEBER

PRIMEIRO OBJETIVO: "TCHAVECOGRADO", MISTERIOSA CIDADE-ATÔMICA DAS ESTEPES SIBERIANAS — ALERTA URGENTE DA ASSOCIAÇÃO MUNDIALISTA INTERPLANETÁRIA CONTRA OS 3 MAIORES PERIGOS QUE AMEAÇAM A HUMANIDADE — MISSÃO DA EX-ATRIZ WANDA OITICICA, CONVERTIDA EM MONJA-IOGA, NO TRABALHO DE "RELAÇÕES PÚBLICAS INTERPLANETÁRIAS" — A VERDADE SÔBRE OS DISCOS, CHARUTOS E OUTROS ENGENHOS VOADORES E A "CENSURA" DOS CHEFES DE ESTADO — JUSCELINO OCULTA A "VERDADE INTERPLANETÁRIA" — CONCLUSÃO: ESTAMOS "ENCHENDO" OS MARCIANOS...

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O público, constituído em sua maioria do elemento feminino, era bem regular naquela noite chuvosa de sexta-feira, acomodado nas poltronas de um dos maiores teatros do centro da cidade. Impaciente, aguardava o início da



Também a Rússia foi «visitada» pelos «discos» e o «pânico russo» é igual e produz o mesmo silêncio. Não faço política na minha missão: o «perigo atômico» já está assustando os habitantes extra-terrestres. E a paciência tem limites em todos os planetas do universo!

conferência, anunciada, discretamente, por um cartaz despretensioso à entrada.

E então a conferencista chegou, caminhando a passos rápidos a fim de ocupar a cadeira junto à mesa no centro do palco. Era uma mulher de baixa estatura e de dimensões pouco definidas, pois envergava estranho hábito, de cor cinza, punhos bordados e gola branca, à maneira das freiras católicas. Apesar dos cabelos grisalhos, conserva um ar de juventude nas feições harmoniosas. Há uma simpatia austera em sua figura.

A conferência foi iniciada em tom dramático, e o público manteve-se, inicialmente, na expectativa:

«ALERTA URGENTE!»

«Meus senhores e minhas senhoras:

O comunicado que vou ler é o número 1 da ASSOCIAÇÃO MUNDIALISTA INTERPLANETÁRIA, fundada na Suíça, em 1954, pelo prof. Alfred Nahm e hoje com sucursais em todo o mundo, inclusive aqui no Brasil na cidade de Rezende, no Estado do Rio. As palavras que lhes vou dizer estão sendo ditas também por centenas de irmãos meus para outros povos em toda parte do mundo — **nesse mesmo instante.**

E' O ALERTA MAIS URGENTE DE TODOS! Lançado contra os 3 MAIORES PERIGOS QUE AMEAÇAM A HUMANIDADE!

- 1º)—o perigo atômico;
- 2º)—o perigo da invasão do nosso planeta;
- 3º)—o perigo da humanidade toda perecer.

O 1º PERIGO — IRRADIAÇÃO ATÔMICA

Um breve sussurro percorre a platéia. Cenhos franzidos de alguns são desfeitos, pouco depois, pelos sorrisos mal disfarçados da maioria. Mas, a conferencista prossegue no mesmo tom dramático e incisivo:

«... os fatos que vou citar **provarão ir-re-fu-tà-vel-men-te:**

- a)— que a Terra está em perigo;
- b)—que a Humanidade e VOCE estão em perigo; e

c)—que a **sua** saúde, **sua**, família, **seu** negócio e **seus** descendentes **já estão sendo atacados** pela terrível irradiação atômica: **e esse é o maior perigo** — o perigo da irradiação atômica que nos está destruindo a todos nós, de modo **ir-re-me-di-á-vel**».

Dáí por diante, a tensão inicial diminui entre os presentes. As **provas** que a conferencista oferece ao público eram apenas transcrições de cartas endereçadas à sede central da A.M.I. e a opinião de seu próprio presidente e fundador, cujo corolário é uma incógnita: «... Só DEUS... e os habitantes de outros planetas e satélites **SABEM JÁ o que faz esse pó radioativo espalhado pelo espaço infinito...**»

O 2º PERIGO, MAIOR QUE O 1º — O PERIGO INTERPLANETÁRIO

A expectativa volta a aumentar, quando a conferência aborda o tema interplanetário:

«... esse perigo atômico que nos ameaça, **já está preocupando igualmente os habitantes de outros planetas.** A prova disto são as 22 mil observações feitas em todo o mundo, da aproximação dos Discos, Charutos e outros engenhos misteriosos a sobrevoar a Terra».

Historia a seguir como foi **documentada** a mais antiga observação nos idos de 1290, conforme consta dos arquivos da Abadia inglesa de Byland (no Yorkshire) «quando um disco prateado sobrevoou os domínios». Refere-se depois à **primeira fotografia** de tais engenhos obtida em 1883, no México, pelo astrônomo Bonilla, que «após constatar 143 discos voadores conseguiu fixar a forma de um deles, tornando possível obter-se a primeira fotografia histórica e científica desses engenhos mortíferos».

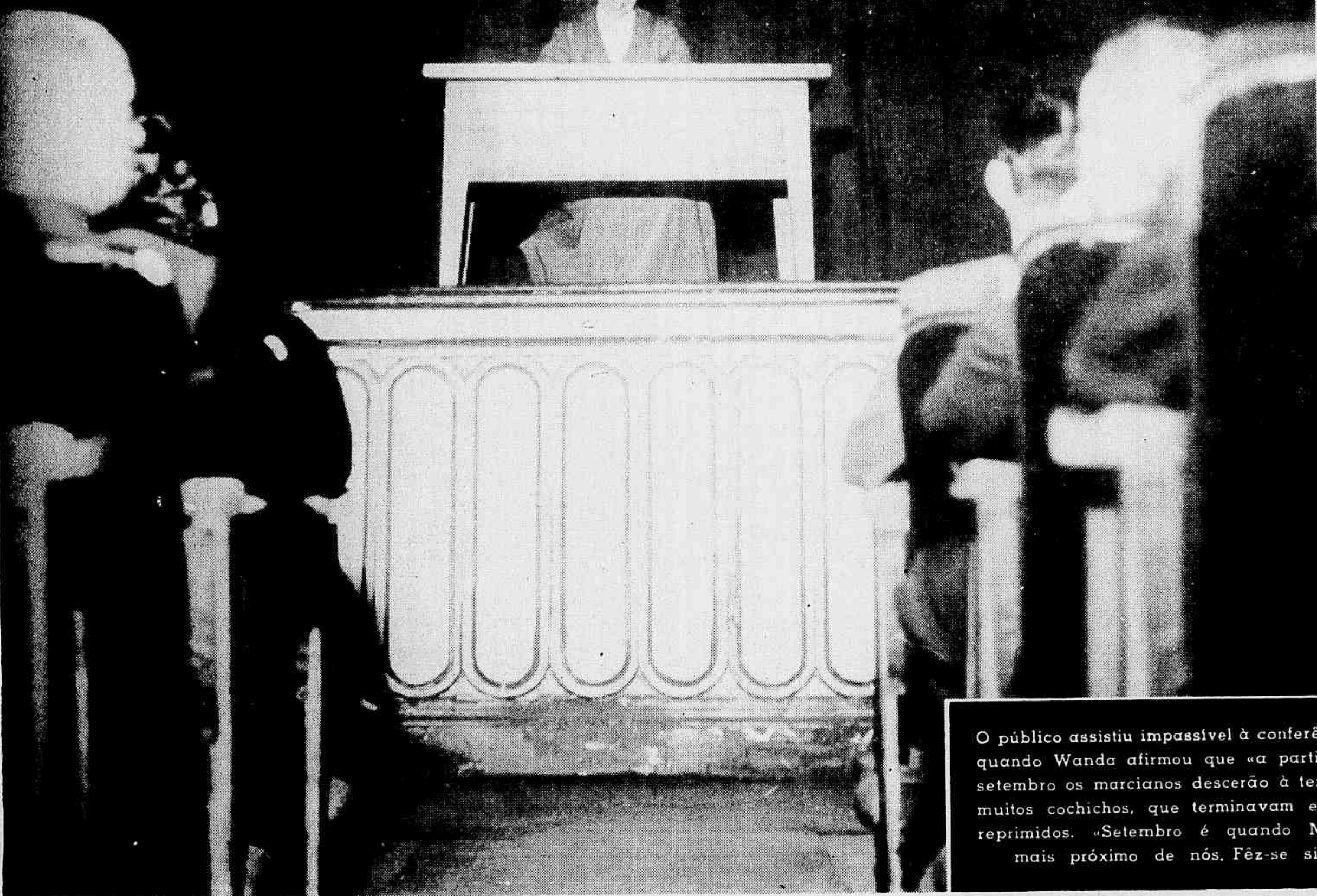
OS MARCIANOS QUE



Wanda Oiticica, ex-atriz de Comédia e cantora lírica, hoje convertida ao «ioguis-mo», é um dos «13 apóstolos» da Sucursal Latina da Associação Mundialista Interplanetária, nesta Cruzada de Alerta «contra os 3 maiores perigos que ameaçam a humanidade».

DESCERÃO EM SETEMBRO...

"Boa vizinhança interplanetária"



O público assistiu impassível à conferência. Mas, quando Wanda afirmou que «a partir de 4 de setembro os marcianos descerão à terra» houve muitos cochichos, que terminavam em sorrisos reprimidos. «Setembro é quando Marte está mais próximo de nós. Fêz-se silêncio.

JUSCELINO OCULTA A «VERDADE INTERPLANETÁRIA»...

Depois de explicar que **todos os chefes de governo** — inclusive o Presidente Juscelino Kubitschek — **SABEM DA REALIDADE SOBRE OS DISCOS VOADORES** e sobre os **SÉRES** de outros planetas que têm vindo **VIGIAR** a terra, mas que, por óbvias razões, «ocultam a verdade interplanetária» ordenando «rigorosa censura», prossegue a conferencista, citando a opinião de vários Chefes de Estado.

Maior tranquilidade reflete-se na platéia, quando ela repete as palavras de um discurso de Eisenhower pronunciado no ano passado:

«... não somos anti-diluvianos — falou Ike — porém, não procuramos nos assemelhar a esses marcianos que virão nos visitar, provavelmente, dentro de 300 ou 400 anos...»

Sorrisos mais francos desabrocham na platéia. Pela primeira vez a reação do público se faz sentir num murmúrio mais alto. A conferencista percebe e apressa-se em acrescentar, em tom ainda mais incisivo:

«... essas palavras do Presidente dos Estados Unidos são a **confissão oficial** de que **ELE TAMBÉM SABE QUE OS MARCIANOS VIRÃO...**»

Depois de acrescentar referências outras de «personalidades filosóficas», de comissões de inquéritos oficiais, de opiniões de «técnicos do ar» e do reconhecimento do fato pelos astrônomos, faz a mais importante de todas as comunicações:

JÁ ESTAMOS «ENCHENDO» OS MARCIANOS...

E' quando a conferência atinge o ápice. O público faz silêncio e ouve atento. E' um relato das importantes medidas tomadas pelos ha-

bitantes **extra-terrestres** contra a suprema ousadia desses pobres terráqueos:

«... além do depoimento de inúmeras pessoas que têm falado com os séres vivos dos discos, **todos** são unânimes em relatar o **desejo ardente** que os interplanetários trazem — principalmente os marcianos — de persuadir os habitantes da terra a deixar de brincar com energia atômica». Fatos evidentes demonstram que **ÊLES SÃO MELHORES DO QUE NÓS**, pois que, dispondo de meios técnicos e táticos infinitamente superiores aos nossos, **AINDA NÃO NOS INVADIRAM, NEM NOS «CONQUISTARAM»...**

Porém a paciência tem limites em todos os planetas do universo!

MEDIDAS PUNITIVAS PARA SETEMBRO...

Depois de relembrar o fato de que o piloto militar inglês B. Holding, decolou, perto de Chester, nas Ilhas Britânicas, para um voo de 2 horas e desde então «nunca mais se soube do homem nem do avião» num território controlado em cada metro quadrado como é a Inglaterra, prossegue:

«... isso prova que, forçados pela estultice e o temor dos terrestres, foram os séres interplanetários obrigados a tomar já algumas medidas punitivas ou preventivas».

A voz da conferencista cala-se por instantes. Vê-se que procura obter efeito para as palavras que vai pronunciar a seguir. A platéia não se move. Continua então:

«... Esperamos que de 1º de agosto vindouro, e especialmente de 4 de setembro de 1956 em diante, não se vejam os marcianos obrigados a usar da máxima aproximação de Marte para nos dar a lição que nos obstinamos em provocar».

Como setembro é data muito próxima, é natural que os comentários ressoem mais vivos entre os assistentes. Mas, os sorrisos nunca deixam de arrematar cada frase que sai sussurrada, pelo canto dos lábios.

«BOA VIZINHANÇA» INTERPLANETÁRIA

A conferência termina numa eloqüente exortação para que nos preparemos para **bem receber** os nossos vizinhos de Marte:

«... Séres de outros mundos virão **por bem** ou **intervirão por mal**, se acaso os forçarmos a isso. E' preciso que toda a humanidade se una para negar ao homem o uso bélico ou pacífico, da energia atômica. Isso é indispensável, urgente, inadiável. Preparemos a **união das mentes** para que, quando o desembarque destes séres se der, possamos nós recebê-los com calma, ordem, amizade e proveitos mútuos».

E a advertência final, reboa arrancando discretos aplausos da assistência:

«TODA POSIÇÃO DIFERENTE OU INDIFERENTE E' ASSASSINA OU SUICIDA!»

Escolha logo a atitude que v. vai assumir para recepcionar os nossos amigos marcianos que chegarão em setembro vindouro!»

O PORQUÊ DO SUCESSO DA CONFERÊNCIA

As revelações sensacionais que acabávamos de ouvir não teriam significação maior perante o público se não fôsse as qualidades de quem as proferia. Trata-se, porém, de um nome que alcançou certa projeção no cenário artístico do país, e que descende de tradicional família brasileira. A conferencista é a sra. WANDA OITICA, filha do conhecido professor José Oitica,



Wanda já cantou a Mme. Butterfly no Municipal do Rio. Hoje, como monja-ioga, canta psalmos na sua vida contemplativa. Ausentou-se do Mosteiro de Rezende para essa missão de alerta. «Minha família não aprova o que fiz e me acha meio louca, sei o que digo. Os cépticos verão...

lente do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, grande mestre-didático, autor de vários livros adotados oficialmente em numerosos estabelecimentos de ensino do país.

Numa família de 8 descendentes, Wanda e sua irmã Sônia Oiticica tiveram seus nomes em grande evidência nos meios teatrais. Sônia, como atriz do teatro de comédia, e Wanda como cantora lírica e camérista, com atuação marcante também na ribalta.

Ao retirar-se da mesa de conferência, uma pequena multidão posta-se estrategicamente para interpelá-la. As perguntas chovem de todos os lados, mas o repórter tem prioridade:

Falando com rapidez, Wanda Oitica resume para nós o que foi a sua vida até ingressar na nova seita que abraçou.

«IRMÃ FRANCISCANA» E NÃO WANDA...

— D. Wanda...

— D. Wanda, não! **Irmã Franciscana**, é assim que me chamo agora! Meu filho: vou resumir para você toda a minha história que não é muito longa. Estou com 47 anos e não tenho mais ilusões na vida. Casei-me aos 19 anos, e aos 21, divorciei-me. Tenho uma filha a quem muito adoro e estimo. Minha formação não sofreu influência de nenhum credo religioso, e nem eu tão pouco professei nenhuma religião. Meus pais também nada têm a ver com a maneira que escolhi para viver. Pelo contrário, **nenhum membro de minha família** veio sequer assistir a minha conferência... Minhas irmãs acham que fiquei louca, falando dessas coisas tão absurdas. Mas, eu bem sei o que digo.

Faz uma pausa e nos encara com seriedade. Depois continua:

— Assim como muita gente pratica «ginástica sueca», sem que ninguém se incomode com isso, eu, quando pequena, interessei-me pela prática do «ioga» — que é a superação do espírito sobre a matéria. O meu interesse pelo «ioguismo» me fez aproximar de um grande filósofo que também praticava o mesmo rito. Chama-se Sri Savānanda Swami, foi amigo particular de Ghandi e agora se encontra radicado no Brasil. Fundou um «monastério» para a prática do «ioguismo» onde se reúnem 13 discípulos, sendo eu um deles, com o nome de irmã Franciscana. Sevānanda é presidente, também, da Seção Latino-Americana da Associação Mundialista Interplanetária e incumbiu-nos de percorrer o Brasil nessa nossa urgente missão de Alerta. E' só.

O «MONASTÉRIO» DE REZENDE

Essas confidências Wanda Oitica as faz como preâmbulo e na presença de todos.

— Há 3 meses precisamente converti-me à seita «ioga». Fizemos votos de pobreza e nos dedicamos à contemplação e meditação. Vivemos de donativos. Mas, nada temos, e nada pedimos. Quando nos oferecem, aceitamos. E na hora «H» sempre aparece alguém a oferecer aquilo justamente de que mais necessitamos no momento. Seja alimento, vestuário ou pecúnia. A prática do «ioguismo» é dever primordial. Mas, agora, obedecendo às determinações do presidente da A.M.I., estamos em missão especial pelo Brasil.

ONDE DESCERÃO OS «MARCIANOS»?

Várias outras pessoas procuram, agora, falar ao mesmo tempo. Todas as perguntas contudo

se referem sobre a advertência mais sensacional — a chegada em setembro dos marcianos nossos vizinhos.

— Onde desembarcarão eles — é o que todos querem saber.

— Não sei. Sei apenas que **ÊLES VIRÃO**. Naturalmente, procurarão os locais próximos das fábricas de bombas atômicas. E' onde há maior perigo...

— Ouvi dizer — lembra alguém com malícia — que nas estepes siberianas há uma fábrica de uma nova bomba 1.000 vezes mais poderosa do que a bomba «H»... Se não me engano é em «Tchavokgrado», na Sibéria...

(A referência a «Tchavokgrado» é sem dúvida maliciosa, pois procura associar a designação «grado» que quer dizer «cidade» ao nome «chavoco», mentira, embuste).

Mas, «Irmã Franciscana» não parece haver notado perfídia, pois responde muito naturalmente:

— E' bem provável que sim... Não sei bem... Talvez seja por lá mesmo...

DIFUNDIR O «CORREIO INTERPLANETÁRIO»

Já de saída, Wanda Oitica faz um último e derradeiro apelo para que o público subscreva o «Correio Interplanetário», órgão oficial da A.M.I. e onde todas as informações sobre os «discos» vêm descritas com a máxima fidelidade.

— Estejais também vós preparados — exorta ao repórter — Transmitem o nosso brado de ALERTA aos leitores da vossa Revista, principalmente aos cépticos, para que estudem, documentem-se e rellitam ante a evidência. E aguardai, pois setembro não tarda...

A SEMANA EM REVISTA

INTERNACIONAIS

QUATRO PILOTOS poloneses, aproveitando-se de um momento de descuido de seus superiores, fugiram em dois aviões, de Semlo para a Áustria. Chegaram próximo a Viena e imediatamente solicitaram asilo político, que foi concedido.

★
ANTES DE partir para a Suécia, onde se classificou em terceiro lugar no concurso Miss Europa, Brunella Tocci exclamou pelo rádio: "Depois de mim, a mulher mais bela do mundo é Lollobrigida; depois, então, vêm Marilyn Monroe e Anita Ekberg..."

★
QUINHENTOS espanhóis, ex-componentes da famosa «Divisão Azul», que lutou ao lado dos alemães durante a última guerra, e que tinham sido aprisionados pelos soviéticos, serão agora repatriados, por intermédio da Cruz Vermelha.

★
ANNA MAGNANI recusou um grande contrato, para aparecer na Broadway com a peça "Orfeu nos Infernos", porque fazia questão cerrada da presença de Marlon Brando no elenco, e o ator não estava disponível.

★
A NOTA TRISTE da semana foi o naufrágio do «Andrea Doria» (orgulho da marinha mercante italiana, de 29.000 toneladas), ao ser abalroado pelo paquete sueco «Stockholm», próximo a Nova York. Ruth Roman, conhecida atriz cinematográfica, que estava a bordo com a filhinha, salvou-se a custo da morte. Outro navio será construído na Itália, com o mesmo nome do afundado agora, e deslocando a mesma tonelagem.

★
ADOLPHE MENJOU, conhecido por sua elegância, afirma que os homens mais elegantes de Hollywood são Noel Coward, Frank Sinatra, Fred Astaire e Douglas



◆ SACHA GUITRY e Danny Kaye, eis aí uma combinação dificilmente compreensível. O caso é que, cansado de tantos filmes históricos, Guitry voltou-se para a comédia e agora filmou «Assassins et Voleurs», ao lado do comediante. Na foto, Sacha e sua esposa.



◆ O GENERAL Nasser, Presidente do Egito, nacionalizou, num golpe de coragem e astúcia, o canal de Suez, após cercá-lo de tropas embaladas. Diz que reembolsará a Inglaterra de seus eventuais prejuízos, muito embora mais prejuízos tivesse tido o Egito, durante os oitenta e tantos anos que já durava o domínio britânico do dito canal.



◆ ESTHER WILLIAMS e seu marido, o jornalista Ben Gage, estiveram em Londres, onde a linda Esther se apresentou num espetáculo aquático (é claro)... O marido da estrela, que é bastante alto e volumoso, ganhou um apelido ultra-britânico: — «Big» Ben...



◆ ADLAI STEVENSON será, ao que parece, o provável vencedor das eleições norte-americanas. Eisenhower, devido às suas condições de saúde, estaria perdendo, segundo os últimos despachos, inúmeros eleitores.

Fairbanks Jr. Porém, os detentores oficiais do título são, atualmente, os comicos Jerry Lewis e Dean Martin...

★
O GALINHO branco que todos estamos acostumados a ver, nos cinemas, e que simboliza o jornal da Warner Pathé, vai silenciar dentro em pouco. Isto porque aquela companhia anunciou sua decisão de, a partir de agosto, suprimir seus filmes de atualidades.

★
LOLLOBRIGIDA ATUARÁ, ao que parece, no cinema americano, dentro de poucos meses. E, o que é ainda mais estranho, a seu lado estreitará, como ator cinematográfico, o próprio marido da estrela, doutor Mirko Skofic.

★
CUXHAVEN, cidade da Alemanha, é o primeiro porto europeu inteiramente desratizado: não

ficou um único camundongo, com efeito, em suas casas e ruas. Não havia dez anos, Cuxhaven era um verdadeiro território de ratos que ameaçavam apossar-se, praticamente, da cidade.

★
JAMES DEAN, que não faz muito o Rio apreciou em "Vidas Amargas", não teria morrido no desastre automobilístico de que foi vítima. Pelo menos, dizem na Itália que, com o rosto desfigurado, o ator retirou-se para uma casa de saúde, e em seu lugar foi sepultado um desconhecido que com ele viajava. Será possível?

★
NOVO MENINO-prodígio do cinema é «Bubu», de apenas três anos de idade. Bubu, que nasceu no Camerun, fez o seu primeiro filme ao lado de Sydney Bechet («Chacun dansa chance»). O pai de Bubu é um economista que mora em Paris.



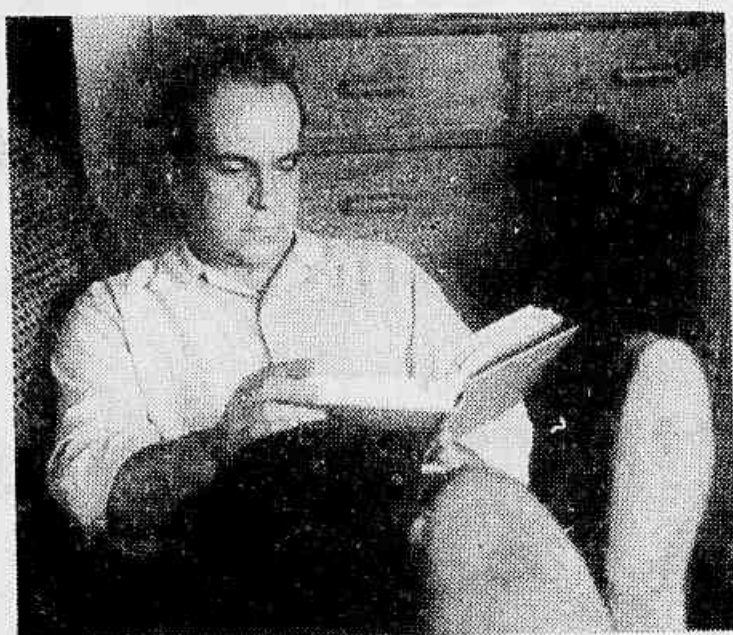
◆ QUANDO Anita Ekberg, loura estrela sueca que há pouco se casou com o inglês Anthony Steel esteve em Roma, um conhecido jornalista saiu-se com essa frase, que anda correndo de boca em boca: «Desde que Anita chegou, as sete colinas de Roma passaram a ser nove...»



◆ GLÓRIA May chegou de Portugal, a fim de depor no inquérito instaurado após a agressão brutal de que foi vítima. Logo depois de fazê-lo, regressará a Lisboa, cidade que lhe deixou gratas recordações. Por esse motivo seus amigos e admiradores lhe ofereceram uma suculenta feijoada, no Leblon.



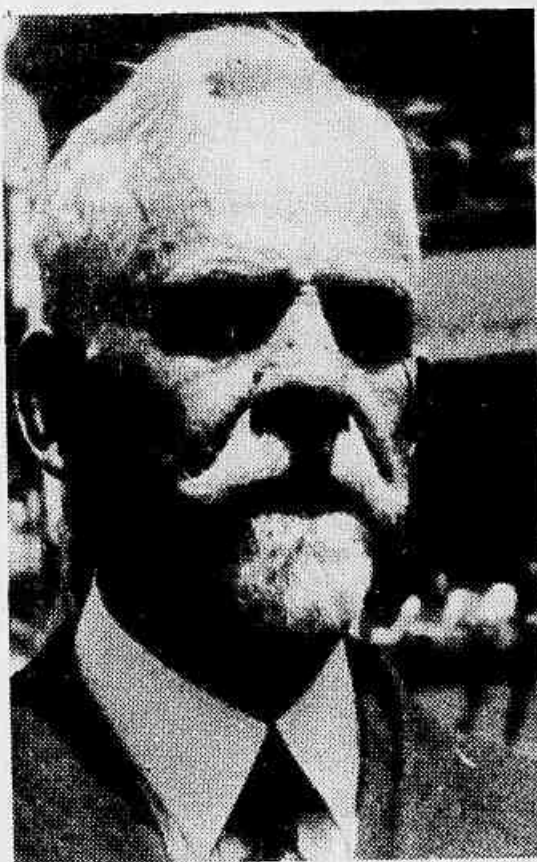
◆ RAIMUNDO BRITO é o novo membro da Academia Nacional de Medicina. Recebeu-o o professor Alfredo Monteiro. Agradecendo as frases do orador, Raimundo Brito fez o elogio de seu antecessor, professor Pedro Moura, e traçou interessantes considerações sobre a Medicina no Brasil. Ao lado de Deolindo Couto, que presidiu a sessão, via-se o ex-Presidente João Café Filho.



◆ O CRONISTA Van Jafa, sobre Marco Aurélio: «O nobre Marco Aurélio, no seu filosofar, já havia enunciado que a felicidade reside na renúncia de qualquer espécie de desejo. Pobre Marco Aurélio, que nunca soube o prazer de um bôlo de chocolate e o êxtase de contemplar o rosto da criatura amada como quem contempla um sol amanhecido».



◆ O PROJETO Denys, após muitos tropeços na Câmara Federal, passou ao Senado. Ali, continuou a oposição tremenda e cerrada da UDN, do PL e do sr. Alencastro Guimarães. Mas a iniquidade acabou passando, para escárnio de nossas tradições.



◆ WASHINGTON Luís, por falar em CPOR, será o patrono da turma que esse ano deixará o Curso, em Belo Horizonte. O ex-Presidente do Brasil, de há muito afastado da política, aceitou o convite que lhe dirigiram os rapazes de Belo Horizonte.

NACIONAIS

PIETRO UBALDI, conhecido cientista e escritor italiano, está no Brasil, e aqui realizará palestras e conferências. Ubaldi — que muitos acreditam ser a reencarnação de São Pedro — é autor de um livro admirável, chamado «A Grande Síntese».

★
NO JÓGO entre Botafogo e Vasco, primeiro clássico do Campeonato Carioca, a partida ficou interrompida por quase seis minutos. Motivo: Mário Viana, o juiz, verificou que a bola era oval... Providenciou-se outra, porém a outra também era oval; e aí é que se deu a coisa: só havia duas bolas em todo o Maracanã! Enfim, o juiz teve de aceitar a bola oval mesma, e a partida foi até ao fim. Ainda bem que não houve tentos.

AVANÇAR o sinal, agora, representará para o motorista infrator uma prisão simples, de 15 dias a 3 meses, ou multa de 300 a 2 mil cruzeiros. Vamos ver se assim diminuem os acidentes.

★
COMENTARIOS DE um jacobino, a respeito do último Concurso Miss Universo, enquanto via a bela Maria José Cardoso, com a faixa "Miss Brazil" ao peito: "Além de não respeitarem nossa economia e nossa política, ainda desrespeitam a nossa ortografia..."

★
O MAESTRO Villa-Lobos, que se encontrava fora do Brasil havia alguns meses, retornou da América, e logo de saída teve uma grande alegria: foi considerado isento da acusação de plágio que lhe fizera um infeliz. Um crítico americano disse que, juntamente com Sibelius, Villa-Lobos é o que de melhor possui a música contemporânea universal.

★
ENQUANTO O "Franklin D. Roosevelt" partia, de regresso aos Estados Unidos, a cidade recebia a visita dos marujos do "Esmeralda", navio-escola chileno, conduzindo cerca de cem cadetes andinos.

★
JUSCELINO KUBITSCHKE aceitou o convite do presidente do Uruguai, para visitar, dentro de alguns meses, aquele país. O sr. Zubiria, que acompanhou JK até ao Panamá, ficou encantado com o convite que lhe dirigiu o presidente brasileiro, para comparecerem juntos ao Panamá, e quer retribuir a gentileza.

★
UM DOS capoeiras que recentemente estiveram no Rio, "Mestre Bimba", assim explicou porque batizou de "Mulher Barbada" uma bebida fortíssima, de sua autoria: "Mulher barbada é mais forte que o comum das mulheres".

A semaninha

Seu grande dia se aproxima, papai! O único presente que lhe posso ofertar, são estas boas novas enviadas através de uma missiva a mais, e, mesmo assim, imagine, me foram cedidas pela imprensa cá do Rio:

Terminada a luta insana,
Quase morto dela sai
Nosso Valdemar Santana,
Papai!

O Tenório pela «viúva»
A «Lurdinha» trocar vai!
Também aquela é «uma uva»,
Papai!

Um concurso vamos ter:
«Limpar, Pintar e Sanear»!
Tem muito «ai», a meu ver,
Papai!

Os carros desta cidade
(Ladrões, p'ra frente roubai!)
Sumiram mais de metade,
Papai!

Amália com a «palavra»,
Chorai fadistas, chorai!
Não sei se ela... «se abra»,
Papai!

Cinco milhões empregados
Num microscópio, olhai!
E nós por cá «depenados»,
Papai!

O contrabando de estopa
Em bom linho transformai...
Mas não estive nessa «sopa»,
Papai!

Tudo que fôr Entrepósito
Logo à COFAP entregai!
Medida de grande gosto,
Papai!

Padeiros, o pão é nosso,
A tabela respeitai!
Comê-lo assim eu não posso,
Papai!

.....

Destas desgraças me salves
Ou vou chorar: ai! ai! ai!...
Perdoa feú
SANTOS ALVES
Papai!

M

AS, quando Aaron preparava a nota, o comerciante lhe fazia um sinal, para que collocasse os dezoito pences na coluna dos shillings. E se o freguês estivesse suficientemente bêbedo, e parecesse suficientemente rico, Aaron recebia a ordem de adicionar também, à mesma coluna, a data do mês... E o pobre judeu russo, embora não tivesse qualquer espécie de escrúpulo em aumentar o preço de um paletó, recusou diante de tantas falcatruas, e foi despedido sem indenização.

Após um ano de ocupações diversas, porém, Aaron conseguiu amealhar um limitado estoque de pequeninos utensílios, passando a comerciar com os mesmos. Partiu então para Manchester, centro mais lucrativo do que Londres. Depois que Yeuta morreu, apenas as coisas da religião lhe ocuparam o pensamento, e poucos homens, entre seus companheiros, se ocuparam tanto da religião, e tão pouco de negócios, como aquele pequenino judeu idealista.

Pois assim era aquele ser, que agora se comprimia entre milhares de outros, no interior da sinagoga. Assim era um dos mais desprezíveis membros de uma congregação que era considerada, por todo o mundo, como uma multidão imunda de pobres supersticiosos, e que, naquele momento, tremia de emoção no interior do edifício sagrado.

A imaginação oriental do auditório enfeitava as palavras simples e mesmo frias do orador, coloria-as, envolvendo-as em um véu de mistério e misticismo. Mas logo os suspiros, os gemidos irremediados daqueles miseráveis que o escutavam tocaram fundo a alma do pregador, que passou a vibrar igualmente ao sabor do mesmo ritmo. E então ergueu-se, diante de todos, uma visão de Israel dono novamente da Palestina, reino onde novamente correriam os rios de mel e leite, terra coberta de trigo e vinhas que seriam plantadas por suas próprias mãos, Sion enfim, em paz com o mundo inteiro, reconhecido o árbitro das nações, e assim realizando as palavras do Profeta: «Pois de Sion

tocar, através das palavras iluminadas de um rabino?... Ele, ele mesmo, poderia um dia sentar-se à sombra de uma figueira, tranqüilo, feliz, sem medo de ter de fugir, perseguido pelos risos de escárnio das crianças, tal como acontecia, quando passava na rua?

Esperava vagamente, durante a vida inteira, a realização de alguns milagres messiânicos, porém, aquela tarde as palavras mágicas do rabino como que lhe haviam de vez aberto os olhos. Bruscamente ele viu e compreendeu que em Israel cada homem seria o seu próprio rabino, e por conseguinte, tornar-se-ia cada ser um Messias.

Enquanto deixava a sinagoga, indiferente à imensa e barulhenta multidão que o comprimia, via-se em Sion, adorando a Deus em seu Templo sagrado, tão grande e majestoso, a seus olhos, como a Bolsa de Manchester... Sim, os judeus deveriam voltar à Palestina. Devia ser organizada imediatamente uma migração voluntária, intensa e racional: lenta, porém seguramente, os judeus reconquistariam o país, cessariam seu comércio com os pagãos, e voltados para sua terra, nela trabalharem, cultivando-a novamente. E a festa da Colheita brevemente tornar-se-ia uma realidade, e não mais uma série de sonhos e de pretextos para preces lamuriasas. Terminaria então a expiação de Israel, e as estrêlas matutinas novamente cantariam, tal qual no primeiro dia.

A caminho de casa, atravessando as sórdidas vielas de Ternie, de Verdon Street, olhava para as janelas sem cortinas das casas de um só andar, e sentia mais vivamente a miséria em que vivia, totalmente em desacôrdo com seus sonhos de felicidade futura. Mas, devaneando, via, ao invés de toda uma família numerosa encarcerada num único aposento, escuro e estreito, grandes fazendas e vastas extensões de jardins. Agora, que a religião o tinha contagiado por completo, começava a compreender a beleza da terra em que vivia.

Foi assim que Aaron tornou-se um cidadão moderno.

Atravessando em passos nervosos o quarto do mercador de aves (eles partilhavam juntos um mesmo lar, cada qual pagando um cômodo),



O PEREGRINO DA PALESTINA

virá a Lei, e a Palavra Divina virá de Jerusalém»...

Tal visão tomou conta de Aaron, como uma verdadeira intoxicação divina. Batia com os pés, aplaudia, gritava e chorava ao mesmo tempo. Sentia as lágrimas descendo pelo rosto abaixo, iguais àqueles rios que banhavam as terras maravilhosas de Sion. Mas então! Aquêlê sonho bom, aquela esperança que desde a infância o acalentava, exalada de cada livro infantil, não era, como até então acreditara, um sonho apenas, nem um glorioso mito envôlto em penumbra? Era qualquer coisa de real, de possível, que ele estava ali a ver, quase, a quase

deteve-se em dado momento para conversar com algumas mulheres que se entregavam ao trabalho de depilar uns franguinhos, sobre as grandes fazendas da Palestina, tal como as via em imaginação. Sentou-se a uma ponta do diminuto sofá que adornava a humilde sala, e falou em termos quase tão veementes quanto os do rabino que escutara, horas atrás. Não tinham acaso elas ouvido falar da Sociedade dos Amigos do Sion, e do grande movimento de colonização, que principiava a expandir-se pelo mundo inteiro?

— Mas, se em Israel todos possuem fazendas e granjas, quem há de comprar meus pobres

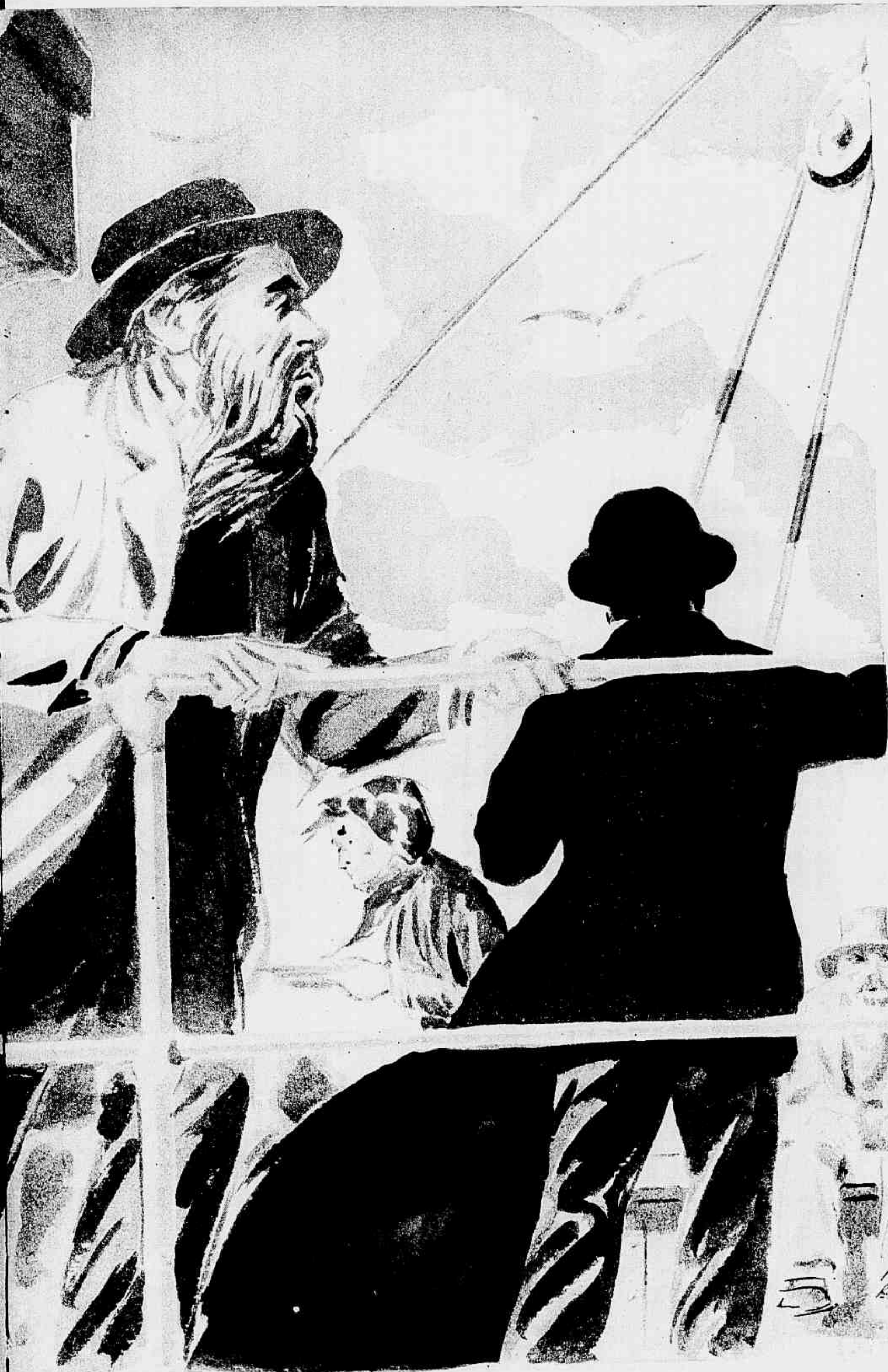
franguinhos? perguntou uma mulher.

— Ora, ninguém mais terá necessidade de vender aves.

Foi então a vez de o próprio comerciante abanar a cabeça, descrente:

— Qual... Quer-me parecer que toda a nossa comunidade se tornou louca. Quanto a mim, acho que quando o Senhor (bendito seja o Seu Nome) resolver conduzir-nos à Palestina, há de fazê-lo sem expor-nos a qualquer mal. Por acaso não está no Talmud: «Eu te conduzi-rei como sobre as asas da Águia»?

Aaron ainda tentou discutir, defendendo suas convicções com todo o ardor de um neófito.



Por ISRAEL ZANGWILL

Desenho de LLAMPAYAS

(Continuação do número anterior)

cio de ação. Assim êle economiza bastante para a grande viagem, e possuía inclusive um restinho de dinheiro, com o qual contava, tão logo chegasse à Terra Santa, iniciar um negócio qualquer, que lhe facultasse o viver, nos primeiros dias. E, uma vez, firmemente estabelecido na Palestina, como não saberia pregar aos seus irmãos do mundo inteiro, convencendo-os a fazer o que lhe havia feito! Ele, Aaron, o desprezado, o último dos filhos de Israel, poderia assim exercer um importante papel na restauração de seu povo!

— O senhor voltará... disse-lhe, irônicamente, o mercador de aves. E, parodiando o voto sagrado: «Até para o ano, em Manchester». As mulheres que tiravam as penas dos animais riam-se, às gargalhadas.

— Não retornarei, certamente. Não posso voltar. Vendi tudo o que tinha a Joseph Petowsky, e cedi-lhe igualmente minha clientela.

Alguns daqueles que haviam abandonado a Sociedade ainda tiveram a boa vontade (ou o remorso) de comparecerem à gare, a fim de apresentar ao viajante suas despedidas.

— Até para o ano, em Jerusalém! gritou-lhes Aaron alegremente, repelindo o ceticismo profano do comerciante de aves.

Seguiu de trem até Marseille, de onde seguiria, em navio, até a Ásia Menor. Foi uma viagem terrível. Seu zêlo religioso o impedia de comer ou beber em companhia dos pagãos de que o trem estava cheio, e até mesmo de se servir de seus utensílios. Sua valise continha alguns poucos mantimentos, e em todo o percurso êle apenas adquiriu algumas côdeas de pão mofado.

Após muito sofrer às garras de carregadores e de cocheiros, encontrou-se afinal a bordo do pequeno vapor mediterrâneo que, em velocidade regular, e mediante um pagamento bastante elevado, levava passageiros para o Oriente Próximo. Ali também não cessou de ser sacudido e incomodado por mau tempo e toda a espécie de tempestades.

Dormia a um canto da ponte, onde uma multidão de seres pitorescos e miseráveis, pobres rebutalhos da humanidade, dormiam vestidos com suas únicas roupas, que nunca tira-

ENCONTROU-SE, AFINAL, A BORDO DO PEQUENO VAPOR QUE LEVAVA PASSAGEIROS PARA O ORIENTE...

Durante os dias que se seguiram, Aaron percebeu, entusiasmado, que muitos fiéis que haviam escutado as palavras do rabino, tinham ficado a pensar, como êle mesmo, em milagres da Providência. Formou então uma pequena sociedade, composta de todos aqueles que desejavam regressar à Palestina, a fim de, em Jerusalém, lançar a semente do Reino, não só metaforicamente, mas também na realidade. O entusiasmo não durou muito, porém. Pouco a pouco, à medida em que se abrandavam as reminiscências das palavras do rabino, desorganizava-se a confraria dos Peregrinos da Palestina, desorganizava-se de tal maneira que, mui-

to em breve, Aaron, o qual fôra seu idealizador, tornava-se também o seu único associado. Mas nem assim sua fé e resolução se abalaram.

— O senhor é sôzinho no mundo, pode dar-se ao luxo de tais aventuras, diziam-lhe os outros. Nós, porém, temos mulher e filhos para alimentar.

— Sim, eu seria sôzinho, se não tivesse a minha fé.

Com efeito, sua crença no Reino de Jerusalém era inquebrantável. Cada homem devendo ser o seu próprio Messias, pelo menos êle, Aaron, não recuaria diante da enxurrada de seus projetos, que já eram, de certo modo, um iní-

vam, em ocasião alguma. Havia ali toda uma grande ninhada de crianças de tenra idade, uma arca de Noé de animais domésticos e de aves em gaiolas, uma montanha de utensílios e de pessoas esparramada sobre o convés. Ali estavam beduínos, armênios, espanhóis, um turco acompanhado de suas espôsas, e que armara sua tenda ali mesmo, algumas mulheres gregas, sírios e libaneses. E judeus, muitos judeus. Porém Aaron não travou logo conhecimento com êles, pois estavam muito longe de seu alojamento, e êle, o pobre diabo, encontrava-se morto de fome e terrivelmente enjoado.

(Continua no próximo número)



Copyright Keystone e Ed. Horay

Especial para a REVISTA DA SEMANA

EXPRESSO «Flexa Vermelha» deve partir dentro de meia hora. Fácilmente Ioffe poderia apANHÁ-lo, e chegar, horas após, a Leningrado. Porque então recorria a ele, Kapitza? Enfim, conhecia muito bem seu velho professor, para duvidar de que tivesse motivos para assim agir. Logo estão ambos num automó-

vel, na estrada que leva a Leningrado. Passados os subúrbios da capital russa, Ioffe vira-se para o impassível Kapitza:

— Piotr, pergunta de inopino, quais são as tuas verdadeiras intenções?

— Foi o ditador do Kremlin quem te mandou? pergunta Kapitza ao cabo de alguns minutos. Ioffe não responde.

Seu companheiro põe-se então a narrar seus planos formidáveis: fala do fantástico ciclotron de Leningrado, do vale do lago Sevang, de Bai-

kal-Rngara, de Karanganda-Semipalatinsk, de todos os projetos, enfim, que havia confiado a Beria ou a Jdanov. Dessa vez, quase se convence a si mesmo.

Ioffe, porém, se mantém imperturbável.

— E' preciso que se acabe aquilo que apenas está esboçado. A turma do Kremlin não há de acreditar sempre em tuas fantasias, Piotr. Em teu lugar eu teria mais cuidado com os planos...

Por volta de oito da manhã, detêm-se diante do portão principal da O.K.B. Não é onde trabalha Ioffe. Foi, pois, intencionalmente, que o velho conduziu até ali Kapitza. Os dois chegam a tempo de recolher os últimos gemidos de Magdessiev, o qual morre sem os reconhecer.

O professor Nicolas Magdessiev, ao qual a artilharia soviética deve quase todas as suas descobertas e aperfeiçoamentos, acabara de desaparecer, minado pela tuberculose, aos cinquenta e quatro anos. Contraíra-a nos cárceres

comunistas, e sua saúde agravara-se mais ainda nos trabalhos forçados a que o haviam submetido.

Kapitza deparara várias vezes com a morte. Dessa porém sentiu-se aniquilado, fulminado por um raio. Não terá sido por culpa sua que esse homem, tão instruído e bom, encontrou a morte terrível? Se tivesse pôsto mãos a obra, desde o início, na manhã, mesma, que se seguiu ao jogo de xadrez com Stalin, quem sabe Magdessiev não teria recuperado a liberdade?

Porque, afinal de contas, não era raro comutar-se uma pena de dez anos de trabalhos forçados em outra de dois anos de trabalhos simples. Rafalovitch, por exemplo, fôra contemplado com essa atenuação.

Kapitza não é, de modo algum, um sentimental. E no entanto, seus lábios estão descoloridos, quando abandona a câmara mortuária...

Essa morte constituiu um acontecimento. Já lá estão, junto ao cadáver, Beria e Jdanov.



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Piotr Kapitza, físico russo de nomeada internacional, está de volta à pátria, após um exílio voluntário na Inglaterra. Stalin mandou chamá-lo, certa ocasião, no hotel em que estava hospedado, e lhe confiou os planos de torná-lo o chefe de uma campanha que visava colocar a União Soviética na vanguarda das pesquisas atômicas. Aceitou, após alguma relutância, e percorreu a Rússia em várias direções, a fim de selecionar, aqui e ali, seus principais colaboradores nessa campanha sem paralelo na história da ciência soviética. A fim de disfarçar o verdadeiro sentido da pesquisa, despistando os abelhudos e os espões, organizam-se os cientistas em uma sociedade musical, passando, aos olhos do público, como inocentes admiradores dos quartetos, quintetos e octetos de Bach, Haydn, Schubert e Beethoven...

— Estamos apenas no início, retruca Kapitza, aborrecido. As construções só estarão terminadas dentro de ano e meio, no mínimo.

— Você quer dizer dezoito meses? Não serão antes dezoito semanas?...

Kapitza domina-se. A presença do morto dá-lhe porém forças. Contemporiza.

Vai ser iniciada a parte mais delicada da operação. As pesquisas, propriamente ditas, estão para ser atacadas. É preciso coordená-las ao máximo, bem como acelerá-las.

OS MÚSICOS...

Para terminar, as seguintes decisões são tomadas:

Os trabalhos serão levados a efeito segundo duas orientações: tendo por finalidade a fissão (divisão do núcleo atômico) ou a fusão (combinação dos átomos). Cada um desses intentos deverá ser estudado por dois, três ou quatro sábios, os quais agirão separadamente, a fim de que não haja qualquer espécie de colaboração de um com outro, colaboração que talvez viesse a prejudicar o trabalho de pesquisa geral. A equipe que melhor aproveitar o tempo não deixará de ser recompensada.

Partiu tal idéia do paralelismo das pesquisas do próprio Kapitza, o qual fez sair da prisão seu maior rival, seu mais perigoso emulo.

Kapitza, o homem do hidrogênio, optará naturalmente pelo caminho da fusão. Ficará em

Um dia, porém, após meses de ausência, reaparece em ação, armado nas altas vestes de chefe supremo do N.K.V.D. Foi somente para assegurar esse cargo que não se deixou ver durante tantos meses. E mais: demite Iejov, e Bermann igualmente. Beria, pois, não abandonou de todo o projeto: pelo contrário, acompanha-o interessadamente, com todo o peso de seu imenso orgulho.

Malgrado sua vida passada, cheia de crimes, Beria sabe porém portar-se como homem brando e judicioso: os cientistas, quanto a isso, não têm queixas a seu respeito. Sob o domínio de Bermann, sua situação era pior ainda.

Beria explica:

— Essa lei é categórica. Ninguém deve saber quando nos reunimos. Que pensariam os cientistas estrangeiros, se soubessem que os maiores sábios da Rússia se reúnem periodicamente? Assim, espalhemos que nossas reuniões são musicais.

Desde então, como existe em Moscou uma famosa Sociedade de Amadores de Música de Câmara, os concertos se repetiram indefinidamente. Há tantas outras sociedades musicais em Moscou, quem iria prestar atenção em mais aquela? A orquestra está assim composta: regente, Kapitza; Vavilov toca piano; Ioffe é violinista (aos doze anos, foi menino prodígio); Kourtchatov toca violoncelo...

E' preciso reconhecer que todos eles eram realmente músicos amadores. A idéia de formarem uma orquestra, porém, partiu de Beria.

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Idanov passa de relance, porém Beria fica mais tempo. Deseja aproveitar a ocasião.

Passada a primeira emoção, atrai a atenção de Kapitza, e leva-o até ao quarto de Magdesiév. Um pequeno silêncio inicial, e depois o ataque.

— Quando é que o senhor pretende começar?

Se lósse Ioffe a formular a pergunta, a resposta não se faria esperar. Era Beria, porém, responsável por alguns milhares de mortes semelhantes à que ele acabara de presenciar. Kapitza contém-se. Responde calmamente, quase friamente.

— A coisa não é tão simples, a despeito de nossa carência de tempo. Antes de tudo, é necessário aumentar as instalações de Moscou, como já ficou estabelecido entre nós. Depois então...

— ... Depois o que? Já começamos há alguns meses e até agora apenas vejo planos e mais planos.

Moscou. A síntese dos dois grupos será levada a efeito por Vavilov, o qual, como diretor do Instituto de Física de Leningrado, partilhará o tempo de que dispõe em peregrinações constantes entre ambas as cidades.

Kourtchatov, o maior «fissionista» da União Soviética, tem intenção de atrair para seu campo de atividades Kapitza. Seu colaborador número um, Dorfmann, partiu para a região de Baikal-Angara. Vai dirigir a instalação mista que seus principais adversários, Kapitza e Kourtchatov, utilizarão como base.

Ioffe continuará exercendo suas funções de **manancial de conhecimentos gerais**.

Essa divisão de forças não se realiza assim da noite para o dia. E' preciso uma preparação de meses para levá-la a efeito. Idanov não quer nenhuma precipitação. Ele em pessoa se faz representar nas operações, e Beria, ditador do Cáucaso, desaparece como que por magia da cena.

De quando em quando, essa pequenina orquestra de câmara entrega-se a inúmeras atividades — até música produz...

UM BAILE IMPROVISADO POR BERIA

— Abram FEODOROVITCH, é você mesmo?

— Não, não sou eu, pois não disponho de tempo para perder com engraçadinhos. Hoje, não.

A cólera do professor Ioffe se justifica. Acaba de chegar de avião de Leningrado, a fim de tomar parte em um caso urgente com o Gabinete da Academia. Passará apenas uma hora em Moscou, e nem mesmo telefonará para a irmã, que ali reside.

— Abram FEODOROVITCH! Escute! diz a voz, do outro lado do fio. Escute, por favor! Tenho um presente para você, um presente de Natal!

(Continua no próximo número)

Depois
da eleição



JUAREZ SUSTENTA SUA TESE SÔB

DIAS PASSADOS, A ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA CONVIDOU O GENERAL JUAREZ TÁVORA PARA USAR DA PALAVRA A UM GRUPO DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS QUE ALI REALIZAVAM UM CURSO ESPECIAL. FÊ-LO JUAREZ, COM HABITUAL FRANQUEZA, FERINDO EM CHEIO OS PONTOS NEVRÁLGICOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, TAL COMO NA SUA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 55. MAS O QUE S. EX.^a IGNORAVA É QUE ENTRE OS CEM ALUNOS PRESENTES, UM — O SIGNATÁRIO DÊSTE ARTIGO — JULGOU OPORTUNO ANOTAR AS SUAS PALAVRAS SEMPRE SÁBIAS E ÚTEIS, E QUE PASSAM A SER REPRODUZIDAS AGORA NESTE ARTIGO

Texto de HINENNY G. FERREIRA

DENTRE os candidatos à Presidência da República, nas eleições de 1955, foi o general Juarez Távora o único que preconizou, em plataforma política, a Reforma Administrativa do Brasil, como o primeiro passo para solução dos males que afligem a vida administrativa do país, e conseqüentemente a disciplinação, uniformidade e racionalização dos poderes públicos, que, segundo S. Exa. padecem de um mal crônico: a estagnação. Nada de positivo, metódico e racional, no seu entender, se fez nestas últimas décadas, visando o progresso e a normalização da administração pública.

Vale lembrar que o então candidato da «revolução pelo voto» já naquele tempo defendia o princípio da racionalização administrativa da nação, em entrevista exclusiva concedida à REVISTA DA SEMANA.

Mesmo derrotado, nem por isso abandonou a luta, continuando hoje, como ontem, o mesmo batalhador idealista, crente de que somente a reforma que preconiza remediará o mal do Brasil. Fosse ele o vencedor a 3 de outubro, e a estas horas estaríamos testemunhando uma luta gigantesca nas Casas do Congresso Nacional: a luta pela metodização administrativa do país.

Agora mesmo, a convite da Escola Brasileira de Administração Pública — EBAP — da Fundação Getúlio Vargas, o general Juarez Távora, em conferência pronunciada no auditório daquela escola, voltou a abordar o assunto para mais de uma centena de alunos dos Cursos Especiais da Fundação, todos eles funcionários públicos, inclusive inúmeros hispano-americanos, e o fez, como tem feito até agora, com aquela ênfase que tanto o caracteriza.

Iniciando sua preleção, afirmou o general que não havíamos ainda equacionado, como comunhão nacional, nossos problemas básicos, inclusive, em primeiro plano, aquele a que denomina de o problema da Organização Nacional, e que entre as questões ligadas ao mesmo estavam a exigir solução urgente, as seguintes: uma cooperação efetiva entre os três poderes harmônicos e independentes — Legislativo, Executivo e Judiciário; um controle mais efetivo dos abusos cometidos, sobretudo pelos dois primeiros desses poderes, contra interesses individuais e coletivos; uma distribuição coordenada e racional de funções e conseqüentemente de rendas entre as três órbitas administrativas — Federal, Estadual e Municipal; um reajustamento mais equitativo do quadro territorial dos Estados, complementado pela sistematização do desdobramento municipal, e pela interiorização da Capital Federal e, finalmente, uma revisão estrutural e funcional dos órgãos do Poder Executivo, capaz de permitir-lhe uma atividade planejada, coordenada e efetivamente controlada, no campo administrativo.

Em seguida, declarou ser o problema da racionalização administrativa preliminar em relação aos demais, inclusive o da Organização Nacional, e que, sem a sua prévia solução, não parecia viável um equacionamento satisfatório de qualquer dos nossos problemas, e, menos ainda, a realização metódica e eficiente das respectivas soluções.

Passou o conferencista, a essa altura, a enumerar as deformações funcionais do nosso mecanismo administrativo, dentre os quais salientava o da hipercentralização de atribuições nas alçadas mais elevadas, com tendência a sublimar-se na Presidência da República, sobrecarregando tais escalões administrativos fundamentais intransferíveis, como as ligadas ao planejamento, à coordenação e ao controle efetivo da administração — como quer Fayol — e também o cerceamento progressivo do espírito de iniciativa e capacidade de decisão dos elementos hierarquicamente subordinados — a começar pelos Ministros de Estado — especialmente no tocante à gestão pessoal, individualista, hoje enfeixada, em seus mínimos detalhes, como nunca visto até então, nas mãos do Presidente da República. A esse propósito — e razões não faltam ao general Távora — veja-se o que ocorre com a nomeação de um simples faxineiro para o serviço público federal ou autárquico no Amazonas...

Depois de caracterizar aquilo que se chama anomalias estruturais, quais sejam a inexistência de órgãos permanentes especializados e controle administrativo; a criação abusiva de órgãos executivos diretamente

ligados à Presidência da República e a constituição e atribuição empíricas de órgãos subordinados para integrarem os Ministérios e os altos órgãos da administração pública — defendeu S. Exa. fundamentalmente o processo de racionalização administrativa, o qual abrangia várias medidas práticas e objetivas, como, por exemplo, a da criação de órgãos permanentes de planejamento, coordenação e controle das atividades administrativas, capazes de proporcionar à administração pública uma concepção harmônica de conjunto e uma execução realmente coordenada e controlada, e, ainda, entre outras, uma necessária translação de funções, de cima para baixo (descentralização administrativa), a fim de aliviar os encargos burocráticos dos agentes hierarquicamente mais categorizados, e cultivar o espírito de iniciativa e correspondente responsabilidade de agentes em contacto imediato com os fatos administrativos em todos os recantos do país.

E para complementar esse processo, de racionalização, acha o general Távora que necessário seria tratar-se do relotamento racional dos quadros do funcionalismo público, de sua seleção, e da delimitação de suas funções de responsabilidades.

— «Por pensar assim — acentuou então — é que se propala maldosamente por aí ser eu inimigo do funcionário público. Nada mais falso!»

Após esquematizar para a assistência a nova estruturação administrativa do país, que seria posta em prática caso vencesse as eleições presidenciais, o general Juarez Távora fez uma série de observações sobre o planejamento e execução administrativa, salientando que o planejamento primário processado na Presidência da República, por exemplo, abrangeria os objetivos gerais a atingir; os recursos globais necessários para atingi-los; as condições gerais de execução, e, finalmente, a repartição dos encargos correspondentes entre os mais altos escalões da administração (Ministérios), e que a elaboração orçamentária a ser submetida, anualmente, à deliberação do Congresso Nacional, seria da alçada da Presidência da República, visto como o orçamento retrata, de certo modo, o plano de administração do governo.

Segundo o esquema já referido, os quadros administrativos do país ficariam reduzidos a seis ministérios básicos, que abrangeriam os aspectos essenciais da administração, limitando ao menor número possível os grandes órgãos diretamente coordenados e controlados pela Presidência da República, para que ele os possa coordenar e controlar efetivamente, bem como grupar, em cada Ministério, serviços que constituam, funcionalmente, um todo conexo e logicamente complementar, conduzindo, por atividades convergentes ou paralelas, à realização de um amplo objetivo político, econômico ou social.

A concepção global de um plano de governo abrangeria os seguintes aspectos essenciais: coordenação da política interna; desenvolvimento econômico; equilíbrio financeiro; progresso e harmonização social; Segurança Nacional e relações internacionais. Assim, seis seriam os Ministérios: Relações Exteriores (Política Internacional); Relações Interiores (Política Federativa Interna); Defesa Nacional (Política Militar de Segurança); Coordenação Econômica (Política de Expansão e Disciplinamento Econômico); Bem Estar Social (Política de Progresso e Humanização Sociais) e Atividades Financeiras (Política Financeira e Execução Orçamentária). E dentro desses Ministérios, as competentes Secretarias de Estado, as quais ficariam encarregadas da gestão de determinados setores integrantes da finalidade geral (política, econômica ou social) dos grandes órgãos integrados, que passariam a ser os Ministérios.

No Ministério da Defesa, por exemplo, três seriam as Secretarias de Estado: a da Defesa Terrestre (Exército); a da Defesa Marítima (Marinha) e a da Defesa Aérea (Aeronáutica).

Após tecer outras considerações de ordem geral, assim concluiu o general Juarez Távora a sua preleção:

— Porque o Brasil, senhores, marcha vertiginosamente em busca do progresso, e não há força nenhuma capaz de detê-lo nessa ascensão, para tanto necessitando que todos os seus filhos, deixando de lado quaisquer ressentimentos possíveis, dêem-se os braços fraternalmente e trabalhem por uma Pátria melhor, sonho dos nossos antepassados, realidade presente e legado glorioso que daremos aos nossos filhos.

RE A REFORMA ADMINISTRATIVA

A NOVA MARILYN QUER SER

"LADY

MACBETH"

DE COVER-GIRL ESCANDALOSA À ARTISTA DE MÉRITO, APÓS 2 ANOS DE ESTUDOS APURADOS

★ MADAME ARTHUR MILLER, SUAS NOVAS IDÉIAS E SEUS FUTUROS PLANOS

★ AS CONSIDERAÇÕES DE JOSHUA LOGAN SOBRE O TALENTO ARTÍSTICO DE MARILYN MONROE



MARILYN MONROE, NUM INTERVALO DA FILMAGEM DE "BUS STOP", AFIRMA COM DECISÃO :

«Esta Marilyn Monroe que o mundo tem no momento deve ser, — declarou um cronista da Broadway —, uma novíssima Monroe, uma artista desejosa de galgar um lugar ao sol, junto dos grandes astros do cinema de ontem, de hoje e mesmo do futuro! E quem nos impede de pensar que vamos ter nela uma comediante tão fina quanto Jean Harlow na última fase de sua vida? Quem sabe se não a teremos como uma nova e inconfundível estrêla do cinema de qualquer latitude?»

Tais afirmações e tais indagações tiveram resposta quando os autores desta reportagem foram avistar Marilyn Monroe, atual senhora Arthur Miller, em Phoenix, típica cidadezinha americana, onde a estrelíssima estava filmando algumas cenas de «Bus Stop» (Parada de ônibus), sob a direção de Joshua Logan, o diretor de «Pic-Nic» e de tantos sucessos na cena de Nova York.

♦ PHOENIX — 10.000 atores. Um diretor com o megafone na mão. Uma jovem loura e curvilínea entre a multidão. Na arena vaqueiros e cavalos fogosos. Um vozerio ensurdecador e, mais ou menos, uma confusão total. De repente, Logan, um homem alto e forte, com toda a força de seus pulmões dá ordens irrevogáveis, e tem início a filmagem com outra espécie de ruído, pois agora aquela multidão aplaude os vaqueiros e chama-os pelos nomes. Aplaudem e, felizes, submetem-se ao que o diretor ordenou que fôsse feito. Logan afirmou que estas

cenas serão mais movimentadas e intensas que as de seu primeiro filme, «Pic-Nic». A multidão levanta-se e o rodeio está no auge. A loirinha, que todos já sabem ser Marilyn Monroe, caminha abrindo passagem por entre as arquibancadas. Foi então que aconteceu aquele pequeno desastre, — Marilyn tombou na arena, não muito longe das patas dos cavalos não domesticados. Imediatamente foi levada em padiola para uma clínica local.

♦ HOTEL SAHARA. Ali, instalada numa elegante «suite», está uma estrêla famosa. Seu passado, cheio de contrastes, oferece um rico material para qualquer gênero de reportagem, bastando lembrar aquela história da folhinha com a figura de seu corpo nu... Mas isto não é o que desejamos comentar no momento. Desejamos é ver «a nova Marilyn Monroe», aquela que estourou a maior «bomba» ao se recusar a filmar três películas nos estúdios da Fox, e que abandonou Hollywood por dois anos para matricular-se como qualquer novata, no «Actor's Studio» e estudar com Elia Kazan; aquela que andou vendo tudo quanto de bom e sério se fazia em Nova York em matéria de teatro, televisão e até de novelas radiofônicas e sempre, também, atenta aos últimos sucessos das editoras de livros. Marilyn, durante o tempo em que ficou no leito, só fez uma coisa: ler, estudar e, claro, conceder algumas entrevistas. Ao seu lado, um homem de aspecto sério e observador, seu instrutor dramático, que ela paga régimento. Ela,



De CECIL SMITH e ADRIAN BELL

Especial para a REVISTA DA SEMANA
Fotos T. C. FOX

“QUERO SER A ATRIZ QUE SONHEI VIR A SER, QUANDO COMECEI MINHA CARREIRA E ERA POBRE”

A NOVA MARILYN



MARILYN MONROE fez questão de que seu galã, no filme «Bus Stop», fôsse o jovem ator cinematográfico Don Murray, com quem aqui aparece contracenando. Somente com este trabalho, Don Murray alcançou as honras do estrelato. Com Joshua Logan (em baixo), um dos mais famosos diretores de cinema e teatro dos Estados Unidos, Marilyn Monroe conversa, enquanto toma a sua refeição, no intervalo das filmagens. Logan põe a mão no fogo pelo talento da bela Marilyn.

M.M.M. (Marilyn Monroe Miller), sabe que só triunfará quando a sua inteligência triunfar sobre a sua beleza. A beleza passa, mas a inteligência fica. Este é o drama que no íntimo vive Marilyn, casada com uma das mais conceituadas figuras da intelectualidade americana. Não duvidamos da sua vitória. Marilyn nunca foi a bobinha que muita gente acreditava ser. Haja visto a sua luta com os estúdios da Fox, que redundou numa vitória espetacular para ela, e no mais vantajoso contrato obtido por um astro do momento. O amor será a alavanca que impulsionará a nova carreira e a nova personalidade desta bela mulher.

6.000 milhas (10.000 quilômetros) foi quanto percorreu um jornalista londrino para vir entrevistar Marilyn. E desde antes do acidente que ele não fez outra coisa senão ficar olhando para tudo, menos Marilyn. Seu desespero foi ao auge e todos viram extinguir-se aquela calma britânica, e o homem exclamar:

— Afinal, quem pensaria que ela seria uma nova Greta Garbo? Estamos diante de uma nova esfinge?!

Marilyn tem o contrato que desejou ter. Tem os argumentos que desejava ter. Sabe-se garantida em cem mil dólares por filme. Pode escolher o diretor que quiser, e recusar qualquer-

oferta em matéria de espetáculo ou publicidade. No entanto a vitoriosa estrela não se mostra segura quando em reunião com o mundo da imprensa. Que se passa? Que conflito há nesta batalhadora mulherzinha? Ela fala hesitante e incerta sobre seus assuntos íntimos.

— Eu não quero ser a estrela de Hollywood, — diz M.M.M. —, mais bem paga do mundo. Quero ser a atriz que sonhei ser quando era pobre.

Alguém, então, lembrou que ela gostaria de ser «Lady Macbeth». Sem mudar de tom, sempre sorridente, ela explicou:

— Eu não conheço Shakespeare. Agora é que começo a ler suas obras. Uma arte verdadeira não precisa ser trágica. Pode-se ser artista vivendo um clima de comédia dramática. Neste ou naquele gênero, deve haver uma interpretação real para dar uma impressão de cotidiano, tal como foram os personagens de «O Pecado Mora ao Lado» e como serão os heróis de «Bus Stop». Rememora seus dias no «Actor's Studio» com Mr. Strassberg, onde andou pesquisando-se para «ver o que poderia render nas mãos de um bom mestre». Voltou para Hollywood com a impressão de que seria, um dia, uma atriz aceitável. Atualmente vota seus esforços para comprovar a forte confiança que nela depositam seus amigos verdadeiros, e até a própria Fox. Mesmo em face dos mexericos de Hollywood, M.M. mantém uma atitude de plena calma e revidou o «gossip» com estas palavras:

— Eu nunca disse que odiava Hollywood. Aqui fiz meu lar, e não posso fazer de minha casa uma vitrina para as colunas de notícias, nem sempre verdadeiras. Eu tinha — (e tenho) — minhas ambições, mas elas ficam na porta da rua quando eu volto do estúdio. Quando eu era modelo, o meu sonho máximo era ser «cover girl» do «Ladies Home Journal», «See» ou «Life». Hoje mudei. Quem me nega esse direito? Entendem o que quero dizer?

♦ **CONCLUSÃO.** Tudo muda. Tudo cresce. Tudo se transforma. Tudo começa em algum lugar, tal como uma flor começa por uma semente. Se M.M. se tornar uma boa ou grande atriz é problema de lhe darem uma oportunidade. «Eu acredito no talento de Marilyn Monroe, na sua sensibilidade e no seu poder criador. Eu, Joshua Logan, homem com mais de vinte e cinco anos de «metier» artístico, afirmo que a dirigiria em quantos filmes ela quisesse fazer comigo, e reafirmo que ela é uma das melhores artistas de nossos dias. Sua beleza e seu perfeito corpo são detalhes que lhe adornam outras qualidades».



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Onde ficam as Montanhas Indocuche:
 - Na Índia?
 - No Afeganistão?
 - na Indonésia?
- 2—Até 1924 a capital da Noruega, Oslo, chamou-se:
 - Copenhague?
 - Cristiânia?
 - Bergen?
- 3—Criou o prêmio «Deutsche de la Meurthe»:
 - Deutsche de la Meurthe?
 - Henri Deutsche?
 - Hans Deutsche?
- 4—O explorador Livingstone morreu em:
 - 1914?
 - 1897?
 - 1873?
- 5—Donati inventou que instrumento musical:
 - o piano?
 - a ocarina?
 - o violoncelo?
- 6—Mac Mahon perdeu a batalha de:
 - Marne?
 - Sedan?
 - Dunquerque?
- 7—Foi o principal antagonista de Tomás de Aquino:
 - Duns Scott?
 - Alcarismi?
 - Ibn Sina?
- 8—Escreveu «Sagarana»:
 - Alphonsus de Guimarães?
 - Bernardo Guimarães?
 - Guimarães Rosa?
- 9—Em Ur nasceu:
 - Moisés?
 - Abraão?
 - Noé?
- 10—Um desses pintores foi aluno de Donatello:
 - Quentin Mitsijs?
 - Baldung Grün?
 - Verrochio?
- 11—Escreveu o «Menschenfresserbuch», em 1557:
 - Lutero?
 - Hans Staden?
 - Hans Sachs?
- 12—O nome de Stalin foi:
 - Joseph Stalin?
 - Joseph Ulitch Stalin?
 - Joseph Vissariovitch Stalin?
- 13—O compositor Tosti foi professor de canto da família real:
 - húngara?
 - portuguesa?
 - inglesa?
- 14—A Patagônia pertence:
 - ao Chile?
 - à Argentina?
 - a ambos?
- 15—Foi cognominado «o último romântico»:
 - Bulhão Pato?
 - Vicente de Carvalho?
 - Olegário Mariano?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — no Afeganistão; 2 — Cristiânia; 3 — Henri Deutsche; 4 — 1873; 5 — a ocarina; 6 — Sedan; 7 — Duns Scott; 8 — Guimarães Rosa; 9 — Abraão; 10 — Verrochio; 11 — Hans Staden; 12 — Joseph Vissariovitch Stalin; 13 — inglesa; 14 — a ambos; 15 — Bulhão Pato.

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

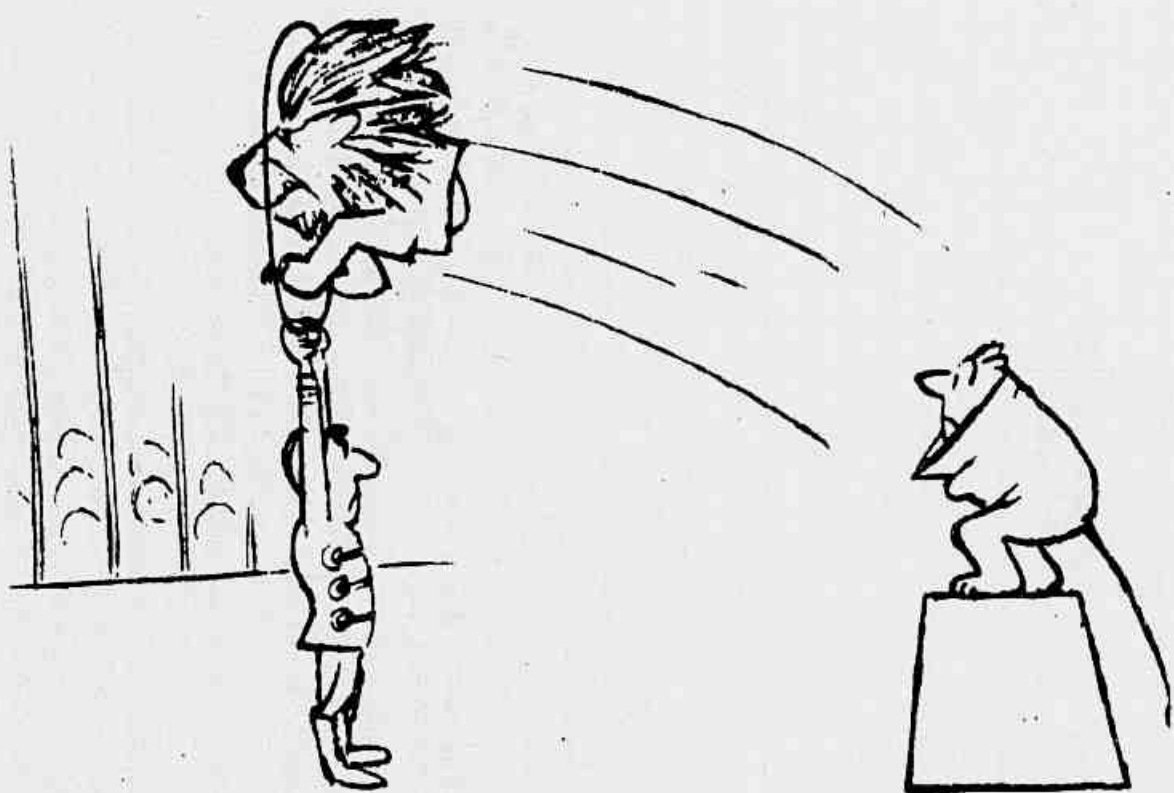
7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

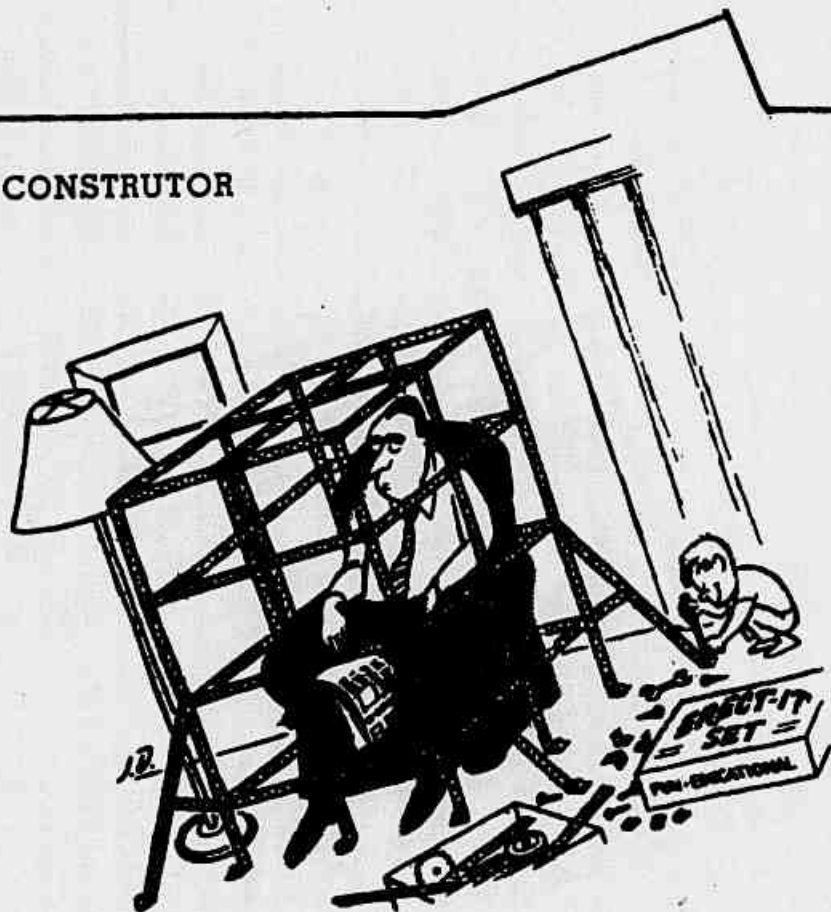
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



O PEQUENO CONSTRUTOR



O RISO DOS OUTROS



TOMA LÁ... DÁ CÁ...

Fernando LÔBO

♦ O Copacabana tenta uma reação. Nada então — a não ser a presença de Edith Piaf — se fez sentir como coisa de chamar atenção de quem sabe que a noite está custando o que não vale. Agora aquela direção segue o rumo dos cantores nacionais. Não somos absolutamente contra eles, pelo contrário, muito a favor da presença de todo esse punhado de estrelas e astros nossos que tanto admiramos e aplaudimos. O que está acontecendo porém é que Oscar Orstein está lançando a nossa gente à jaula dos leões. Atira-os ao palco diante daquele público curto porém barulhento e isso de certo modo não é nada bom. Quando a sra. Edith Piaf compareceu àquele tablado, exigiu aquela orquestra e aquele coro notáveis que se escondiam como anjos atrás das nuvens. Eleito maravilhoso, mas exigido pela estrela! Depois veio Ester de Abreu, Leny Eversong, Cauby Peixoto, tudo a nu, despidos de qualquer efeito a não ser um foquinho mal equilibrado nos seus rostos espantados do barulhar dos granfias. Isso é que não! Trabalhar assim não é ajudar o artista brasileiro não, é dar soquinhos para baixo para encher lingüiça enquanto o sr. Carlos Machado não resolve «emprestar» as suas mulheres bonitas, quando achar que é tempo. Sim, porque todo mundo está pensando que o Copacabana vai montar «shows». Farsa pura! O Copa não é de puxar a carteira sem ter roleta girando. E' de apertar o cinto de segurança para o «tudo é lucro». O que vai acontecer de verdade é que Carlos Machado transportará nos dias da semana do «sweepstake» o seu «show» do «Beguin» levando-o de volta na calada da noite para o mesmo lugar. Isso para dar um jeito na direção artística da casa que está cãpanga. Não se sabe a quem louvar: ou ao bom coração de Machado emprestando o que é seu ao seu concorrente ou à sabedoria e astúcia de rapôsa do Oscar que cantou a bola no ouvido do dr. Otávio convencendo-o que tudo vai sair baratinho, baratinho. Há quem diga que naquela casa não se apresentam moças de pernas de fora e seios provocantes e que também quem é do palco não pode vir as mesas. Talvez a coisa vá pegar por aí...

E ESTAS NOVIDADES

♦ Gilda Valença cantava quando queria na «boite» «Key Bar». Uma espécie de bem querer mais pela casa do que pela coisa de dinheiro. E todo mundo batia palmas. Depois mergulhou dentro da noite e vai aparecer cantando bonitinha ali no «Ma Griffe», um bar que tem todo jeito para ser bom se não fôssem aqueles solás que dão um sono de morte. Chuca-Chuca ao piano acompanhando a bela e lusitana Gilda Valença — a dos dentes muito claros e bonitos.

Enquanto isso Rosemerie deixou essa coisa de «boite» e assinou contrato grande com Valter Pinto. Quanto a estréia da nova apresentação do grande empresário ainda está numa moita das grandes. Uma das razões porque o Copacabana Palace quebrou o contrato com Silveira Sampaio foi porque havia um quadro onde desfilavam as «Elegantes Bangu». As dez mais elegantes eram escurinhas e isso não podia acontecer. Sampaio ficou ao lado das «escuras» e o Copa teve que cair nos braços de Machado, que realiza assim o



Maurício Loiola

seu grande sonho: mandar dentro do Copacabana.

A «boite» «La Maskera» até o presente momento (o dessas notas) ainda não havia aberto as suas portas. Ruth Amaral trabalha com fé e força para que isso aconteça rapidamente. O «barman» vai ser — ou está sendo Kaiser — aquele que foi dos bons tempos do «Maxim's».



Norma Benguel



Rosemarie Sulquer

ROTEIRINHO

Lúcio Alves outra vez no bar do Plaza ♦ Verônica Beck, a beleza do La Cremaillère ♦ Dick Farney contratado pelo «La Cremaillère» ♦ Vai abrir ou não a «boite» «Fiesta?» ♦ «Ma Griffe» de casa cheia ♦ O «Bacará» precisando de cantora ♦ Helena de Lima longe da noite ♦ Cantando bonito Ana Slovenka na simpática «boite» de Valdir Calmon: «Arpège» ♦ Amália Rodrigues irá para o Copacabana.

UM BOM MANHATAN ?

Quem quiser provar um coquetel bem feito — geralmente nós não somos muito dos coquetéis — pode procurar a figura gigantesca de Soutinho, ali no bar do Plaza. E podem apostar, se entenderem do assunto das difíceis misturas, pois Soutinho sabe preparar sem olhar para o livro qualquer espécie de coquetel. E se experimentar.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

O POEMA



Um poema como um gole d'água bebido no escuro.

Como um pobre animal palpitando ferido.

*Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na
[floresta noturna.*

*Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa
[condição de poema.*

Triste.

Solitário.

Único.

Ferido de mortal beleza.

Mário Quintana

Desenho de Mário Ferreira

ARTES

O PINTOR NUNO GONÇALVES

♦ ANO PASSADO apareceu em Londres, na tradução de Anthony Blunt, e editado pela Phaidon, o ensaio «Nuno Gonçalves — The Great Portuguese Painter», de autoria de Reinaldo dos Santos. É o primeiro grande estudo dedicado ao famoso autor do «Retábulo de São Vicente» publicado em inglês. Isso indica apenas que a fama do pintor de Afonso V de Portugal está crescendo, nos dias que correm.

O caso de Nuno Gonçalves não é raro. Ele pertence àquela espécie de artistas que, desprezados pelos contemporâneos e desconhecidos pelos pósteros, um dia, descobertos por algum lúcido crítico de arte, passam a constituir o objeto da admiração e do respeito gerais. Dessa espécie de artistas, aliás, de que fazem parte por exemplo, Bosch, Arcimboldo, e tantos mais, Nuno Gonçalves é o derradeiro fruto; mas não o menos belo. Sua fama, com efeito, começou a avultar desde a exposição dos primitivos lusitanos, realizada em 1931 em Paris, no Jeu de Paumes. E teve dois grandes impulsos, em 1949, no Congresso Internacional de Historiadores de Arte reunido em Lisboa, e recentemente, na Exposição de Arte Portuguesa efetuada em Londres.

Quem foi, afinal, Nuno Gonçalves? Um discípulo, tardio embora, de Jan Van Eyck, o qual visitou Portugal em 1428? Um admirador e continuador de Van der Weyden? Do ponto de vista da técnica, sim; mas, quanto à concepção, nem o autor da «Adoração do Cordeiro Místico», nem o idealizador do «Juízo Final» podem sustentar um confronto com o artista português. Porque, vinte anos apenas após a elaboração da «Adoração do Cordeiro Místico», pelos irmãos Hubert e Jan Van Eyck — que irradia ainda o cheiro de incenso e mirra peculiar ao OUTONO DA IDADE MÉDIA — na expressão feliz de Huizinga —, Nuno Gonçalves, abandonando totalmente as idéias ingênuas de seus predecessores, fixava em cores indeléveis não a aventura de um Deus, mas a aventura de homens de carne e osso — a aventura marítima dos portugueses. Se a «Adoração» é a obra prima de uma concepção antiga da vida e da humanidade, o «Retábulo de São Vicente» é a obra prima da moderna compreensão da existência, como fruto do próprio esforço humano.

O tema do políptico gonçalviano é a veneração de toda a sociedade quinhentista portuguesa ao Padroeiro do Reino, São Vicente. E no imenso trabalho, que se subdivide em seis painéis, outrora erroneamente distribuídos em dois trípticos, desfila toda uma longa série de personagens da vida portuguesa de então: o rei Afonso V, o futuro rei João II, o regente Pedro, o arcebispo de Lisboa, o rabino-mor de Lisboa, o chefe da Comunidade Árabe da Cidade, monges, pescadores, soldados e homens do povo. E, muito embora não esteja ele presente, sente-se que o que une a todos esses homens de origens tão diferentes, dando-lhes a harmonia que de outro modo não poderiam ter, é o mar, o grande mar que, na época em que foi pintado o painel, era cruzado em todos os sentidos pelas caravelas lusas.

Com a obra de Nuno Gonçalves, «a pintura portuguesa pela primeira vez eleva no Ocidente o canto da solidão humana, e, também, pela primeira vez, a alma moderna se manifesta». Essas palavras, de René Huyghe, rendem inteira justiça ao homem que tantas gerações teimaram em ignorar e que, já hoje se sabe com certeza, foi um dos maiores pintores de todos os tempos.

Sobre Nuno Gonçalves:

Ainda são poucos os estudos sobre o grande pintor português. Francisco de Holanda, em seus «Diálogos», de 1548, falou sobre Gonçalves em termos cheios de admiração. Souza Viterbo lhe dedica um bom espaço em seu «Dicionário de Pintores»; José de Figueiredo, em 1910, dedicou-lhe uma monografia indispensável para o conhecimento de sua obra; mais recentemente, só mesmo o trabalho de Reinaldo dos Santos. Em jornais, vale a pena acentuar a série de artigos de Joaquim Vasconcelos, publicada no «Jornal do Comércio», do Porto, em 27 e 28 de julho de 1895; em revistas de arte, cumpre salientar o ensaio de Reinaldo dos Santos publicado em «Jardin des Arts» número 19, de maio de 1956, páginas 409-415. As citações em obras especializadas, e pequenos estudos em Histórias da Arte, são numerosos.

LETRAS MUNDIAIS

O ESCRITOR chileno Volodia Teitelboim, romancista e ensaísta de talento, é um dos chefes do Partido Comunista do Chile. Agora, acaba de ser detido, por atividades subversivas.

sobre a poesia atualmente praticada em França: «Petit Panorama de la Poesie Contemporaine».

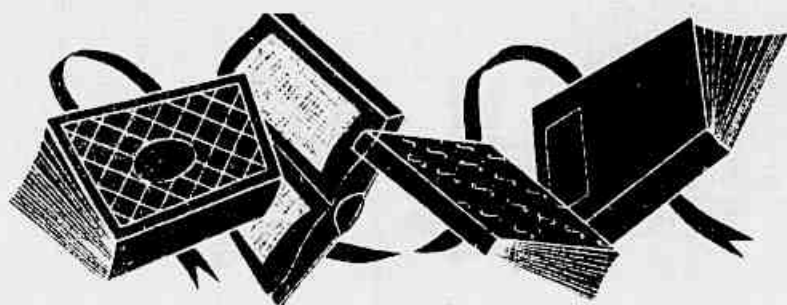
—o—

FRASE DE Somerset Maugham: «Fui obrigado, durante minha vida inteira, a fazer todos os dias duas coisas que me desagradam: levantar-me, e deitar-me».

EM «ARTS — Spectacles» 572 (13-19 de junho), Jean José Marchand publicou excelente artigo



Nuno Gonçalves — Detalhe do Retábulo de São Vicente: o Auto-Retrato, à esquerda?



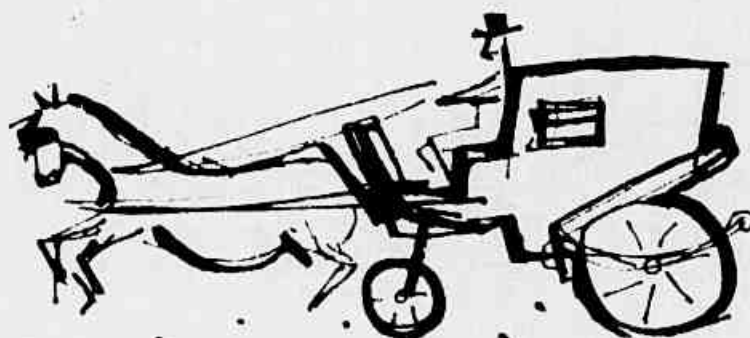
LIVROS EM DESFILE

★ EM SEXTA edição acaba de aparecer a obra de Gastão Pereira da Silva sobre os «Vícios da Imaginação — Meios de Corrigi-los». São vinte capítulos escritos de maneira simples e atraente, tratando de temas como O Alcool, O Fumo, As Idéias de Suicídio, O Ciúme, etc., etc. Livro altamente recomendável a quantos se interessam por tais questões, ou que delas dependem (José Olympio, Rio de Janeiro, 1956 — 234 páginas).

★ EM TRADUÇÃO de Álvaro Moreyra, acaba de aparecer a segunda edição de «Moedeiros Falsos», primeiro romance de André Gide, o famoso escritor francês desaparecido não faz muito (Vecchi, Rio de Janeiro, 1956 — 252 páginas).

★ O VOLUME 223 da Biblioteca do Exército é «A Concepção da Vitória entre os Grandes Generais», de autoria do escritor Cl. Dervieu. A obra foi traduzida do francês pelo coronel Frederico Mindello Carneiro Monteiro. Os generais estudados são Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Frederico II, Carnot, Napoleão e Moltke. (Biblioteca do Exército Editôra. Rio de Janeiro, 1956 — 177 páginas).

★ CLAUDIONOR LINHARES vem de publicar sua novela «Sonata de Amor», história (cheia de lugares-comuns) de um regente e de uma pianista. A capa, de F. Ramos, afugenta qualquer leitor, mesmo valente (Edição particular, Rio de Janeiro, 1956. 91 páginas).



NOTAS & INFORMAÇÕES

JOÃO CONDÉ de volta ao Brasil, após alguns meses na Europa. Em sua companhia veio o intelectual português Nuno Simões, bastante conhecido no Brasil.

PAULO DANTAS, cujo romance «Purgatório» não faz muito tempo comentamos, está terminando o terceiro e último volume da «Trilogia do Nordeste»: «Livro de Daniel».

CIRO PIMENTEL, bom poeta paulista, tem novo livro no prelo: «O Signo Terrestre». A apresentação será do Clube de Poesia de São Paulo.

MAURO MOTA entregará brevemente ao editor José Olympio os sonetos e poemas de «As Elegias», e mais inúmeros poemas ainda não reunidos em livro.

SAIU «COMPLEMENTO» número dois, órgão dos novíssimos de Belo Horizonte, dirigido por Teotônio Júnior, Silviano Santiago, Maurício Gomes Leite, Ari Xavier e José Nilo Tavares. O número atual (referente ao trimestre abril-maio-junho de 56) contém poemas, contos, estudos e depoimentos, além de seções bem orientadas sobre cinema e teatro.

UM LIVRO

EQUÍVOCO LITERÁRIO!

♦ GUIMARÃES ROSA, que ainda em princípios do ano que corre entregou aos leitores os dois grossos volumes de «Corpo de Baile», agora vem de editar seu primeiro romance: «Grande Sertão: Veredas». Romance extenso, de quase seiscentas páginas, sem divisão de capítulos (1).

A carreira literária de Guimarães Rosa começou em 1946, com os contos de «Sagarana». Vieram em seguida dez anos de silêncio. De silêncio, apenas, não de inatividade. Porque (e os grossos volumes êsse ano aparecidos aí estão a prová-lo) se o diplomata Guimarães Rosa continuou a exercer suas funções no tranqüilo Palácio do Itamarati, também o escritor não descansou, durante todo aquele período.

O resultado se traduz na trilogia que é, já agora, a obra do mineiro. Trilogia, a nosso ver, de alto valor literário e sociólogo, onde se retrata toda uma extensa região brasileira: a centro-norte de Minas Gerais. E isso, particularizada, minuciosamente.

Passemos porém a «Grande Sertão: Veredas». Queremos crer que êsse livro ultrapassa, em profundidade, o próprio «Sagarana», tão cheio de poesia e de realidade. Aliás, por falar em poesia, o romance de Guimarães Rosa apresenta, aqui e ali, inúmeros momentos poéticos, alguns de grande intensidade. Exemplos? «Os cavalos suavam sal e sangue»; «Deus é, definitivamente»; «Um rio é sempre sem antigüidade»; «Ficar calado é que é falar nos mortos»; «Senhor pega o silêncio e põe no colo». Seria um nunca findar; mas cremos que os citados já nos bastam.

A maior ressalva que se faz a Guimarães Rosa é quanto a seu linguajar, o qual, segundo muitos, não pertence aos domínios da linguagem literária. Ainda recentemente, o crítico Adonias Filho falava em «equivoco literário», para se referir a «Corpo de Baile». Injustamente, aliás. Porque não é a língua que faz o escritor, mas sim êle que, muitas vezes, a cria. Assim foi com Rabelais, assim com o incrível Folengo. Ora, quem garante que o idioma brasileiro-mineiro usado por Guimarães Rosa é menos literário que o português usado por nossos romancistas citadinos? O certo é que o próprio Guimarães Rosa sabe que seu livro é de leitura difícil, e talvez por isso foi que colocou na boca do personagem Diobaldo, Tatarana ou Urutu-Branco, que é o narrador do romance, e emprega a primeira pessoa, uma frase como a que segue: «Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai adiante. Invejo é a instrução que o senhor tem». Em várias outras passagens do romance, aliás, existem alusões, explicações e até pedidos de desculpas: «Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi» (página 480); «Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo...»; «O senhor tolere, isto é o sertão».

Assim sendo, parece-nos que o que tão amiudadas vezes se recrimina, em Guimarães Rosa, é uma qualidade, e das maiores. Sua narrativa original, entremeada, aqui e ali, de ditos populares («vem o pão, vem a mão, vem o são vem o cão»; «pão ou pães é questão de opiniões», etc.), inteiramente desconhecidos, alguns, dos leitores, é simplesmente deliciosa.

Já a trama do livro não nos pareceu grande coisa. Há lances dramáticos cheios de interesse, é verdade — e entre êles a carnificina dos cavalos (páginas 335-336); cenas de combates entre jagunços sedentos de sangue; e uma impressionante invocação ao Demônio, feita à meia-noite, NO MEIO DO REDEMUNHO, por Diobaldo. Mas a amizade que Diobaldo desde a infância dedica a Reinaldo, aliás Diadorim, e que inclusive assume um aspecto altamente suspeito, para depois vir afinal a esclarecer-se, de maneira um tanto simplória, não chegou a convencer-nos. E tal amizade é um dos pilares sobre os quais repousa toda a trama.

Além do que, há episódios altamente falsos: onde já se viu, mesmo em meio à maior fome, confundir alguém um homem com um macaco, matá-lo a tiro, cozinhá-lo, e só quando já se tem na boca um naco de carne dar pelo equivoco, assim mesmo porque a mãe da vítima comparece para esclarecer que aquilo que pensavam ser um búgio era, na realidade, um HOMEM HUMANO?... O grotesco episódio vem escrito à página 55.

De modo que, chedos ao fim da leitura do último livro de Guimarães Rosa, a impressão que nos fica é que o que o escritor possui de mais precioso é seu estilo riquíssimo de sugestões regionais. Sua capacidade de ficcionista nos pareceu limitada, subordinada inteiramente à variedade de nuances de que dispõe o linguajar cheio de pitoresco dos jagunços do São Francisco, e que de quando em quando ameaça descambar no virtuosismo puro.

1) «Grande Sertão: Veredas» — por João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956. 594 páginas.

RETIFICAÇÃO

Por equivoco lamentável, o poema «Exílio», publicado há duas semanas em nossas páginas, saiu como

sendo de autoria de João Mesquita Filho, quando na verdade pertence ao jovem poeta paulista João Mesquita Valença, o qual o inseriu em seu livro «O Estranho», há poucos meses editado.

MARLENE e Vittorio, ambos maiores de cinquenta anos, voltam à adolescência e andam agora de conversinhas pelos jardins de Montecarlo. Não pensem, porém, que se trata de algum romance entre ambos: a coisa não passa de uma lição de inglês entre grandes e bons amigos.



MARLENE E DE SICA EM MONTE-CARLO

● MARLENE DIETRICH, a veterana estrêla do cinema norte-americano, e Vittorio de Sica, o ástro número um do cinema italiano, estão girando, em Monte-Carlo, seu primeiro filme juntos. Trata-se de "Monte-Carlo Story", e como não podia deixar de ser, há no filme várias alusões ao cassino, e outras ao amor, ao mar, e ao céu extraordinariamente puro da região. De Sica, que tem de dizer seu papel em inglês, vem treinando com afinco êsse idioma, até certo ponto desconhecido para êle. E não poderia ter escolhido melhor profes-

sôra que Marlene, que apesar de alemã, está nos Estados Unidos há algumas dezenas de anos e fala com grande perfeição a língua. Assim, não é difícil encontrarem, os repórteres e fotógrafos, o casal de artistas em conversas prolongadas, cheias de exclamações e pontilhadas de risos. Não convém, contudo, falar em romance, ao menos por enquanto. Mesmo porque os dois deixaram os respectivos cônjuges em casa, e tudo pode acabar em trapalhada da grossa...



«THE MONTE-CARLO STORY», filme que Marlene Dietrich e Vittorio De Sica estão rodando em Montecarlo, conta a história de um jogador que se arruina, conhece uma norte-americana, perde o dinheiro que lhe resta, mas ganha o amor da mesma. De Sica, que na vida real é um jogador inveterado, e enquanto gira a aludida película, vai perdendo, tôdas as noites, milhares e milhares de liras no afamado Cassino de Montecarlo...



A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

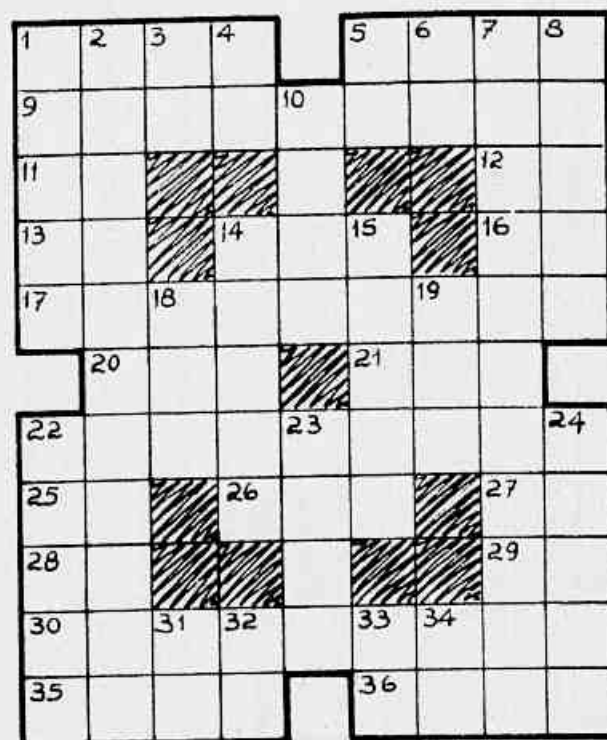
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 131

PARA VETERANOS

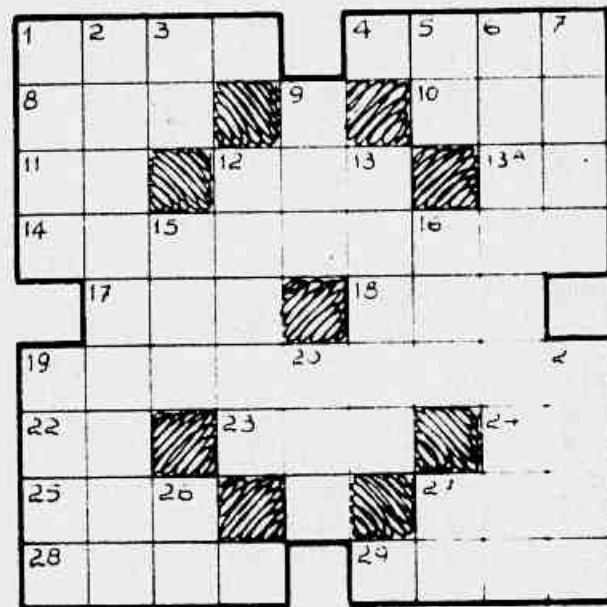
HORIZONTAIS: — 1. Cidade da Inglaterra — 5. Gabola — 9. Pa-tranhas — 11. Pai de Elifal — 12. Medida itinerária da China, equi-valente a uma légua — 13. Inter-jeição de chamamento — 14. Pos-tura — 16. Deus solar dos nabateus — 17. Bajulara — 20. Rio da Fran-ça — 21. Rio da Rússia, afluente do Ural — 22. Expedientes — 25. Prefixo que denota falta — 26. Ci-dade da Espanha — 27. Cabilda de mouros — 28. Idem — 29. Sus-piro — 30. Aquêlo que se prepara para receber as ordens sacras — 35. Ter por hábito — 36. Cantigas populares em louvor dos santos.



VERTICAIS: — 1. Esguios — 2. Nome científico da tulipa — 3. Fi-lho de Arão e neto de Sem — 4. Símbolo do elemento gasoso de peso atômico 222,4 — 5. Desinência verbal — 6. Manga — 7. Comida de porcos — 8. Planta da família das Euforbiáceas — 10. Peneira — 14. Am-paro — 15. Registros de órgão — 18. Aguardente — 19. Planta medicinal — 22. Fatalidade — 23. Compositor alemão — 24. Antigo casacão de mi-litares (pl.) — 31. Preposição — 32. Árvore do Senegal — 33. Grande árvore do jardim de Brahma — 34. Enredo de um romance ou drama.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Lôdo — 4. Querer bem — 8. Ligo — 10. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 11. Basta! — 12. Forma apocopada de grande — 13A. Símbolo do ér-bio — 14. Da América — 17. Go-vernanta — 18. Reze — 19. Meio nanico — 22. Antes de Cristo — 23. Pedra do altar — 24. Brisa — 25. Semelhante — 27. Nome de mulher — 28. Cantiga — 29. Afei-ção profunda.



VERTICAIS: — 1. Fôlha de ferro estanhado — 2. Fazer algo com precipitação e mal — 3. Pedra de moinho — 5. Perversa — 6. Que tem muitos penedos — 7. Pouco comum — 9. Acreditei — 12. Dinheiro — 13. Faz mimos — 15. Bebedeira — 16. Lava — 19. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 20. Raiva — 21. Pregar — 26. Estudei — 27. Sigla automobilística do Amazonas.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 130

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: aco — ati — mola — Ptin — simular — goral — Co — anho — saba — aatá — alme — mi — Earle — andaina — amia — atro — ria — Oil.

VERTICAIS: am — cós — oligoblenia — atalhamento — Tir — in — amo — plana — ura — caa — oti — amada — ora — Lia — ami — Ari — Ar — ol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: adora — em — tu — arar — cara — raiar — os — mar — só — casta — aral — arma — al — ia — amora.

VERTICAIS: amar — os — atar — Er — Ur — atora — ramal — carta — agora — ias — cala — ária — rã — má — só.

QUE É UM METODISTA?

Por RALPH W. SOCKMAN

Pastor da Igreja Cristã de Nova York — Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

OS METODISTAS acreditam que o sacramento do batismo é um sinal da graça de Deus, e símbolo da regeneração do homem. Por isso, acreditam no batismo católico; afinal, adoram ao mesmo Deus. Também acreditam na «real presença» de Deus, no sacramento da Eucaristia, porém não tal como os católicos a entendem. O pão que recebem em comunhão, é, para os Católicos, o Corpo de Cristo, e o vinho que o sacerdote ingere, é o Sangue de Cristo. Ora, os Metodistas acreditam nas palavras do próprio Cristo, que disse que «Deus é espírito; e os que o cultuam, devem cultuá-lo em espírito e em verdade». Assim acham os Metodistas que o corpo divino de Cristo é oferecido em banquete aos comungantes, mas só de uma maneira espiritual.

As igrejas metodistas não têm confessionários, tal como as católicas. Os ministros metodistas aconselham seus fiéis, os quais, muitas vezes, espontaneamente confessam os seus pecados e aquilo que lhes pesa na consciência. Porém, o pastor não lhes dá nenhuma penitência e nem pronuncia palavras de absolvição. Bem sabem os crentes metodistas que cada indivíduo pode chegar até Deus diretamente, de acordo com as palavras do Novo Testamento: «Se confessamos nossos pecados, Deus é justo e misericordioso para não os relevar...»

Para os metodistas, a salvação significa não apenas, a segurança, no céu, após a morte, como também, e principalmente, o benefício eterno da presença de Deus, em graça e poder. Quando os homens se arrependem sincera e verdadeiramente de suas faltas, Deus perdoa suas transgressões, por mais graves que tenham sido. E mais ainda: torna o homem mais apto a resistir às próximas tentações.

Deus chama todos os homens para a santidade da vida, a qual, segundo a expressão de Wesley, é «santidade social», o amor de todos os homens. Não é possível atingir a esse grau de santidade apenas pela observância das leis e pela execução das boas obras. A salvação é oriunda da fé e da graça divina. Foi Deus quem enviou Cristo ao mundo, a fim de revelar Seu amor aos homens. Pela morte de Jesus, a vida dos homens modificou-se, e seus corações abrandaram. Eles reconheceram Deus Cristo como Salvador.

Para pertencer ao corpo da Igreja Metodista, não é necessário aceitar um Credo. Tão somente, responder afirmativamente a duas perguntas:

a) acha que Jesus Cristo é nosso Salvador, e suplica o seu auxílio para ser salvo?

b) aceita, e professa, a fé cristã, contida no Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Wesley, fundador da Igreja Metodista, declarou, certa ocasião: «Creio que Deus misericordioso presta mais atenção nas vidas e nos atos de seus filhos humanos, do que em suas idéias». Um de seus princípios fundamentais era: «Pensa, e deixa pensar». Com essa ênfase na vida, mais que nos credos dogmáticos, mantém-se livre o Metodismo de heresias e doutrinas exóticas.

Hoje em dia, os metodistas são tão liberais em seus preceitos de conduta como os mais liberais protestantes. Lutaram sempre contra a intemperança, a licenciosidade e o jogo. John Wesley formulou uma regra para aqueles que desejavam viver cristãmente, pois sabia que essa regra era indispensável no mundo de hoje. Por muitos anos, a Igreja Metodista proibiu a seus membros diversões como o jogo de baralhos e a dança. Hoje, porém, não é a dança, ou o jogo, que estão proibidos em si, porém, qualquer diversão que «não possa ser fruída em acordo com a doutrina cristã».

Com respeito ao controle de nascimentos, a Conferência Geral da Igreja Metodista não se pronunciou jamais oficialmente. De modo geral, porém, o Metodismo aprova a utilização de medidas anticoncepcionais, quando a saúde da mãe está em jogo. Também quando o bem estar das crianças o exige. Os pequeninos seres que colocamos no mundo têm o direito de usufruir de uma vida confortável. Por isso, as condições econômicas dos pais devem ser levadas em conta. A disciplina recomenda cursos de instrução para os jovens casais metodistas, cursos que derimem questões e problemas pessoais.

O divórcio é deplorado, pelos metodistas, que por todos os meios a seu alcance buscam preservar a integridade do casamento. Porém, há situações em que a vida em comum de dois cônjuges outrora felizes já não é mais possível. Em tais casos, porque não se conceder a eles uma segunda chance, desligando-os dos vínculos anteriores?

Nenhum ministro metodista celebrará o casamento de um divorciado cuja mulher ou marido está vivo ainda, e não mais se casou; esta regra, porém, não aplicar-se-á: 1) ao cônjuge inocente, quando o motivo de divórcio foi o adultério do outro cônjuge, ou a sua crueldade ou injúria física, suficientemente provadas; 2) os divorciados que desejam unir-se, em matrimônio.

É difícil dizer o que diferencia os metodistas dos demais protestantes, pois estão cada vez mais semelhantes, à medida em que os anos passam, as várias Igrejas Protestantes. Em geral, o Metodismo conserva a teologia anglicana. Muitas das Igrejas Metodistas adotam porém a liturgia Protestante Episcopal. E, por outro lado, ainda em outras igrejas, a liturgia não tem um sistema definido. Em cerca de quarenta mil igrejas metodistas, grande é a variação de tipos de culto e de doutrina. É claro que possuímos algumas características que nos tornam diferenciáveis dos outros protestantes: por exemplo, os Episcopais acham que a graça divina foi conferida através da sucessão apostólica e os metodistas negam essa doutrina. Logo, um ministro metodista não pode administrar os sacramentos numa Igreja Episcopal. A confirmação dos membros da Igreja Metodista não é tarefa somente reservada aos bispos, como na Igreja Episcopal, mas pode, ao contrário, ser dada por qualquer ministro.

Também dos batistas diferem os metodistas, nestas e outras doutrinas: Por exemplo, acreditamos na eficácia do batismo infantil, e batizamos apenas por aspersão de água benta, e não por imersão.

As duas grandes diferenciações entre os metodistas e os demais cristãos são, porém, a experiência íntima da religião, e a aplicação social da consciência. Wesley falou no «testemunho do espírito», «testemunho que faz com que minha alma tenha a impressão íntima de que sou um filho de Deus, e que meus pecados serão perdoados e eu me reconciliarei com Deus».

A consciência social dos metodistas conserva a igreja permanente à vanguarda das reformas sociais, tais como as leis trabalhistas, a abolição da guerra, etc. O metodismo é a primeira, entre as igrejas protestantes, no que diz respeito a hospitais, missões e colégios.

Quanto à maneira pela qual é dirigido o Metodismo, trataremos apenas do Metodismo como praticado nos Estados Unidos, de vez que nos outros países ela difere essencialmente. O poder executivo consiste em um Conselho de Bispos, cujos membros são eleitos em conferências jurisdicionais, compostas de ministros e leigos. Cada bispo é responsável por uma área, sendo que existem atualmente trinta e sete de tais áreas nos Estados Unidos, e dezoito outras em territórios de missões. Os ministros são escolhidos pelos bispos para cada paróquia. O poder legislativo é exercido pelos componentes de uma Conferência Geral, que se realiza de quatro em quatro anos. Ministros e leigos dela participam, em igual número, depois de eleitos em conferências anuais. O poder judiciário é exercido por um Conselho Judicial, cujos membros são também eleitos durante as Conferências Gerais.

Existem, segundo as últimas estatísticas, cerca de dez milhões de metodistas nos Estados Unidos, entre membros e membros preparatórios; um milhão e duzentos mil membros do «African Methodist Episcopal Church», oitocentos mil da «African Methodist Episcopal Zion Church», e quatrocentos mil da «Colored Methodist Episcopal Church».

O número total de metodistas existentes no mundo deve estar pela casa dos quinze milhões de crentes, e mais de vinte e cinco milhões de simpatizantes e aderentes.

A seguir: QUE É UM LUTERANO?

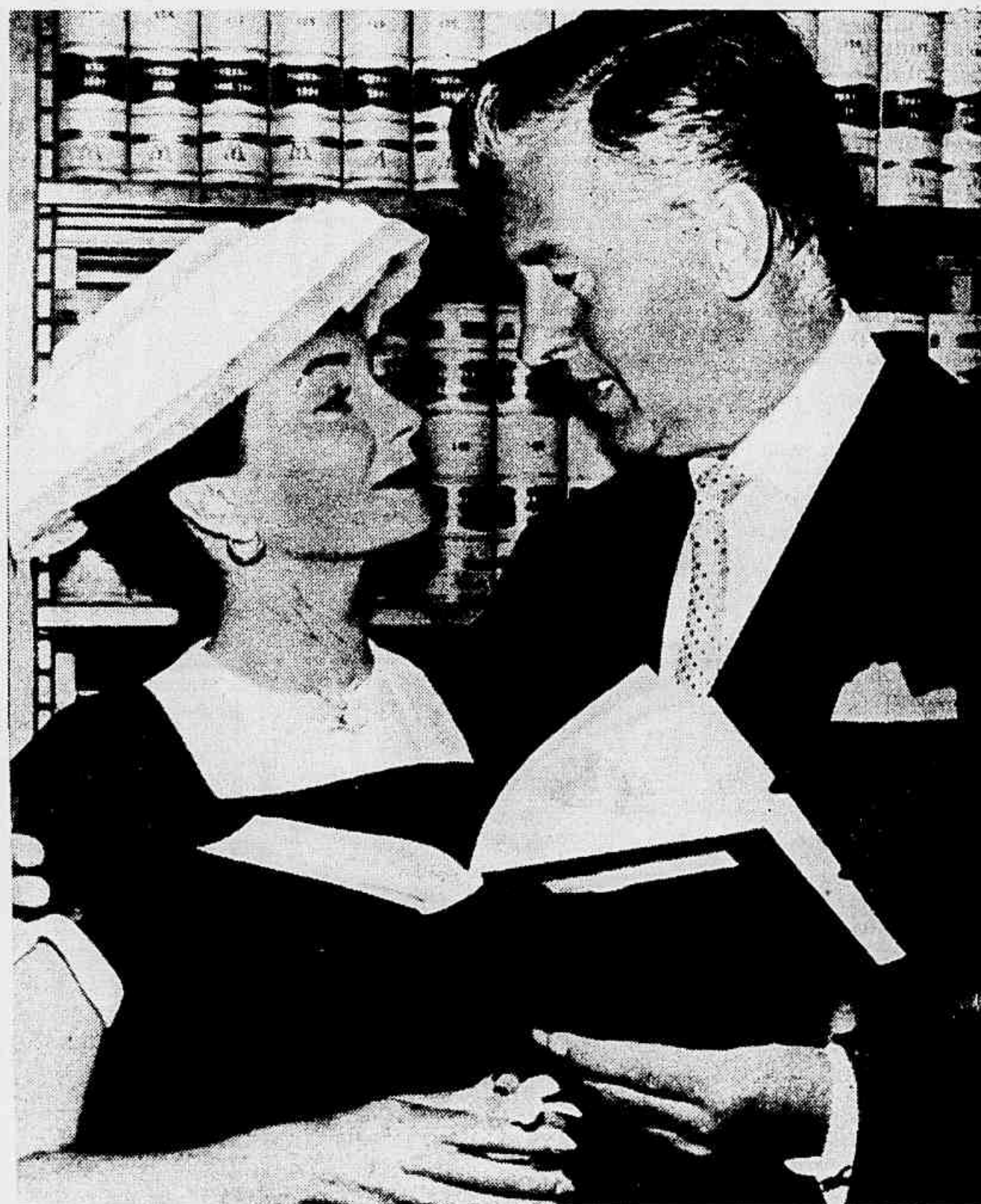


TRÊS ATORES especializados em filmes de terror, Lon Chaney Júnior, John Carradine e Bela Lugosi estão reunidos num filme, «O Sono Negro», há pouco lançado. Olhem só uma «bela» cena do «delicado» trabalho cinematográfico.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



À ESQUERDA, a sensacional Miss Europa de 1956, a bela alemãzinha Margit Nünke. O concurso foi realizado em Estocolmo, capital da Suécia. Miss Suécia, Ingrid Goude, classificou-se em segundo lugar, Miss Itália em terceiro.



STEWART GRANGER e sua esposa, Jean Simmons, acabam de se naturalizar cidadãos norte-americanos. Os conhecidos atores de cinema nasceram ambos na Grã-Bretanha. A «estrêla» espera uma criança por todos êsses dias.



PARA FAZER o personagem Queequeg, nas filmagens de «Moby Dick», o conde Friedrich Ledebur maquilou-se tal como aqui aparece. O conde, milionário, faz cinema por esporte.

ESTA CEGONHA partiu o bico, ao cair de uma enorme árvore. E teve de ser submetida a um tratamento especial: puseram-lhe um bico artificial, todo confeccionado em alumínio...

LOLLOBRIGIDA VOLTOU de Paris cheia de dinheiro, como os leitores podem ver pela fotografia. Nunca uma estrêla despertou tanta atenção, em França. E as notinhas entraram...



ESSE ACIDENTE aterrorizador ocorreu em Delaware, nos Estados Unidos. O automóvel, que conduzia seis passageiros, chocou-se com uma árvore, derrapou e após capotar sensacionalmente inúmeras vezes, ficou nesse estado. Interessante é que, a despeito de tudo, ninguém perdeu a vida.

PROGRAMAS FEMININOS

SPECTATOR

♦ Sem dúvida dominam entre os telespectadores cariocas os do sexo feminino, uma vez que é a mulher que, em geral, permanecendo em casa durante mais horas por dia, tem oportunidade de acompanhar com maior assiduidade as atividades que se desenrolam na TV. Nada mais natural, portanto, que boa parte da programação seja especialmente dedicada ao mundo feminino. Entre as atrações mais antigas do Canal 6 está "Lar, doce lar", criação de Silvia Autuori, que tem agora oportunidade de entrar em contato com as telespectadoras mais de uma vez por semana, através também do seu sempre útil e oportuno "O que vamos fazer para o jantar?"

No terreno da culinária as espectadoras do Canal 13 têm em Chico Wright um precioso colaborador, sempre pronto a ensinar-lhes o segredo da confecção de pratos variados e deliciosos. Em arte e decoração do lar, bem como em moda e elegância, Pernambuco de Oliveira está sempre pronto a solucionar os pequenos problemas das espectadoras que lhe escrevem, contando as suas dúvidas quanto à confecção de um novo traje ou quando pensam em renovar, de acordo com o que há de mais moderno, o ambiente do seu lar. As soluções apresentadas têm como características o bom gosto e o senso prático e econômico de Pernambuco, o que faz com que tenham ótima aceitação por parte das consulentes.

De maneira geral, no campo das atrações destinadas ao mundo feminino, são tratados principalmente assuntos de moda e deco-

ração, ao lado das sempre apreciadas sugestões culinárias. No entanto, outros problemas interessam também à mulher, como o trato social, conselhos sobre beleza, etc. Esses detalhes, nem sempre cuidados pelos criadores de programas femininos, são agora devidamente explorados dentro de "Tele gazeta feminina", atração das bem interessantes, exibida aos domingos à tarde, pelo Canal 6.

É bastante original a maneira de levar às telespectadoras as crônicas e conselhos úteis, em forma de matéria de jornal, isto é, lida por suas pseudo-redatoras, Aidée Miranda, Regina Helena, Maria Muniz e outras, como se depois fôssem enviadas para a redação da revista feminina. O programa decorre de maneira leve e por isso agrada bastante. Além da originalidade da apresentação do assunto, deve-se ressaltar também a participação bastante natural e convincente de Maria Muniz, Regina Helena e Aidée.

É portanto muito amplo o campo de atividades dedicado à mulher, dentro da TV. As atrações podem ser as mais variadas e bastante ampliadas. No momento, faz muita falta nesse setor, uma apresentação dedicada exclusivamente à decoração do lar, assunto dos mais interessantes não só para aquelas que estão montando pela primeira vez a sua casa, e que portanto precisam de sugestões práticas e econômicas, como também para as donas de casa veteranas, mas que fazem questão de estar sempre em dia com as novidades.



Elizete Cardoso vem alcançando grande sucesso em suas exibições através do Canal 13.

VAMOS MELHORAR?

Vários têm sido os cômicos que se encarregam da parte humorística dos «shows» em que se exhibe Virgínia Lane, às quintas-feiras. O público já teve oportunidade de assistir ao trabalho de Grande Otelo, José Vasconcelos e agora, depois de já haver se exibido nesses espetáculos por algum tempo, volta a participar deles Ankito que, infelizmente, como aliás tem acontecido com os seus companheiros, não tem conseguido agradar. Suas piadas são bastante conhecidas, e o cômico repete-se com frequência. Vamos melhorar?

Naturalmente não é fácil achar qualificativos que digam claramente das vantagens extraordinárias que oferecem os mais variados artigos anunciados através da TV. No entanto, entre os adjetivos, o mais usado é o «maravilhoso», empregado tanto para produtos de beleza, como para conjuntos arquitetônicos, adereços femininos, pratos culinários, etc. Não sabemos se as repetições correm por conta do redator da propaganda ou por distração dos propagandistas ao apregoarem as qualidades dos diversos artigos. De qualquer maneira, o que é verdade é que os espectadores já andam cansados com tantos produtos «maravilhosos».

GRAU DEZ

... Para Rodolfo Mayer. Esse é outro valor do Canal 6 que se exhibe ao público raramente, durante as apresentações de «Uma voz ao telefone», mas que cada semana consegue novos triunfos, com magníficas interpretações.

... Para Carlos Machado que, além dos «shows» completamente diferentes que tem levado aos espectadores, em um de seus últimos programas ofereceu-lhes mais uma atração magnífica, reunindo em palestra agradável — e das mais interessantes — Ari Barroso e Sílvia Cal-



Maria Muniz, a redatora-chefe da «Tele gazeta feminina», ao lado de Chianca de Garcia, durante um dos ensaios na TV-Tupi.

das, contando incidentes do início de suas carreiras e rememorando antigas canções, acompanhados pelos diversos elementos que compõem o elenco de Machado. Poucas vezes os tevendoos têm oportunidade de assistir a espetáculos de tão grande agrado.

... Para o «Trem da alegria» que, com Iara Sales e Lamartine Babo, continua oferecendo ao público ótimas atrações, além das conversas mantidas entre Lamartine e diversos elementos da velha guarda no setor artístico carioca e que servem de pretexto para lembrar velhas canções e fatos curiosos do seu tempo de mocidade.

O MUSEU DE CÊRA

DO PASSEIO PÚBLICO

Ektachromes de A. VIEIRA

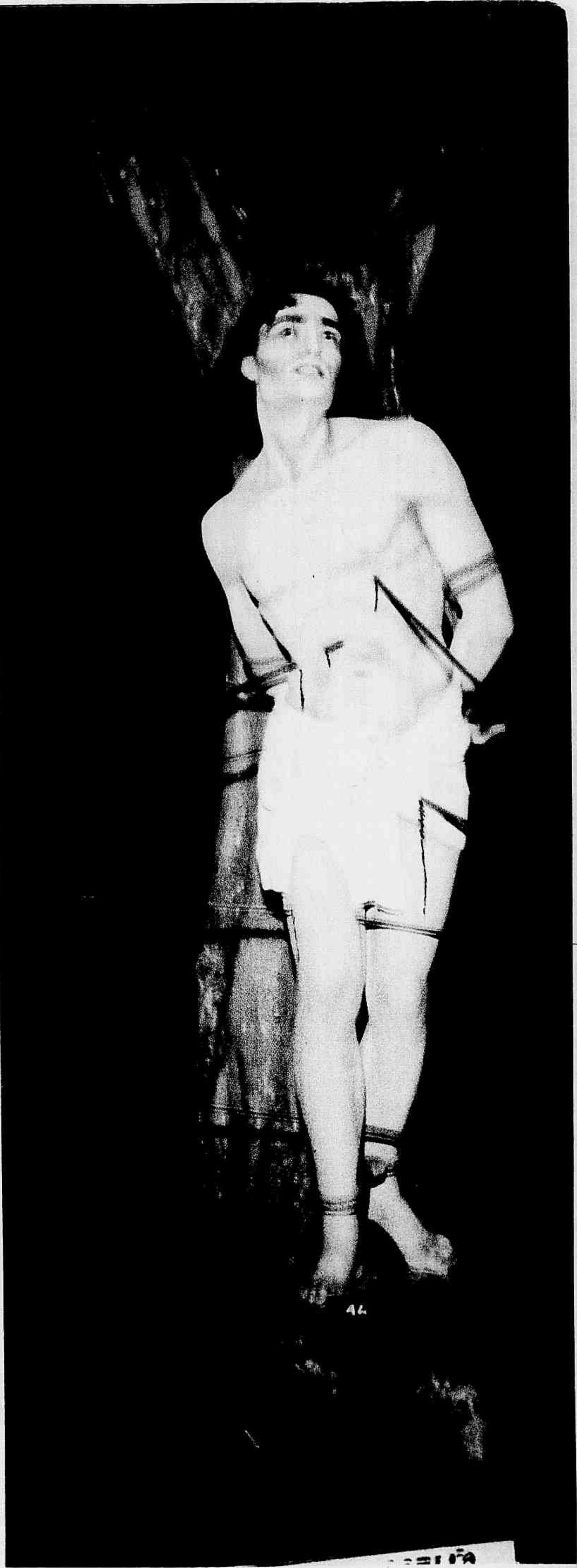
CHEGOU ao Brasil não faz muito tempo, o Museu de Cêra Tudos Procopiu, de História, Religião, Literatura e Lenda, e após uma primeira apresentação em Quitandinha com êxito extraordinário, acaba de descer a serra para vir instalar-se bem no centro da capital da República, com a sua pitoresca e valiosa coleção de figuras de cêra. Os Museus de Cêra existem em tôdas as grandes cidades do mundo, sendo um atrativo permanente para os turistas e curiosos. O de Procopiu é um dos mais vastos e conhecidos, e se compõe de uma infinidade de cenas e de personagens, uns e outras reconstituídos totalmente em cêra, por artezãos competentes e minuciosos.

Das figuras reproduzidas em cêra, conservadas no museu, muitas retratam personagens históricas — sendo de se salientar Cleópatra, Lady Godiva, etc.; outras representam santos da liturgia católica, como São Sebastião, que figura em lugar de destaque no Museu, visto



A ENCANTADORA e terrível Salomé dança para Herodes, tendo à mão a bandeja com a cabeça de São João Batista. O tamanho das figuras e o realismo da cena fazem desse grupo um dos favoritos do grande público que acorre ao Museu da rua do Passeio.

SÃO SEBASTIÃO, atado ao tronco do suplício, e alvejado pelas flechas dos pagãos, é outra figura em cêra que desperta a admiração de quantos visitam o Museu. Aliás, a mostra é patrocinada pela Cruzada São Sebastião e pelo Bispo Auxiliar, Helder Câmara.



APOSTATE
IDOLATRE
HERETIQUE
RELAT



NUM CASARÃO DE MAU GÔSTO, MUITAS FIGURAS (EM CÊRA) ATRAEM A ATENÇÃO DO CARIOCA



IMPRESSONANTE ESSE grupo, que representa a Donzela de Orleans, Joana D'Arc, no momento de seu suplicio. O Museu Tudor Procopiu veio de Paris, após ter percorrido quase tãda a Europa. No Brasil já está há cerca de um ano, exibindo-se com êxito.

O PONTIFICE PIO XII, tendo ao fundo a figura de Maria Santíssima com o Menino Jesus ao colo, é de tãdas as figuras a que mais desperta a atenção do numeroso público. E' verdadeiramente impressionante a semelhança entre a figura e o Papa Pio XII.



LADY GODIVA, que desfilou despida pelas ruas de Londres a fim de livrar o povo de mais um imposto injusto, está presente ao Museu, que vem atraindo ao casarão (de muito mau gosto) erguido no Passeio Público uma grande quantidade de gente.

MUSEU DE CÊRA

ESSA DAMA antiga, com suas roupagens e adereços, também é uma das favoritas do público. O Museu de Cêra esteve primeiro em Petrópolis, e só agora se apresenta aos cariocas. Seu acervo é valioso e dispõe de grande quantidade de interessantes peças.

ser a atual exibição patrocinada pela Cruzada São Sebastião, sob os auspícios do Cardeal Jaime Câmara, e do Bispo Auxiliar Helder Câmara. Há também cenas belíssimas de peças teatrais e momentos culminantes de romances da literatura universal. Há por exemplo a cena final do drama shakespeariano «Romeu e Julieta», que atrai grande número de espectadores, tal o realismo da ação e a beleza da concepção. Outras reproduções chamam a atenção pela tragicidade — e esse é o caso por exemplo, do «Enterrado Vivo», a quem alguns ratos mais impacientes buscam morder. No dia da inauguração, à porta do Museu viam-se postados dois irrepreensíveis «Cosme e Damião», capazes de fazerem morrer de inveja os imperturbáveis guardas do Palácio Real de Buckingham, em Londres. Também, pudera: os rapazes eram de cêra, só mesmo um terremoto conseguiria fazer com que se movimentassem...

Não podemos deixar de salientar o mau gosto arquitetônico dos diretores do Museu de Cêra Tudor Procopiu, que fizeram erguer, no Passeio Público, ao invés de moderno galpão espaçoso e funcional, um terrível mostrengo, no pior estilo antigo, cheio de colunatas absoletas e de degrauzinhos pouco práticos. E não deixaremos também de reprovar a atitude de alguns funcionários da casa, tentando, por todos os meios, dificultar a ação da imprensa, opondo-se a que as fotos fossem batidas em horário especial, longe do borbórinho dos visitantes, e encarando os jornalistas como meros filões de entradas grátis, sem notarem a utilidade da imprensa para o bom êxito até mesmo dos Museus de Cêra...





De máxima confiança...

O precioso equipamento técnico desta máquina fotográfica com espelho refletor para fotografias 24 x 36 com objetivas-baioneta, rapidamente cambiáveis, de diferentes distâncias focais, novo obturador de cortina para 1-1/1000 de segundo e visor sincronizado cambiável com prisma de inversão adaptável para formação de imagem não-invertida sobre o vidro despolido, com prismas transparentes de vidro para focalização exata, diafragma de molas adaptável, e numerosos outros acessórios garantem a máxima capacidade da Praktina em todos os campos da fotografia.

Nosso representante, a firma **IRMÃOS KRYSS**

Avenida Ipiranga, 795 - 14.º andar, salas 1402/3 - São Paulo

fornece prazerosamente qualquer informação
Deutsche Export- und Importgesellschaft

feinmechanik - Optik m. b. H.

Berlin C 2 · Schicklerstraße 5—7
República Democrática Alemã



Lalume e Marsinah estão assombradas com a audácia do poeta e receiam pelas conseqüências. Ele, porém, quer divertir-se e mais nada...

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

— **J**ARDINEIRO... jardineiro... não é muito fácil acreditar que seja esse o seu serviço, murmurou ela, sem desviar os olhos do olhar do rapaz.

E deu-se o contacto. O rapaz pôs sua boca sobre os lábios da moça e em um momento os dois se abraçaram e beijaram com vivo entusiasmo. Depois de alguns instantes, quando Marsinah se retirou para recuperar a calma, disse-lhe num suspiro:

— Jamais homem algum me havia tocado nos lábios...

— E jamais outro homem tocará nêles, respondeu o califa.

— Mas... é que não pertencemos um ao outro! Nem sequer nos conhecemos! observou ela.

— Que importa? Que importa se ambos pertencemos a Alá, disse o califa solenemente.

E voltando a abraçá-la, beijaram-se de novo, com maior intensidade. Depois combinaram voltar a encontrar-se ali mesmo, quando a lua despontasse no céu azul.

Quando o califa se afastou, em passos lentos, Marsinah sentiu que algo de muito estranho lhe agitava o coração. E chorou de alegria...

(KISMET)

CAPÍTULO III

ELENCO:

O Poeta	Howard Keel
Marsinah	Ann Blyth
Lalume	Dolores Gray
O Califa	Vic Damone
Omar	Monty Wooley
O Vizir	Sebastian Cabot
Jawan	Jay C. Flippen
Chefe de Polícia	Mike Mazurki
Hassan-Ben	Jack Elam
Subalterno de Polícia	Ted de Corsia
Princesas de Ababu	Reiko Sato
	Patricia Dunn
	Wonci Lui
Zubbediya	Julie Robinson

Argumento de Charles Lederer e Luther Davis
Direção de Vincente Minnelli

(Cortesia da Metro-Goldwyn-Mayer)

O alegre poeta — sim, alegre agora, depois que tem o bolso recheado — começou a desfrutar de sua fortuna, alugando os serviços de formosas escravas, umas para que lhe abrissem a portinhola da liteira, outras para que o acompanhassem em suas jornadas peregrinas e o servissem. Contudo, todo esse bem-estar paradisiaco se desvaneceu bruscamente quando dele se aproximou, um dia, um grupo de policiais disposto a investigar suas credenciais. Ao ouvi-lo, como providência rotineira, os guardas encontraram a bolsa que, cheia de ouro, levava consigo. A bolsa tinha o emblema do príncipe Achmed, a quem os sequeiros de Jawan haviam roubado a noite anterior. Imediatamente o poeta foi detido para que comparecesse à presença do vizir.

A corte estava em sessão no palácio de justiça. No trono do vizir estava sentada a sedutora Lalume, que se alvoroçou tão depressa seus olhos posaram no poeta. O vizir escutou com muita atenção as acusações lançadas contra ele.

— Por fim, a boa sorte volta a favorecer-me, Grão-Vizir, disse o poeta, fazendo uma reverência.

— Boa sorte? indagou o vizir, surpreso.
— Sim, porque é o nobre vizir quem está sentado nesse trono para fazer justiça aos humildes...

— Pois fica sabendo, tratante, que detesto ladrões e criminosos, disse subitamente o vizir, com absoluto desprezo e revolta.

— Este homem não fala nem como ladrão nem como criminoso, disse-lhe Lalume ao ouvido.

Compreendendo que tinha uma aliada na principal esposa do vizir, o poeta voltou-se para ela e disse com eloquência:

— Se vossa formosura, divina princesa, pudesse ser roubada, então sim! Todo homem seria um ladrão... inclusive eu!

Ao vizir, não agradaram muito os olhares de fogo que Lalume dirigia ao poeta. E sem mais ouvir, determinou que lhe cortassem a mão direita, imediatamente.

Ouvindo a sentença, o angustiado poeta defendeu sua causa como pôde, dizendo que um poeta sem a mão direita era pior que uma flor sem corola, uma aurora sem céu, uma linda mariposa sem asas...

Lalume sentia-se compadecido pelo acusado. E desde logo tanto ela como o vizir compreenderam que aquele não era um tipo de homem vulgar.

— Esse camarada é demasiado esperto para não se conformar com pouca coisa... disse o vizir a Lalume. Não há dúvida de que já roubou milhões.

E dirigindo-se ao poeta, ameaçou-o com fúria:

— Onde ocultaste, patife, todas as riquezas que tens roubado?

— Grão-vizir, jamais roubei coisa alguma, respondeu. As poucas moedas de ouro que tinha em meu poder, me foram pagas para que retirasse uma maldição e a anulasse...

— Uma maldição?

— Sim, grão-vizir.

— Acaso julgas teres poderes sobrenaturais até para anular uma maldição?

— O poder da oração é infinito, meu senhor. E minhas preces são muito eloquentes...

Dirigindo-se ao chefe de polícia, o vizir lhe ordenou que mandasse alguns homens à casa do poeta e apreendessem tudo que lá encontrassem.

— Não, grão-vizir, não por favor! gemeu o acusado. Em minha casa não há nada, salvo a minha filha, que é desforme e horrível de feia... Um monstro...

— Ah, ah! exclamou o vizir encantado. Parece que tocamos no ponto vulnerável do miserávelzinho... Onde é o teu domicílio, larçante? Ele sacudiu a cabeça.

— Negas responder? gritou o vizir, fazendo um sinal ao verdugo que se aproximou com uma acha acesa, em uma das mãos. Dois guardas seguraram o poeta e sua mão direita foi colocada sobre um madeiro. O coitado tentava resistir, torcendo-se e gritando:

— Que Alá vos maldiga para sempre! Que todas as calamidades chovam sobre vossas cabeças! Que sejais arrojado deste palácio e tratado como um cão pestilento pelas ruas...

Súbito, ouviu-se um barulho e Jawan foi levado ao recinto, com surpresa do poeta. O bandido acabava de ser capturado na cidade e imediatamente conduzido à presença do vizir. Apenas viu o poeta, Jawan deu largas à mais espantosa fúria.

— Estás aqui, malandro, ladrão, senvergonha, falsário e mentiroso! Deixem-me que lhe arranque o fígado a esse malvado! E voltando-se para os presentes:

— Que lhes parece, hein? Esse bandido bateu-me cem moedas de ouro dizendo ser Hajj e que ia retirar de mim uma maldição... E voltando-se para o poeta:

— Onde está meu filho, clínico traficante?

De pronto seus olhos fixaram-se no vizir e caindo-lhe aos joelhos, exclamou:

— Que Alá seja bendito! Olhai, grão-vizir, esse amuleto que pende de vosso peito! Podeis dizer a este pobre ancião onde o comprastes?

— Eu não o comprei, respondeu o vizir. Este amuleto trago-o comigo desde a infância...

Então Jawan, lançando um grito de júbilo, estendeu os braços para o vizir:

— Por fim te encontro, oh, meu querido Ali!



Durante algumas horas, o poeta viu-se trajado com as luxuosas vestimentas de um Grão-Emir. E foi sollicitamente servido pelas beldades.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Na antiga cidade de Bagdad vivia um pobre poeta que subitamente foi confundido com o mendigo Haff e levado a presença do cabecilha de um grupo, Jawan, sobre o qual o mendigo havia lançado uma maldição, em consequência da qual o filho de Jawan é sequestrado. Ansioso de encontrá-lo, Jawan pede ao poeta, que ele supõe ser Haff, para retirar a maldição, e esse apelo é utilizado pelo bardo infeliz para tornar-se rico, ao dizer a Jawan que só mediante o pagamento de uma boa soma em ouro, faria anular a praga maldita. Entremetidos, o Grão-Vizir, que mandou a primeira de suas esposas, Lalume, obter um empréstimo no vizinho reinado de Ababu, é informado de que o referido reino lhe concederá todo o ouro que dez camelos podem carregar, caso venha a conseguir que as três princesas de Ababu se casem (por atacado...) com o jovem califa de Bagdad. Este, que não havia pensado em casamento, talvez exausto de tantos matrimônios, muda de opinião quando vê a formosa Marsinah, filha do poeta. Sua beleza natural foi realçada com os luxuosos vestidos que seu pai lhe comprou com o ouro recebido de Jawan. Tudo faz crer que se trata de um caso de amor à primeira vista, e o califa não tarda a declarar sua paixão pela moça, que desde logo passa a corresponder-lhe. E os dois combinaram um encontro romântico, à hora em que a lua estiver saindo.

O vizir achou que era tempo de acabar com a vida do poeta e fez um sinal ao verdugo para que desse conta de sua tarefa.



(Continua na página 58)

A REVOLUÇÃO DO OURO

EDUARDO TOURINHO

EMBOABA — palavra de procedência tupi — significa, tal ensina Teodoro Sampaio, **mover agressão**. Outras interpretações, entretanto, têm sido dadas ao vocábulo. Mas para os paulistas que exploravam as primeiras minas descobertas no **Sertão de Cataguás** — a Minas Gerais de hoje — emboabas eram os que de fora chegavam para disputar-lhes a posse dos veios auríferos. A descoberta do ouro constituiu uma revolução econômica. De todos os pontos do Brasil densa massa de gente se deslocou para Sabará, Goiás, Mato Grosso. Quatro grandes núcleos formaram **Ribeirão do Carmo**, **Rio das Velhas**, **Pitangui** e **Ouro Preto**. Outra grande zona de mineração tornou-se **Cuiabá** e, por último, o **Sertão dos Araés** — Goiás do presente — onde Bartolomeu Bueno Filho, o segundo Anhangüera, fundara **Vila Boa** e **Ouro Fino**.

Em 1552, o primeiro bispo do Brasil — D. Pêro Fernandes Caminha — informou a D. João III que ouro lórá achado no sul do país. Assim, antes de encerrar-se o século XVI cuidara a Metrópole de regular a propriedade das minas, a arrecadação dos tributos e as relações entre posseiros e trabalhadores. Mas, ainda assim, ao iniciar-se a mineração e arrecadação dos direitos da Coroa constituiu difícil tarefa. De início, a cobrança foi feita pelo peso do metal recolhido. Depois, pela capitação. Em 1720 as fundições começaram a **quintar** o ouro e, logo, uma quota coletiva foi arbitrada para cada município. Em 1713, porém, **Vila Rica** contribuía anualmente com trinta arrobas. Em 1733, propuseram-se os mineiros — desde que as fundições fossem abolidas — a entregar não sômen-

te as cem arrobas então arrecadadas mas, ainda, «o que nas casas de fundições excedessem a quantidade estipulada». A isso aquiesceu a Metrópole. Dentro em pouco, porém, o **ouro inundava o Brasil** e fundições clandestinas se multiplicavam para reduzir a barras e a moedas todo o metal escapo aos guantes do Fisco.

—o—

Sob a vertigem do ouro, nos últimos anos de seiscentos e nos primeiros de setecentos, uma multidão de brancos, negros, mestiços e índios invadiu Minas Gerais.

Desentreadas ambições, geravam ásperas rivalidades entre essa gente primitiva. Os paulistas — que haviam descoberto as minas e retinham privilégios — resistiam bravamente à onda invasora. Em 1706 — quando D. João V sucedeu a Pedro II — essas rivalidades se agravaram. Um incidente ocorrido em Caeté entre um forasteiro e dois paulistas, quase degenerou numa luta generalizada... Espalhou-se, um ano depois, a notícia de que os paulistas planejavam o extermínio dos invasores. Os que a Minas tinham chegado formam ao lado de Nunes Viana, a quem aclamam «governador das minas». A isso, concentraram-se os paulistas em Sabará e se aprestaram para a luta... Mas, atacados de surpresa, debandam. Em **Cachoeira do Campo** são, de novo, atacados pelos emboabas. Ferido, Nunes Viana transfere a frei Francisco de Menezes o comando de sua gente. Uma trégua é proposta, mas o arraial paulista é invadido e trucidados os que nele se encontravam. A essa vitória, Nunes Viana é — em

Cachoeira — aclamado ditador de Minas Gerais e instala seu governo em **Ouro Preto**. Os paulistas, por sua vez, investem contra o arraial emboaba da **Ponta do Morro**. Mas, de **Ouro Preto**, chegam mil homens sob o comando do sargento-mor Bento do Amaral Coutinho. A tal reforço, retiram-se os paulistas para quatro léguas além. São, então, atacados e trezentos deles dizimados impiedosamente.

—o—

Ante tais sucessos, parte do Rio de Janeiro para Minas o governador D. Fernando Mascarenhas. Em **Congonhas**, obriga-o Nunes Viana a retroceder. Fazem os emboabas com que frei Francisco de Menezes siga para Lisboa a fim de justificar os acontecimentos no interesse da Coroa. E' quando D. Antônio de Albuquerque Coelho é enviado para o Governo do Sul e consegue pacificar emboabas e paulistas.

Em 1720, no entanto, ocupa o conde de Assumar o governo de São Paulo e Minas. Recrudescem as agitações. Entre 28 e 29 de junho, Domingos Rodrigues do Prado rebela-se em **Pitangui** e a insurreição estala em **Vila Rica**. O ouvidor é expulso e os revoltosos enviam ao governador uma mensagem de reivindicações. Promete o conde de Assumar conceder ao povo tudo de justo, a começar pelo perdão geral e a suspensão — por um período de doze meses — da **quintagem** do ouro. Mas não é o bastante. Logo depois a **Vila do Carmo** é invadida por dois mil homens e novas concessões são exigidas: suspensão do Registro na estrada real; fixação — em trinta arrobas anuais — da quota sobre o ouro arrecadado; perdão geral em nome do rei. Atendidos, voltaram os reclamantes para **Vila Rica**. Mas as agitações não cessam: aspira-se o domínio das minas e conspira-se abertamente contra o governo. E' quando o conde de Assumar reage: manda um alferes com trinta praças a **Vila Rica** e prende os responsáveis pelo movimento. Depois, aparece à frente de mil e quinhentos homens e após fazer queimar o arraial da **Ponta do Morro**, detém — nos diferentes distritos — os chefes da resistência.

—o—

Os letrados José Peixoto e José Ribeiro Dias foram presos. Mas nenhuma captura teve a importância da de Felipe dos Santos Freire, inspirador e tribuno dos rebeldes. Pregava ele a revolta no adro da igreja de **Cachoeira** quando, sob a ameaça de um bacamarte contra o peito, é levado à presença do governador. Submetido a sumário e arbitrário julgamento, é condenado à morte. Ao conde de Assumar faltavam poderes para assim agir, mas defendeu-se perante a Coroa alegando «que o apêto era tão grande que não havia um instante a perder».

Felipe dos Santos Freire foi enforcado e seu corpo — atado à cauda de um cavalo — despedaçou-se pelas ruas. Na distância em que os distritos auríferos ficavam dos governos, nas ferozes ambições em jogo, na falta de justiça e de polícia, no rigor do Fisco e na prepotência dos exatores, no odioso regime de monopólios, estancos e arrematações acha-se a gênese do conflito emboaba. Mas entre os que — na ânsia de enriquecer — lutavam contra tantos abusos e iniquidades, sobressai o simples rancheiro Felipe dos Santos Freire. Desejava a liberdade do povo. Sem ele, não se justificaria «a revolta na História, nem pelas causas, nem pelos fins».



O Museu do Ouro, em Sabará (Minas), guarda algumas recordações daqueles tempos. Mas não guarda tudo.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 11 E 17 DE AGOSTO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período não será desfavorável aos seus negócios, às suas atividades. Pelo contrário, haverá concursos desinteressados e circunstâncias que lhe favorecerão os negócios. Os melhores dias serão 11, 14 e 17.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os três primeiros dias da semana serão propícios às mudanças e às viagens. Os dias restantes favorecerão as iniciativas e o andamento dos negócios. As especulações darão os melhores resultados.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A maior percentagem do influxo astral da semana incidirá sobre sua vida sentimental, favorecendo-a. O novo período será bom para noivados, casamento e propiciará as reconciliações e o bom entendimento entre casais desajustados.
- ★ CANCER (23/12 — 30/1) — O bom humor de que se sentirá cheio durante a semana em lide, ajudá-la-á a vencer as dificuldades por acaso existentes nos seus negócios, as financeiras especialmente. Para a solicitação de favores, os melhores dias serão 11 e 14.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Seja comedido no que fizer e no que disser. Os influxos reinantes lhe darão um acentuado gosto pelo exagêro. Não procure antecipar as realizações programadas, pois será melhor esperar o curso natural dos acontecimentos.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor terá uma semana positivamente fraca. O resultado do esforço que empregar, em qualquer direção, será medíocre. Não se empregue a fundo nem tome iniciativas de maior importância. Espere uma oportunidade melhor.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá chance em todos os setores das suas atividades profissionais, durante a semana em pauta. Os negócios de ordem financeira correrão com maior facilidade. Os obstáculos serão providencialmente removidos.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não se deixe tutelar sob nenhum aspecto. Atue com independência e imponha seu ponto de vista, sua opinião. A ronda dos astros apoiará sua ação de modo decisivo. A oportunidade não poderá ser melhor.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Os amigos poderão prejudicá-lo. Pelo menos lhe causarão aborrecimentos. Evite como puder, confidências e negócios com o **entourage**. O perigo da semana estará no seu próprio meio, no seu próprio ambiente.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — As possibilidades de erros e de enganos, durante a semana, serão grandes. Tenha, pois, todo o cuidado no que fizer. Os erros praticados no curso da semana serão de consequências danosas num futuro próximo.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — As viagens aéreas, durante a semana, não se aconselham. Há perigosas ameaças de Uranus, no seu caso. A semana será de imprevistos quase sempre desfavoráveis. Os piores dias serão 12, 13 e 16.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O novo período não favorecerá as reuniões e a vida social, por consequência. Ande só e não constitua sociedade de comércio ou de indústria. O período só comporta ações isoladas, individuais.

OS NOMES DA SEMANA

Agosto, 11	—	Joaquim	—	Lélia.
" 12	—	Adriano	—	Lisete.
" 13	—	Miércio	—	Ermanda.
" 14	—	Sátiro	—	Ilva.
" 15	—	Moacir	—	Jandira.
" 16	—	Jacinto	—	Adélia.
" 17	—	Virgílio	—	Sônia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Agosto, 11	18° 56' 14"	(Signo do Leão)
" 12	19° 43' 50"	" " "
" 13	20° 41' 27"	" " "
" 14	21° 39' "	" " "
" 15	22° 36' 44"	" " "
" 16	23° 34' 24"	" " "
" 17	24° 32' 06"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 835 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2379 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



AZASO-EB-3

EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

—SOU UM POETA DO MARANHÃO

O AUTOR DE «LUTA CORPORAL» DEFINE, EM DOZE TÓPICOS, SUA POSIÇÃO
COM RESPEITO À POESIA ★ PARA ONDE CAMINHA A POESIA BRASILEIRA?

Entrevista de SÍLVIO CASTRO

A POESIA brasileira chamada moderna, aquela que triunfou com a vitória do movimento de 1922, pode, à mingua de outros critérios mais agudos, distribuir-se por uma série de agrupamentos cronológicos:

1) a geração de 1922 — de que fazem parte, por exemplo, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Augusto Meyer, etc., etc.

2) a geração de 1930 — de que são representantes Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, etc., etc.

3) a geração de 1945 — de um Lêdo Ivo, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Cabral de Melo Neto, Domingos Carvalho da Silva, etc., etc.

Cada um desses três grupamentos possui diretrizes próprias, um vocabulário e uma temática

poéticos particulares, em suma: são nitidamente destacáveis uns dos outros. Generalizando talvez em demasia, para os fins da presente reportagem, diremos que Manuel Bandeira, entre os da geração de 1922; Carlos Drummond de Andrade, entre os componentes da de 1930, e João Cabral de Melo Neto, entre os da de 1945, são as vozes mais representativas da moderna poesia brasileira.

A influência de cada um desses poetas é imensa e não cessou ainda de se manifestar. Contudo, é fato notório que os mais jovens poetas que vêm de publicar livros nos últimos cinco anos já estão fora do raio de alcance da última geração poética com certidão de nascimento passada, isto é, a de 1945, se bem que não de todo fora da influência desse, ou daquele poeta, nacional, ou não. Referimo-nos a nomes como os de Décio Pignatari («O Carrossel»), Haroldo de Campos («Auto do Possesso»), Alcides Pinto («As Pontes»), Berredo de Mene-

zes («Catedral dos Vácuos»), Vlademir Dias Pinto («A Máquina, ou a Coisa em Si»), e sobretudo, ao jovem poeta maranhense Ferreira Gular, cuja estréia em livro dera-se em São Luís, há cerca de cinco anos, mas cujo êxito data de quando, em 1954, fez publicar sua «Luta Corporal».

A experiência poética levada a efeito por Gular com esse livro, nunca fôra antes tentada no Brasil. É um poeta lúcido, terrivelmente íntimo dos vocábulos, às vezes descambiando para o delírio à la Lautréamont, dissecando pacientemente as palavras e os conceitos. Veja-se, por exemplo, esse pequenino poema:

«Vai o animal no campo; êle é do campo como o capim, que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que muga, detalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi,



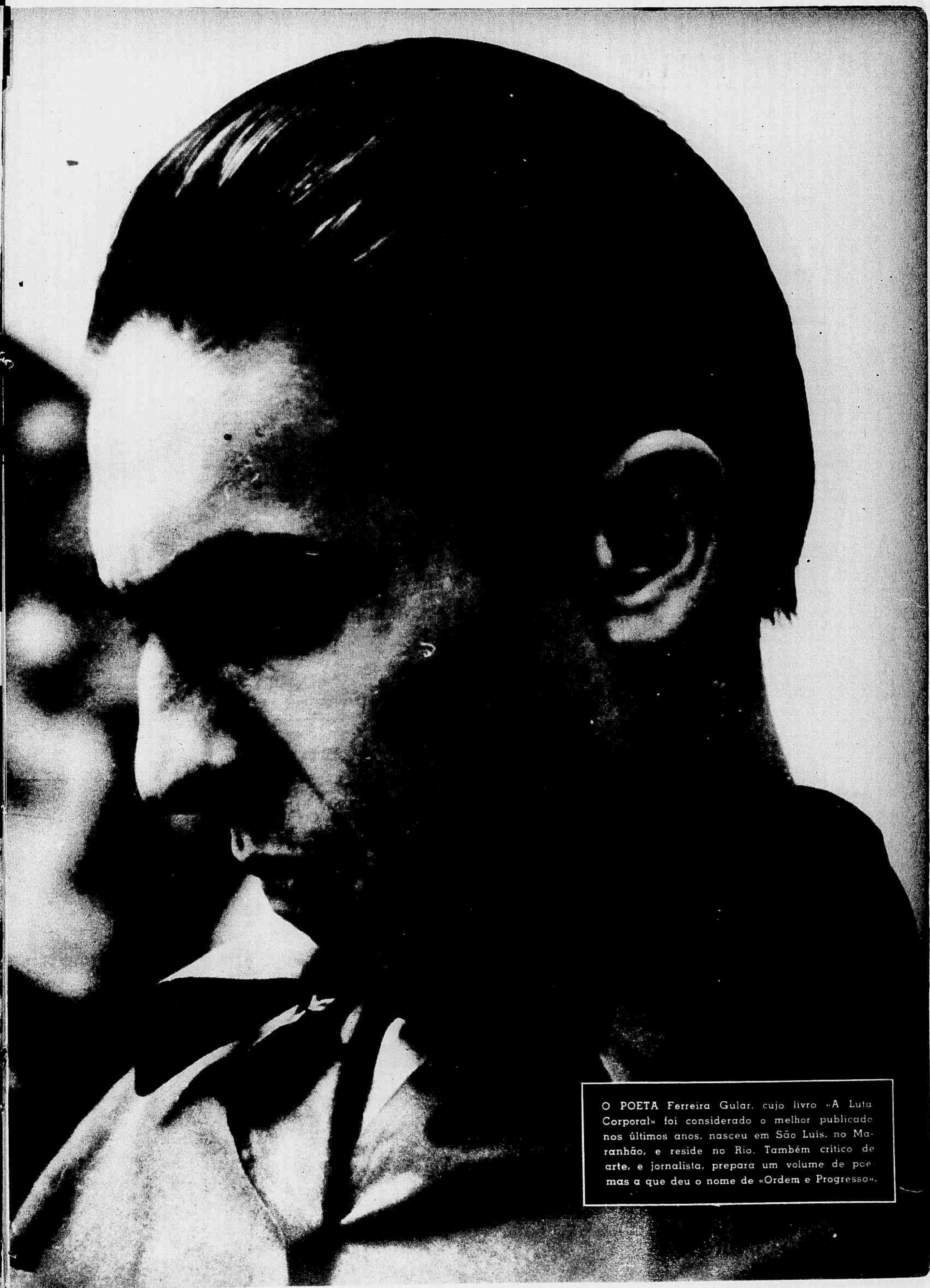
Manuel Bandeira. Aos setenta anos, membro da Academia de Letras, é o mais conhecido dos poetas brasileiros da atualidade.



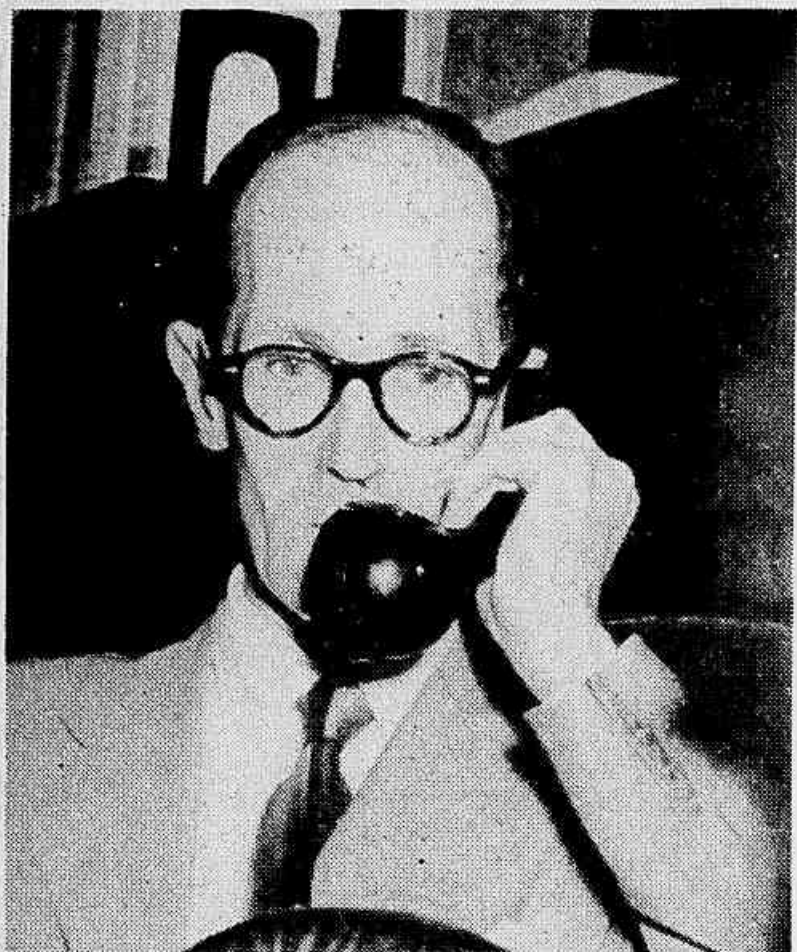
Cecília Meireles. 55 anos. Voz puríssima da poesia nacional, alia a mais moderna das inspirações a certo sabor quinhentista do verso.



Aníbal Machado. 52 anos. Com seus recentes «Poemas em Prosa», coloca-se na vanguarda dos poetas de inspiração surrealista entre nós.



O POETA Ferreira Gullar, cujo livro «A Luta Corporal» foi considerado o melhor publicado nos últimos anos, nasceu em São Luís, no Maranhão, e reside no Rio. Também crítico de arte, e jornalista, prepara um volume de poemas a que deu o nome de «Ordem e Progresso».



Carlos Drummond de Andrade. Cinquenta e quatro anos. É decerto o poeta brasileiro que mais influenciou as gerações mais novas.



Cassiano Ricardo, 61 anos. Depois de fazer poemas de inspiração regionalista, passou a praticar uma poesia de caráter mais universal.



Augusto Frederico Schmidt. Cinquenta anos. Trouxe para a poesia brasileira certa nota judaica, cheia de melancolia e grave beleza.

e ruma, e olha a erva a crescer em redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue em suas patas para andar sobre seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguerão do pó dos ossos que a chuva lavará quando for tempo.

Compare-se-o a um poema tipicamente bandeiriano, esse «Consoada», de resto recente: Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável) Talvez eu tenha medo, Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

Não há dúvida de que estamos aqui a uma distância de muitos anos da poesia de Gullar. Essa distância tende a aumentar, empolga outros jovens saídos apenas da casa dos vinte anos, em breve transformar-se-á numa corrente de sangue novíssimo a revigorar a poesia do Brasil, que ameaçava estagnar, após ter dado tantos nomes de relêvo. Os mais velhos já se pronunciaram e buscam o repouso merecido: os jovens estão com a palavra. Para onde caminha a poesia brasileira?

Opiniões de Ferreira Gullar

*** Não sei o que é Poesia. Quanto à emoção poética, quem a experimenta sabe o que é, ou não sabe. O que vem a dar no mesmo.

*** O público é criado pelo autor. Ao escrever, o autor escolhe o seu público. Que bem pode ser um público futuro.

*** O problema da comunicação é um falso problema. Toda expressão é já comunicação, porque o ato de criar é uma revelação do autor a si mesmo — e aos outros, por extensão. O único problema que há é o da qualidade da obra.

*** Deve haver alguma relação entre a infância e a poesia, por que não? Tudo pode ser elemento poético!

*** A palavra está para o poema assim como o meio de expressão está para a expressão. Existe tanta vida numa palavra como num ôlho ou numa árvore.

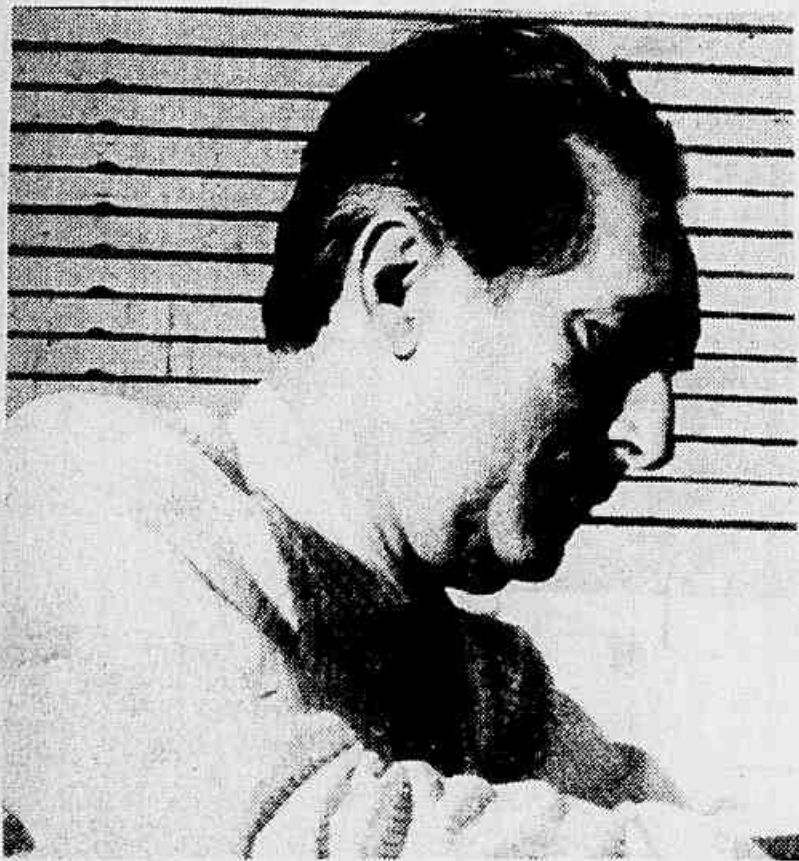
*** Sou, antes de mais nada, um poeta do Maranhão. Um poeta do quintal de minha casa em São Luís do Maranhão.

*** Toda poesia é social. A que usa porém esse nome não é poesia: é bobagem.

*** A função da poesia é, como a de toda arte, essencialmente revolucionária. Os poetas que se dizem «neo-realistas», que lutam pela revolução do povo, vivem das amizades das altas rodas, elogiando de público os homens que eles fingem odiar. Mas a poesia não transige nem com o poeta que a faz.

*** Algumas vezes, a poesia brasileira atingiu um plano universal. Mas a tendência geral hoje em dia é para a academização ou rebaixamento do nível literário. Contra este estado de coisas, nós estamos fazendo a revolução. Nós: os irmãos Campos, Décio Pignatari, Wladimir Dias Pino, Décio Vitorio, Oliveira Bastos, e possivelmente outros, que desconheço.

*** Encaro a situação da poesia com um pessimismo otimista: a poesia, como a definem hoje os nossos professores, vai acabar, pela simples razão de que sendo a poesia uma expressão do homem, terá de se transformar na medida em que se transformam as condições de existência social. O homem mal começou a nascer.



Olegário Mariano. 67 anos. É o chefe daqueles que não aderiram ao movimento moderno em poesia, preferindo seguir os velhos métodos.

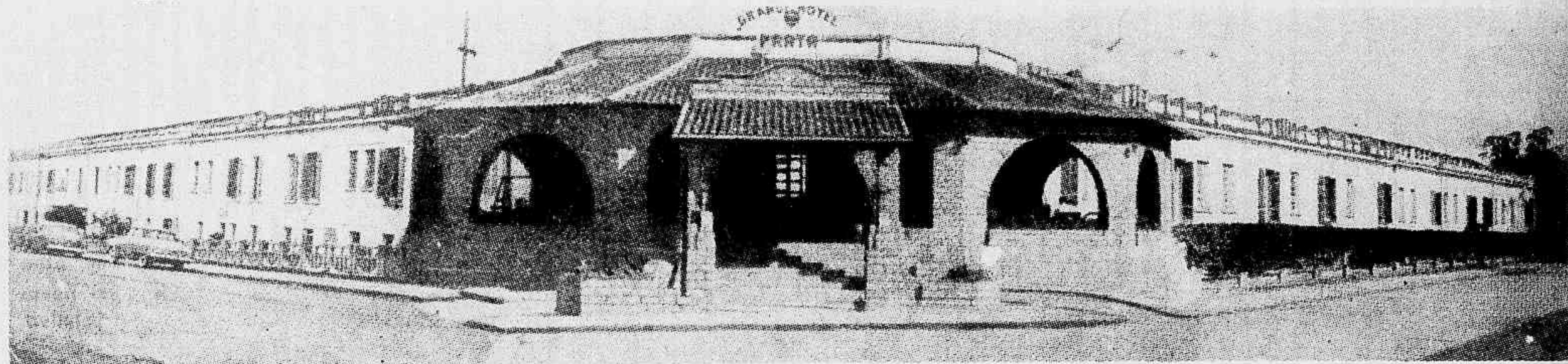


Murilo Mendes. 54 anos. Surrealista, até certo ponto. Grande influência nas gerações jovens, é sob certo aspecto, o maior poeta do Brasil.



João Cabral de Melo Neto, um dos principais vultos da geração de 1945, e um dos maiores poetas brasileiros surgidos nos últimos 15 anos.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Desconto de 20% em tôdas as diárias durante os meses de maio a junho e de agosto a dezembro.

Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel. Telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata. Est. de São Paulo.

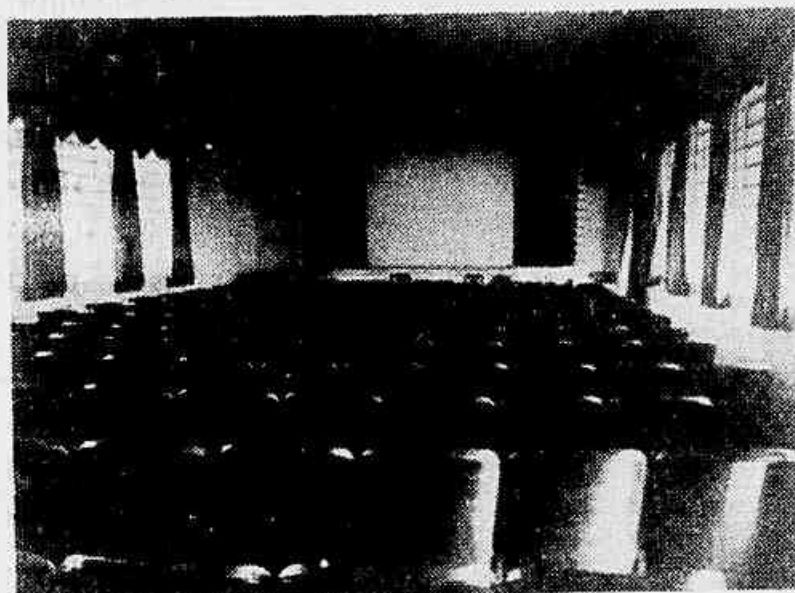
ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro. Limousines, Nacional Transportes Aéreo, Panair — do Rio a Poços de Caldas — e Estrada de Ferro da Mogiana.



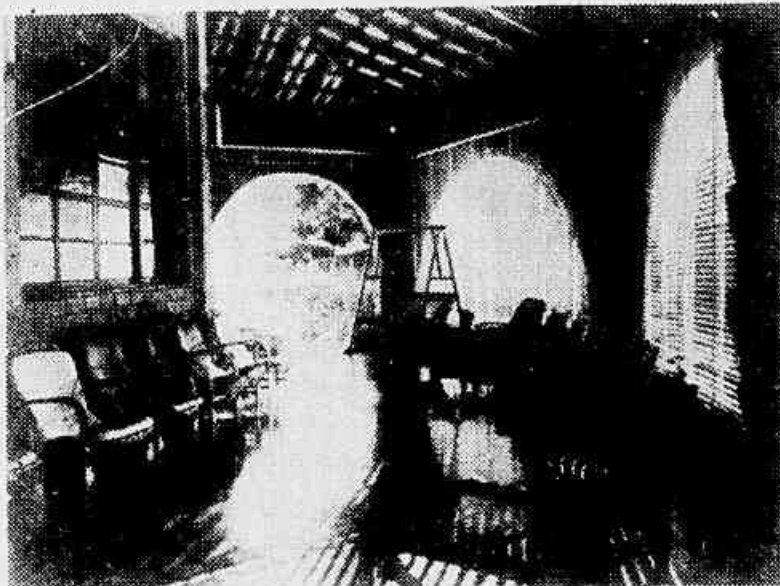
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



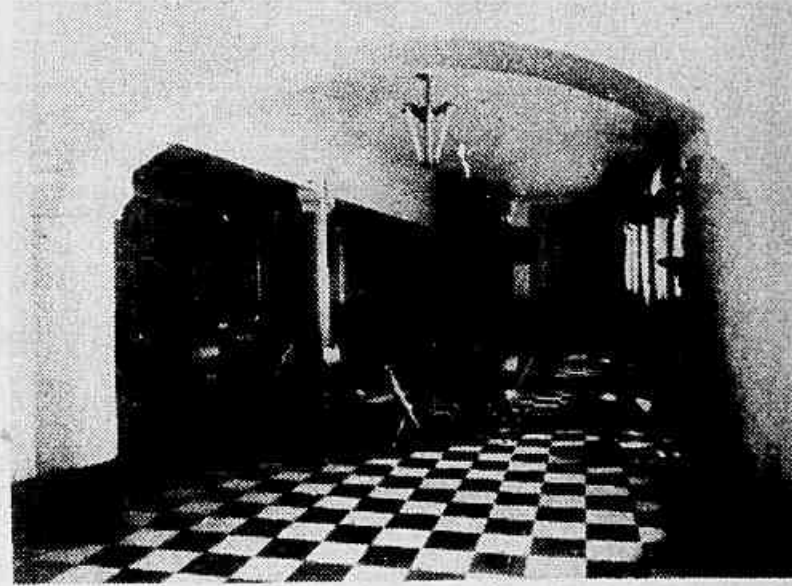
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

PARA SUA CÚTIS!

Stonyl

NAS FARMÁCIAS E PERFUMARIAS

LIVROS QUE NÃO DEVEM FALTAR EM SEU LAR



PEQUENO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA — H. de Lima e G. Barroso, encadernado. 200.00

A NOSSA VIDA SEXUAL — Dr. Fritz Kahn, guia e conselheiro para todos, com resposta para todas as questões. 100.00

COMER MELHOR (Os segredos da cozinha) p/ Dna. Stella mais de mil receitas. Ótima sugestão para presente. 130.00

Pedidos pelo reembolso postal sem acréscimo de despesas.

LIVROS — ROMANCES — MÚSICAS — MÉTODOS etc.

Distribuidora para todo Brasil do famoso método de piano e harmônica de A. Schmoll.

PRATO, Distribuidora Lit. Mus. Ltda. - Caixa Postal 1037
Rua Sud Menucci, 234 — SÃO PAULO

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Boris Godunow

♦ Pela 9ª vez desde 1921, o público carioca assistiu à ópera Boris Godunow, de Moussorgsky, na estréia da Temporada Lírica Internacional do corrente ano. Muito embora esta obra, baseada no famoso drama de Alexandre Pushkine, seja considerada a ópera nacional da Rússia, não conta com a simpatia do grande público, razão porque é tão poucas vezes representada. A música, rústica, sombria, na sua quase totalidade haurida em fontes folclóricas, possui a grandeza trágica da sempre turbulenta Rússia dos Tzares. Ainda que o entrecho se ressinta da falta de unidade, o que reflete sua origem popular, a beleza e a consistência da tessitura está muito além do sentido comum da música operística. Uma constante coral, geralmente morbosa e impregnada de misticismo, atua como um fundo glorificador, esteiando as situações dramáticas, numa perpétua afirmação da necessidade do retorno à consciência coletiva, única fórmula para a consecução do bem estar geral.

O papel do usurpador Boris Godunow encontrou extraordinária recriação na pessoa do seu homônimo, o baixo Boris Cristoff, de ilimitado poder emocional, de extrema comunicatividade e dotado de uma voz bela, firme e impressiva. Ressalte-se que o famoso baixo interpretou o seu papel no idioma original, o que lhe proporcionou maiores possibilidades na emissão sonora e mesmo no desenvolvimento dramático.

Não obstante seu renome, Elena Nicolai não convenceu. Sua voz massiva, de timbre opaco, não produziu o efeito desejado. Movimentação insegura e sem calor dramático.

Plínio Clabassi no papel de Pimen agradou pela expressividade e volume da voz. Personalidade forte e que sabe salientar o seu verdadeiro valor.

A figura de Varlaam, interpretada por Guilherme Damiano, esteve boa. Na cena da estalagem mostrou-se bem integrado na situação cênica, dosando sem exageros o material sonoro. Esta foi, sem sombra de dúvida, uma das mais convincentes interpretações de Damiano.

Já Francesco Albanese como o Príncipe Schuisky não nos pareceu satisfatório. Além de inespontâneo, sua voz não possui colorido.

Glória Queiroz e Glória Thomas mostraram-se fracas nos papéis dos filhos de Godunow. Cantaram sem convicção, tornando visível o contraste ante a presença do grande baixo.

O resto do elenco artístico desincumbiu-se simplesmente de sua restrita missão. O coro, bastante irregular; atingiu, no entanto, grandes momentos. Muito bem coordenada esteve a orquestra, sob a regência segura do maestro Franco Ghione, que soube dar o relêvo e expressividade exigidos pela partitura.

Noticiário

A ABC e a Pro-Arte ofereceram aos seus associados, no dia 3 de agosto, no Teatro Municipal, memorável concerto com a Orquestra de Câmara de Berlim. Constataram do programa a «Suite em dó para sopro e cordas» de Bach, o «Concerto para flauta e orquestra» de Telemann, com o recentemente consagrado flautista Matthias Ruetters, «Concerto para dois violinos e orquestra» de Vivaldi, e «Sinfonia nº 5, em sibemol maior» de Schubert.

x x x

SOB A presidência do Secretário de Estado das Letras e Artes da França, foi inaugurada uma placa comemorativa no Chatelet, em homenagem a Ana Pavlova, por ocasião da passagem do 25º aniversário do desaparecimento da famosa

bailarina russa. A placa comemorativa de Pavlova fica fronteira à de Diaghilev, na mesma galeria.

x x x

REALIZOU-SE no dia 28 de julho, na Escola Nacional de Música, mais um concerto sinfônico do «Festival Mozart», comemorando o bicentário do genial compositor austríaco. A orquestra, sob a regência do maestro Carlos de Almeida, executou o seguinte programa: «Sinfonia em Sol Menor, KV-550»; «Concerto em Lá Maior DV-622, para clarinete e orquestra»; «Concerto em Lá Maior, KV-495, para trompa e orquestra»; e «Concerto em Lá Menor, KV-488, para piano e orquestra». Os solistas foram respectivamente, os professores Jaiolano dos Santos, Marcos Benzaquem e Arnaldo Rebêlo.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 12 de agosto de 1906

Chroniqueta sobre o joelho

♦ Foi em 17 de junho que escrevi a ULTIMA chroniqueta. Tinha sido a PRIMEIRA. Como veem, seguem-se outras. Dous mezes depois estou escrevendo a segunda. Não é minha a culpa. O chefe é quem manda. É a infelicidade do leitor. Tem que me aturar. Ouçam os ultimos acontecimentos pelo systema estrada de ferro — ás pressas. Que querem? Estamos na epocha das pressas, inovações e mutações. O Root fez sua visita correndo. O Joaquim da Ponte liquida com trez tiros o infeliz Moraes em um abrir e fechar de olhos. Novidades, não faltam. O Moulin Rouge é a ultima. Mutações é que estão difficeis na sua realisação. Querem mudar o nome do Pavilhão Brasileiro, de S. Luiz, das Exposições, Monroe. Mas este ultimo não vae nem a tiro. O governo decreta. A lingua do povo, porem, é indomavel! E nem somos todos mulheres! O correspondente da «Nacion», quiz mudar a «interview» do Barão. Este não deixa. Seguem-se as cartas de rectificação. Dize tú, Direi eu. São mutações. O naufragio do «Sirio» foi a nova verdadeiramente triste. Felizmente, o numero de victimas diminuiu. Antes assim. Nem todos os acontecimentos são desagradaveis. Não-são só casos de discussão e naufragios. Tambem ha notas alegres. Temos a epocha dos beneficios á porta. A Zulmira Ramos prepara o dela para o dia 16, no Recreio. Promette surpresas. Entre ellas está o offerecimento da festa aos Congressistas Pan-Americanos. O dr. Nabuco honrará a festa com sua presença. Zulmira brindal-o-á com um soneto. Santos Dumont promette visitar a patria breve. Que chegue depressa e suba alto no seu 14, que diz trazer consigo. Já me esquecia de Henri Turot. Chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se. Imitou o Root. Viu tudo ás pressas. Para em tudo serem eguaes a ambos e saírem satisfeitos. Era de esperar. D. Carioca é sempre amavel para com os seus visitantes. Resultado: todos levam saudades. Apesar d'isso, ao chegarem ás suas patrias, uns acham isto bom, outros pelo contrario — Antoine. Deus os leve em boa paz. Houve festas, banquetes, passeios, discursos. Divertimo-nos. Os pan-americanistas ahi ficaram ainda. Que o seu trabalho nos deixe perpetuada — a paz. E' o que desejamos. — FOX.

BANQUETE A HENRI TUROT

No dia 6 do corrente offereceu o Conselho Municipal um banquete ao sr. Henri Turot, Conselheiro Municipal do Sena. O sr. dr. Castro Barbosa, fez um discurso em francez saudando a Municipalidade de Paris, na pessoa do sr. Henri Turot, e fez um estudo comparativo das Municipalidades em todo a mundo, fallou da sua missão e declarou afinal, a necessidade urgente de que ha de dar a essas instituições completa autonomia. No fim do discurso a orchestra executou a

Marselheza, no meio de applausos. O sr. Henri Turot agradeceu o acolhimento delicado e fraternal que lhe foi feito, fallou sobre a historia de sua patria, fallou ainda com admiração do Brasil e terminou o seu «toast» bebendo á amizade da França e do Brasil e á das Municipalidades do Rio e de Paris. Findo este brinde, tocou a orchestra o Hymno Nacional. Brindou ainda o sr. Consul da França, ao Presidente do Brasil. Foi este o Brinde de Honra.

CORPO DE BOMBEIROS

Como ultimo echo das festas que aqui se realizaram em homenagem ao jubileu d'esta notavel corporação, reproduzimos ainda hoje duas photographias. Uma representa a estação de Bombeiros do Districto Norte, no dia em que se realizou o baile; a outra, da igreja de Santo Christo dos Milagres, por occasião da missa que, em suffragio das al-

mas dos officiaes e praças, mortos no cumprimento austero dos seus deveres, fora alli mandada celebrar. Estas reproduções servem ainda para mostrar o trabalho artistico da praça n. 651, Francisco Rodriguez Lisboa, que se dedica em horas de lazer a trabalhos photographicos.

EXCURSÃO AO CORCOVADO

A «Revista da Semana» reproduz hoje algumas photographias tiradas na festa do Corcovado. Esta festa, realizada a dez de julho, foi offerecida pelo dr. Lauro Muller, Ministro da Viação, ao sr. Elihu Root, Secretario de Estado da America do Norte. Foi uma das festas que mais agradaram ao secretario Root e aos Delegados do Congresso Pan-Americano. Esses ultimos ficaram tão encantados com o bello panorama que realizaram dias depois uma excursão em noite de luar, para apreciar as perspectivas d'estes quadros do scenario da natureza á luz da lua. Os excursionistas seguiram o Secretário até ao planalto do Chapéu do Sol, que fica a 710 metros acima do nivel do solo. O dia era esplendido. Uma viração agradável arrefecia o ardor dos raios do sol. O grande numero de senhoras em trajes elegantes e ligeiros de passeios campestres em prestava um tom de belleza e vivacidade á festa que muito contribuiu para tornal-a mais alegre. Na descida pararam os excursionistas nas Paineiras, onde foi offerecido um banquete pelo amphytrião sr. Lauro Muller, e servido pelo sr. Silva, do Hotel dos Estrangeiros. O numero de convidados era apenas de 120. Sentaram-se todos em mesas ao ar livre. Fizeram brindes o dr. Lauro Muller, o sr. Elihu Root e o sr. Luiz F. Correa, de Nicaragua.



AGUARDEM A GRANDE EDIÇÃO DO

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1957

UM LIVRO RICAMENTE ILUSTRADO, TODO IMPRESSO EM "OFF-SET", CHEIO DE ASSUNTOS INTERESSANTES, CURIOSOS E ÚTEIS.

MUITAS PÁGINAS COLORIDAS.

O ROMANCE, REALMENTE INTERESSANTÍSSIMO, VALE MAIS DO QUE O PREÇO DE TODO O VOLUME.

LEITURA PARA ADULTOS E CRIANÇAS.

● ESTARÁ À VENDA EM TÓDAS AS BANCAS DE REVISTAS DO BRASIL, NAS CAPITALS E NAS CIDADES DO INTERIOR.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE MARANGUAPÉ, 15 - RIO DE JANEIRO

PREÇO Cr\$ 50,00
EM TODO O BRASIL



ENTRE DOIS guardas, aparece «Coice de Mula», o ex-guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto, no banco dos réus. O advogado de defesa, José de Ribamar, auxiliado por seu colega Mário Figueiredo, tudo fêz no sentido de minorar a culpa do selvagem matador do jornalista Nestor Moreira.

COICE DE MULA PEGOU SÓ 10 ANOS

NOVE ANOS DE DETENÇÃO E UM DE SEGURANÇA, NUM TOTAL DE DEZ ANOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE FOI O RESULTADO (BENÉVOLO) DO JULGAMENTO DE PAULO RIBEIRO PEIXOTO, MATADOR DO REPÓRTER NESTOR MOREIRA ★ A ACUSAÇÃO VAI RECORRER EM BREVE

Fotos de A. FERREIRA

EM ambiente de grande expectativa, na presença de grande número de curiosos, foi submetido a julgamento o ex-guarda Paulo Ribeiro Peixoto, alcunhado, por óbvias razões, o «Coice de Mula», o qual, à porta de uma «boite» de Copacabana, em 1954, de madrugada, agrediu violentamente o jornalista Nestor Moreira, produzindo-lhe lesões que, onze dias depois, lhe acarretariam a morte. Conhecida de todos é a ação da imprensa para a descoberta da autoria de tal crime, que por pouco ia ficando impune, como tantos outros, que não transbordam das paredes das delegacias e presídio. E também conhecidos são os lances, lamentáveis, em que ocorreu o homicídio, comentados e abundantemente glosados, REVISTA DA SEMANA — 46

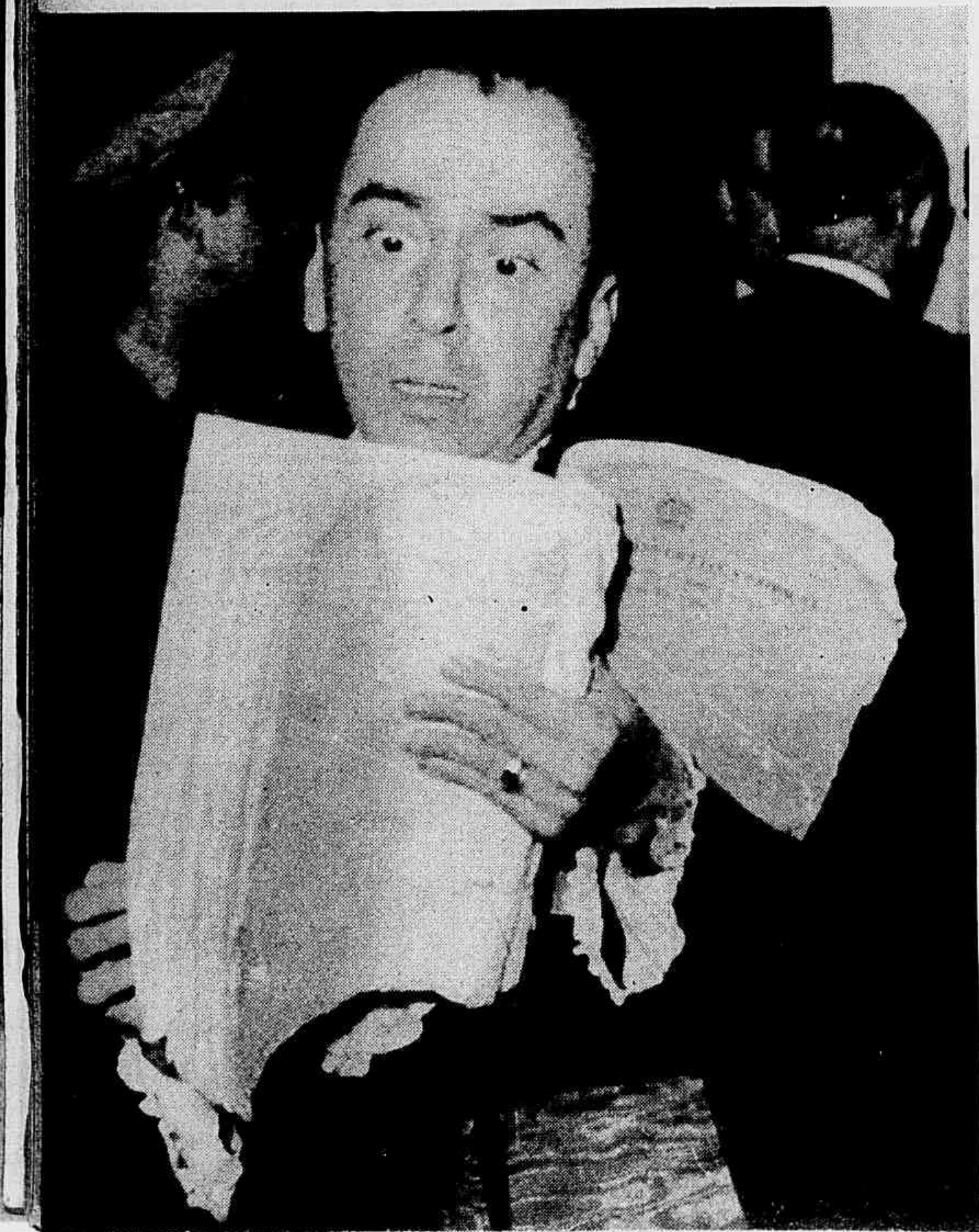
pela imprensa carioca e brasileira, em grandes e violentos artigos. O que nos interessa é, agora, o resultado a que chegou o Conselho de Sentença, após cerca de quinze horas de debates entre a acusação e a defesa. Quer nos parecer que os jurados, talvez por excessiva condescendência, talvez por se sentirem fatigados com os discursos de tantos hábeis causídicos, pecaram, ao dar ao juiz a oportunidade de arbitrar em somente nove anos de reclusão e mais um de segurança, a expiação ao repugnante delito. Afinal, com quase dois anos já cumpridos na prisão, se Paulo Ribeiro Peixoto se comportar bem, na Penitenciária, dentro de mais alguns estará, novamente, em liberdade, pronto a praticar, contra

«COICE DE MULA» nem um instante pareceu arrependido da brutalidade de seu ato. Conser-
vou-se duro, empertigado, do princípio ao fim.
Ouvir a sentença sem contrair um músculo.

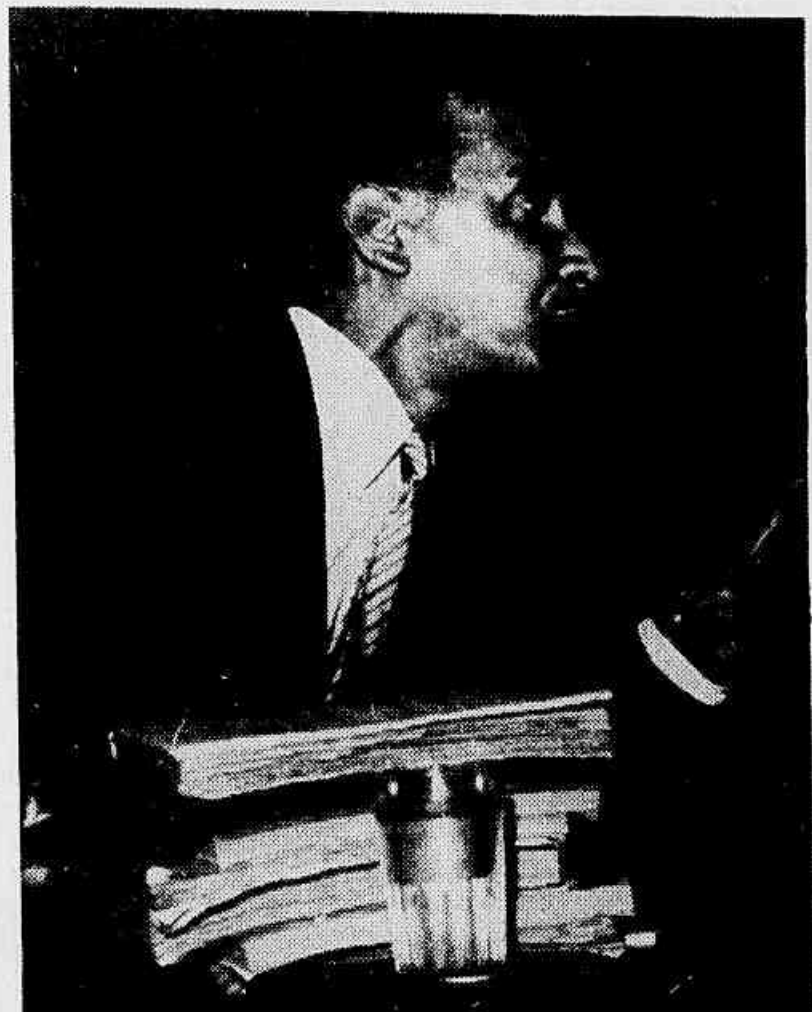




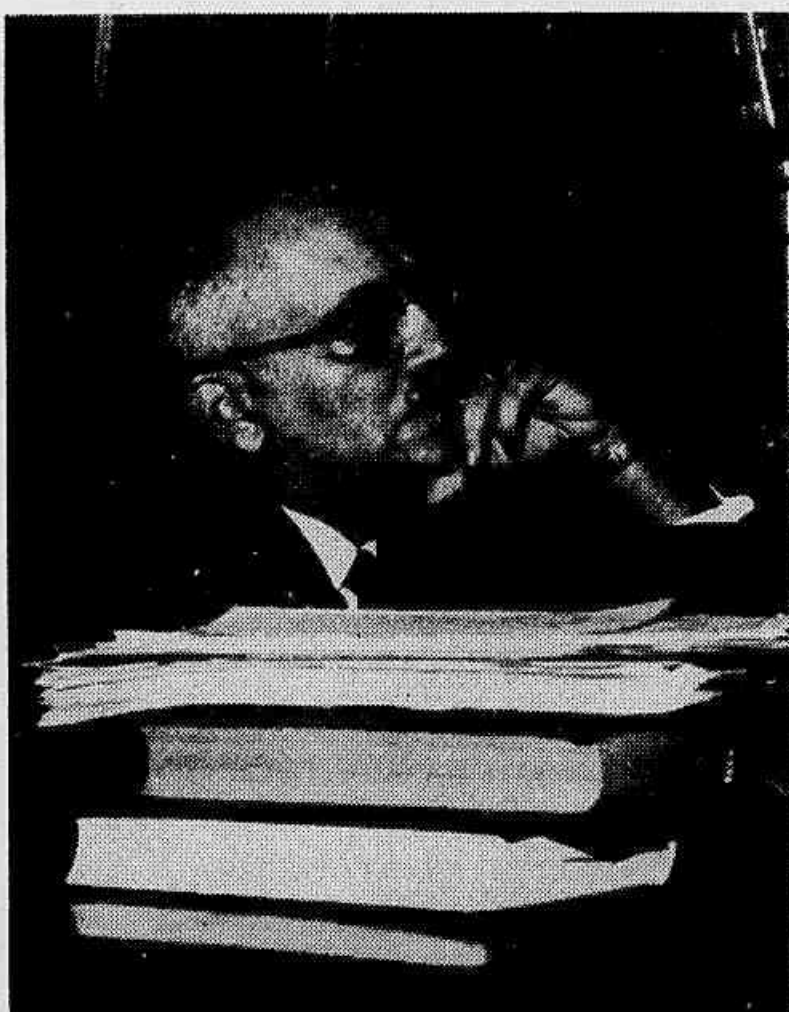
PERSONAGENS DO RUMOROSO julgamento foram a filha e a viúva do infortunado jornalista Nestor Moreirá; o promotor Araújo Jorge, que pronunciou um terrível libelo contra o réu, e o juiz Souza Neto, que presidiu a sessão. O julgamento, principiado por volta das dez horas da manhã, foi terminar quase à meia-noite, com a condenação de «Coice de Mula», a somente 10 anos de prisão, quando se esperava pelo menos 20.



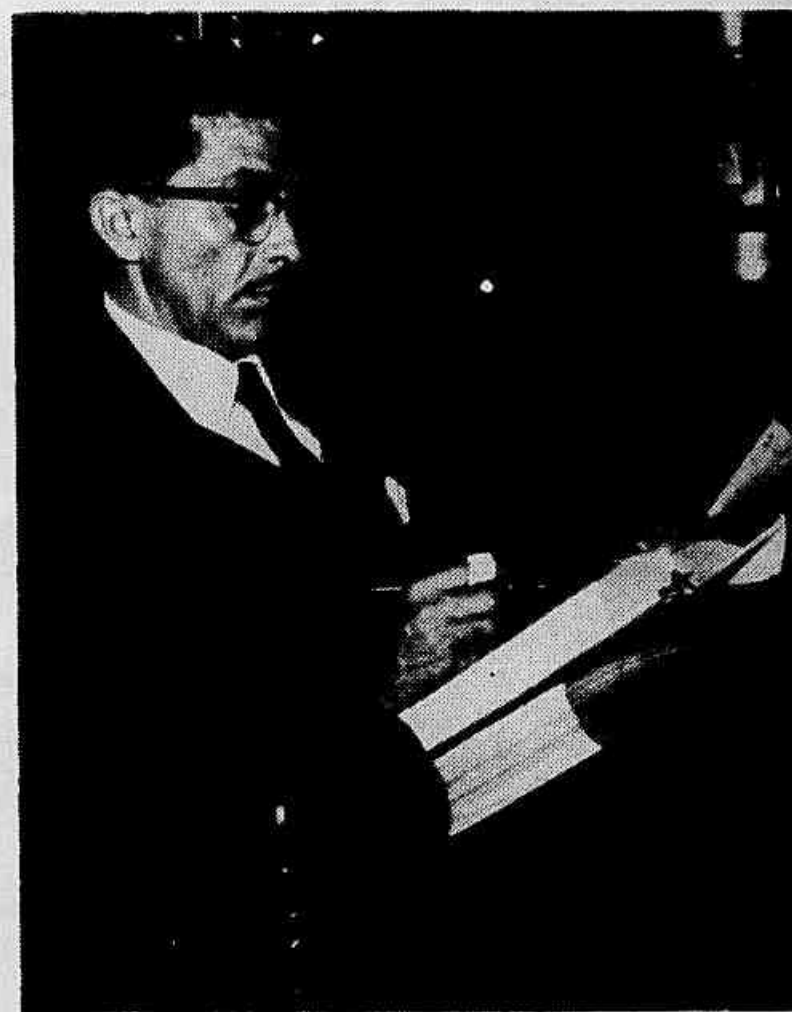
COICE DE MULA PEGOU SÓ 10 ANOS



A DEFESA, composta dos advogados Mário Figueiredo e José de Ribamar, portou-se muitíssimo bem, conseguido de certo modo uma grande vitória. Aqui, o advogado Mário Figueiredo.



HÁ QUEM atribua a relativamente pequena pena a que foi condenado «Coice de Mula» à excessiva benevolência dos jurados. Os advogados de defesa trabalharam de maneira brilhante.



EVANDRO LINS atuou como auxiliar de acusação. Falou após Serrano Neves, que atacou particularmente a violência da polícia. Disse o causídico: «A população carioca já julgou o réu. Agora, o Conselho sancionará a sentença».

jornalistas e não-jornalistas suas amabilidades. Talvez por isso é que a acusação já prometeu examinar a hipótese de um novo julgamento, de vez que lhe pareceu muito pequenina a punição para delito tão grave.

O juiz Souza Neto presidiu a sessão; foram acusadores o promotor público doutor Araújo Jorge, e mais os advogados Serrano Neves e Evandro Lins, que não deixaram sem realce um ponto, sequer, do processo volumoso; e a defesa contou com os causídicos Mário Figueiredo e José de Ribamar. Não deixa aliás de ter sido, o resultado do julgamento, uma espécie de vitória destes dois advogados, pois todos, na sala do Tribu-

nal, estavam convictos de que «Coice de Mula» apanharia no mínimo uns vinte anos de pena. O fato é que tanto Mário Figueiredo como José de Ribamar exploraram habilmente os pontos que lhe eram favoráveis nos autos, utilizando-se, outrossim, do natural cansaço dos jurados, que após dez horas de função, já mal se agüentavam em seus respectivos lugares. O resultado, assim que conhecido, causou admiração a todos os presentes. Uma só pessoa não contraiu um só músculo, e nem foi assaltada pelo «frisson» geral: foi o próprio assassino, que tão tranqüilamente como tinha penetrado no recinto, dele se retirou, diretamente para a Penitenciária.



ESSES SETE homens decidiram a sorte de «Coice de Mula». De certo modo, sua decisão foi benevolente em demasia. Porém, dez anos sem liberdade é já um bom castigo, convenhamos todos.

Pobre Menino

Conto de POMPÍLIO FILHO

Desenho de J. RIBEIRO

O MENINO fitou dona Cândida e falou, quase chorando:
— Tia Tãda, compa taque pá eu, compa...

Constrangida, a velha fêz que não ouvira. Ensaíou uma marchinha em voga, tentando entreter o garôto, mas qual nada! Zoé insistia na súplica, batia com o pé no chão, furioso, chamando pelo diabo. «Compa, tia Tãda, compa...»

O morro estava imerso numa escuridão fechada, um pouco adiante o mar se quebrava contra os seixos, as ondas rolando com a monotonia de sempre. De cima de um tamborete, duas frágeis velas abriam uma nesga de luz para a família dos Camundas: Dona Cândida, dona Leda e seu filho Zoé, que João Camunda, o chefe, morrera há anos. Um pouco longe, a cidade era tôda fogos de artifício, vez que outra balões passavam ao largo do morro, e iam cair do outro lado da Furna das Onças. «Lá se vai o balão, tia Tãda, lá se vai outro, mais outro... cai, cai, balão...» E o dedinho se estirava, fino e amarelo, apontando os balões que jogavam sôbre o morro uma lúgubre luz amarelenta.

Cães ganiam à distância. Dona Lena movimentava a muito custo a rêde poída, provocando ruídos característicos no armador. Talvez estivesse remoendo coisas do finado João Camunda, suas atrapalhações na vila de mistura com bebedeiras terríveis, sua valentia gabada por todo mundo, sua morte horrível na ponta de uma faca traiçoeira. «E' isso mesmo — dizia de si para si, conformada. — Valentia não pode dá noutra coisa».

E Zoé logo depois voltava a suplicar. O movimento da cidade o punha impossível. Impossível, como costumava dizer dona Cândida, entre impaciente e pesarosa. «Por que pobre no mundo, meu Santo Deus?» Levava as mãos à cabeça, tinha ganas de aos sapatos arrastar Zoé ao santuário e obrigá-lo a debulhar cinco terços encarrilhados. Mas o menino caía-lhe aos pés, lambuzando-se no barro batido da alpendrada, espumando como um animalzinho raivoso. «Compa, tia Tãda, compa... compa... compa...» Dona Cândida via estrelinhas fervilhando-lhe à frente, avolumando-lhe a gastura, empurrando-a para o desespero. Uma voz misteriosa parecia advogar junto à velha a causa do pobre menino. Uma caixa de traques apenas. Cinco tostões apenas e tudo estaria na santa paz do Senhor. Cinco tostões, nada mais que isso, dona Cândida. Então, não era possível?

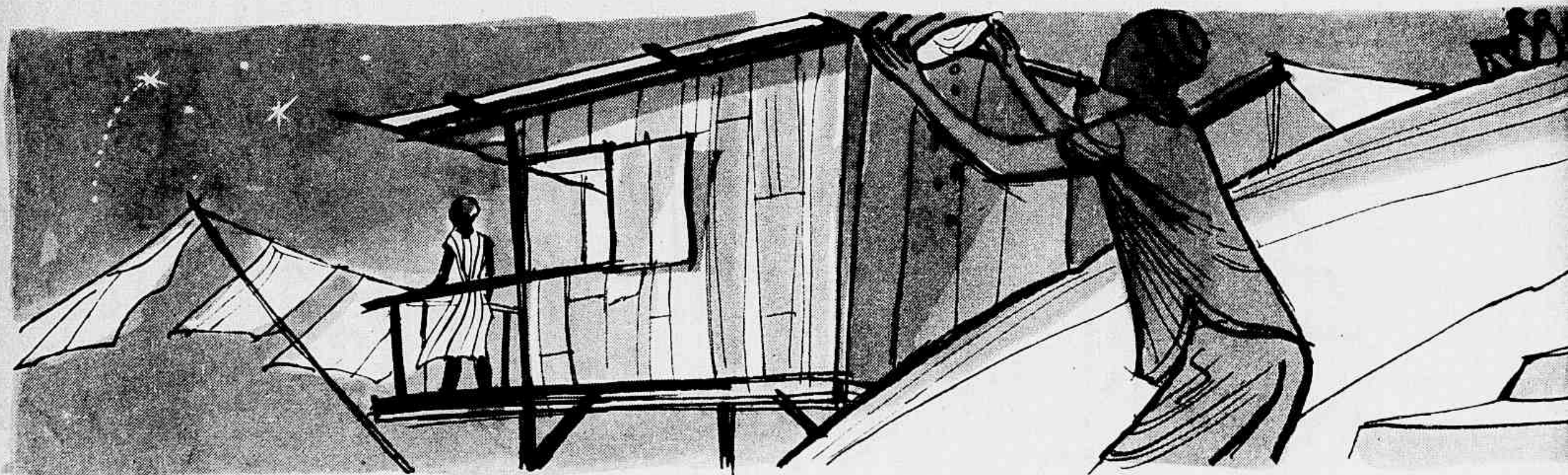
A velha estancou o borbotão do desespero e forçou atitudes de compreensão e meiguice. Não. Não é possível, Zoêzinho da minha alma. Deixasse para o dia seguinte, na certa encontraria algumas caixas de traques intactos perdidas entre o capim de burro das coxias. Até mesmo buscapés, bombas de parede, coiós, traques alemães, quem sabia lá? Podia mesmo acontecer que Deolindo, filho de «seu» Ricardito viesse à sua casa presentear-lo com mancheias de «estrelinhas» multicoloridas, foguetes terríveis que mesmo o finado João Camunda tinha sobrosso de detonar. Nada se perde por esperar, Zoêzito, deixa que no fim do ano Papai Noel virá colocar sob a sua rêde brinquedos de todo modelo, locomotivas, aviões, boizinhos de barro, bonecos que dizem «mamãe» e gaitas

que tocam o «Salve, lindo pendão da esperança». Deixa, Zoêzinho...

— Não, não, nããããã! — gritava o menino castigando os pés contra o chão áspero e seco.

D. Cândida novamente escureceu e como que um jorro de sangue lhe subiu à cabeça feito chumbo derretido. Pois então que se danasse. Afinal das contas, você tem 14 anos e mesmo menino pobre começa a ser homem desde pequeno. Corresse a cidade, cascavilhasse as casas de fogos, pedisse, esmolasse, tomasse dos outros, contanto que a deixasse em paz nesses últimos dias de uma vida madrasta. Ouviu?

Engasgado, Zoé cortou o choro bruscamente e ficou como uma pessoa adulta em silencioso exame de consciência. 14 anos. Menino pobre começa a ser homem desde pequeno. Dona Cândida o acordara para outros mundos, jogara um jacto de luz sôbre caminhos antes desconhecidos, só faltou apontar o exemplo do finado João Camunda, a sua valentia, a sua natureza de cabra-homem, terror da vila, fantasma das estradas. Encostou-se ao portal, o rosto sujo lavado de lágrimas pegajosas, os olhos pregados no movimento da cidade, enquanto dona Cândida cachimbava furiosamente, rilhando as maxilas, parecendo bicho acuado. E os balões persistem no alto, lerdós, solenes, com sacolejos lentos de transatlântico em pleno mar. A cidade imita um constante pipocar de metralha à distância, quase inaudível. As velas lutam contra pés de vento rebelde, apagam, não apagam, numa resistência alucinante. No quarto escuro, dona Lena busca uns fiapos de voz, sem resultado:



— Zoé. Zoéééé... Ó Zoé...

— Ora, mãe...

— Cá, meu filho.

O menino fez tenção de atender ao chamado de dona Lena, mas permaneceu encostado ao portal, descançando os olhos sobre a cidade, indeciso e pesando os conselhos de dona Cândida. Iria corrigir as ruas atrás de alguns traques largados fora? Se os meninos graúdos lhe quebrassem a cabeça, como voltaria para casa e explicando o caso à d. Cândida? Se a polícia a perseguisse depois de ter voado nos outros para tomar fogos à força bruta? Iria ou não iria? Não era filho de João Camunda? Dona Cândida não lhe dissera que menino pobre começa a ser homem desde pequeno?

Agora silêncio completo. Dona Lena emudeceu, dona Cândida encolheu sua impaciência e tira um rochilo com o cachimbo encailhado entre os dentes. As velas apagam, não apagam, fazem do ambiente um pedaço de cemitério desolado. Zoé trinca os dentes, atrás de solução. Sem querer se lembra dos seriados do Cine Orion, entrecerra os olhos e parece enxergar cavalos de bandidos em correrias por vales intermináveis. Num momento, tem a sensação de que um cavalo riscou-lhe bem na frente, saltando um bandido de revólver empunhado, a cara patibular. Com um muxôxo de dona Cândida, fogem os cavalos e os bandidos se somem como por encanto. Zoé figura então dezenas de garotos vivendo São João e cantando pelas ruas o «cai, cai, balão». Entre eles descobre Formiguinha, Tição, Zé da Conceição e não sabe quantos meninos do morro que desceram à cidade para abiscoitar fogos dos outros. Divisa mesmo Marion, o moreno de cilion nas pestanas e cabelos oxigenados, sendo acaninhado por Jimmy, o louro, e a turma que faz ponto no Bar dos Alogados. E, resoluto, pisa duro no portal, paralisa os olhos em cima de dona Cândida, sentindo na polpa da língua lágrimas salgadas do longo choro incontido. Remexe os bolsos, meio nervoso, como se estivesse a tomar uma grande decisão. De repente, como uma bala, dispara velocíssimo, no rumo da cidade barulhenta.

Quando dona Cândida levantou as vistas, Zoé era um pinguinho de gente distanciando-se cada vez mais do morro de São Conrado.



FORTUNA (abrindo o arquivo) **APRESENTA**

TEMAS CLÁSSICOS DO



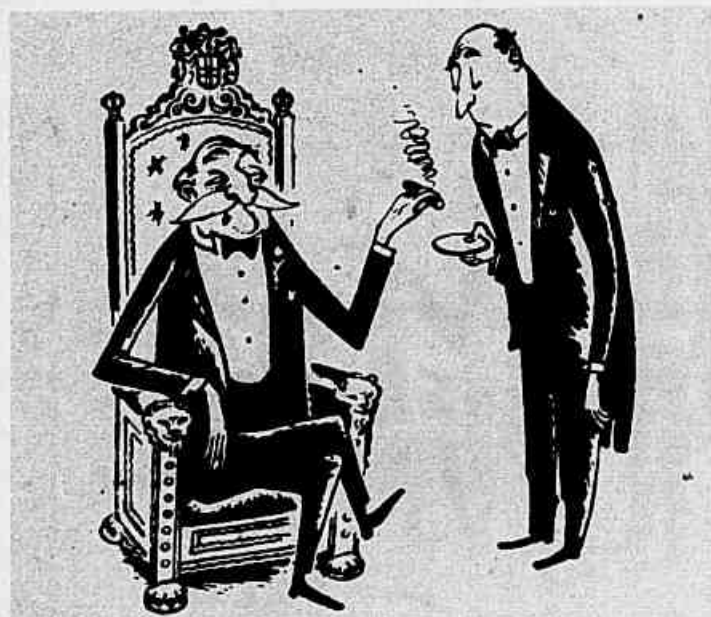
O RÔLO DE PASTEL

Des. de S. B. Stevens — «Esquire»
— Estados Unidos.



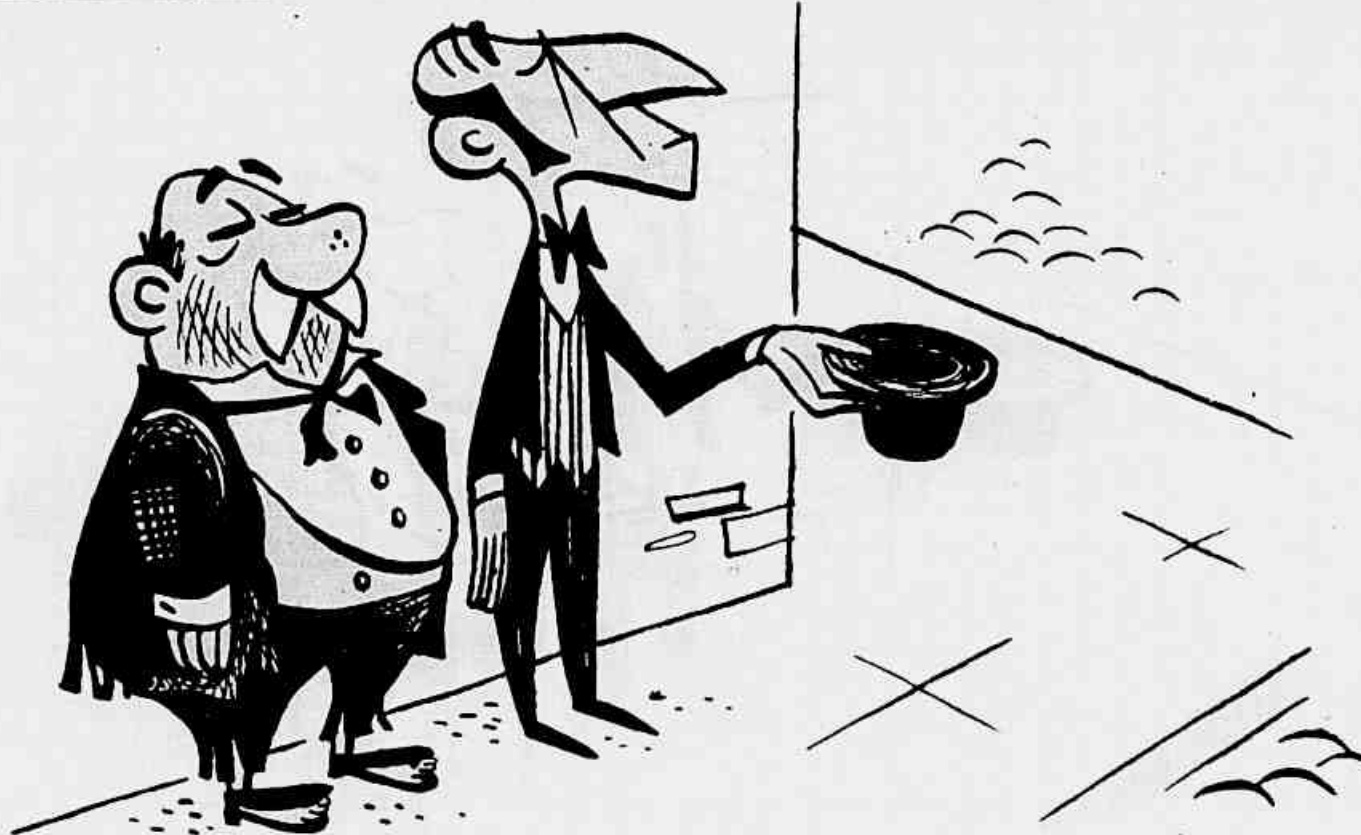
ESCAFANDRISTA E SEREIA

Des. de Varé — «Le Rire» — França.



O LORD E SEU MORDOMO

Des. de Thelwell — «London Opinion»
— Inglaterra.



DESENHO HUMORÍSTICO



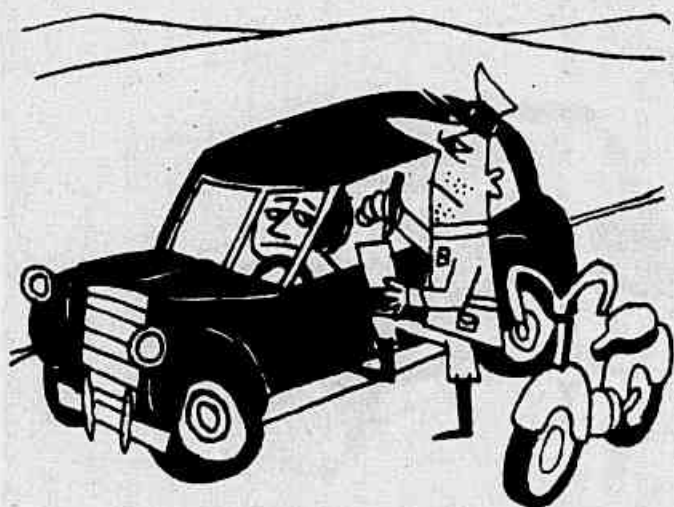
MARIDO NA COZINHA

Des. de A. G. Badert — «Eclats de Rire» — França.



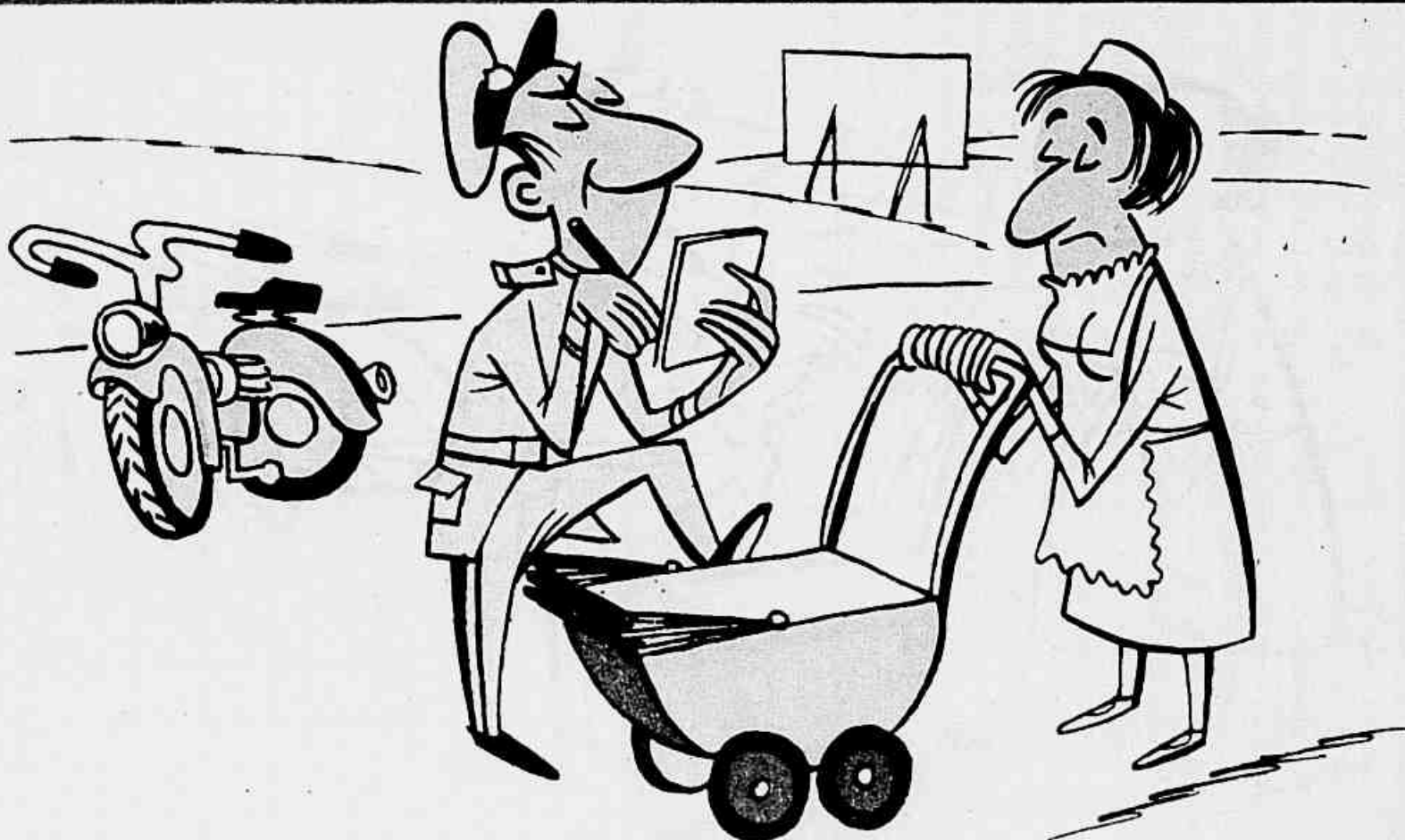
EXPLORADOR E CANIBAL

Des. de Siggs — «Punch» — Inglaterra.



MULTA NA RODOVIA

Des. de Piqui — Rev. da Semana





WEEK-END NA COZINHA

As bolachas feitas em casa são muito mais apreciadas pela petizada. Não roube esse prazer de seus filhos. Prepare você mesma uma lata cheia de bolachas ou de biscoitos, ao menos uma vez por semana. A receita pode ser qualquer uma de sua preferência. Ou esta:

Bata 2/3 de xícara de manteiga com 1 1/2 xícaras de açúcar, até formar um creme homogêneo. Junte 1 ovo, 1/3 de xícara de leite, 1 colherinha de essência de baunilha. Misture tudo bem.

Acrescente 3 xícaras de farinha de trigo, peneiradas juntamente com uma pitada de sal e 3 colheres das de chá de fermento em pó.

Pingue às colheradas, numa assadeira bem untada e enfiada. Asse de 10 a 12 minutos.

Desejando variar a receita acima substitua o leite por caldo de laranja e a baunilha por casca de laranja ralada. Ponha em cima de cada bolacha um pedacinho de laranja cristalizada, antes de assar.

Ou então acrescente à massa uma xícara de chocolate em pó, diminuindo 1/2 xícara de farinha. Enfeite cada bolacha com uma pastilha de chocolate bem redondinha. Ao ir ao forno, o chocolate ficará semi-derretido.

Também pode acrescentar à massa 1 xícara de amendoim picadinho; ou nozes picadas; ou passas sem caroço; ou côco ralado.

CONVERSA DE MULHER

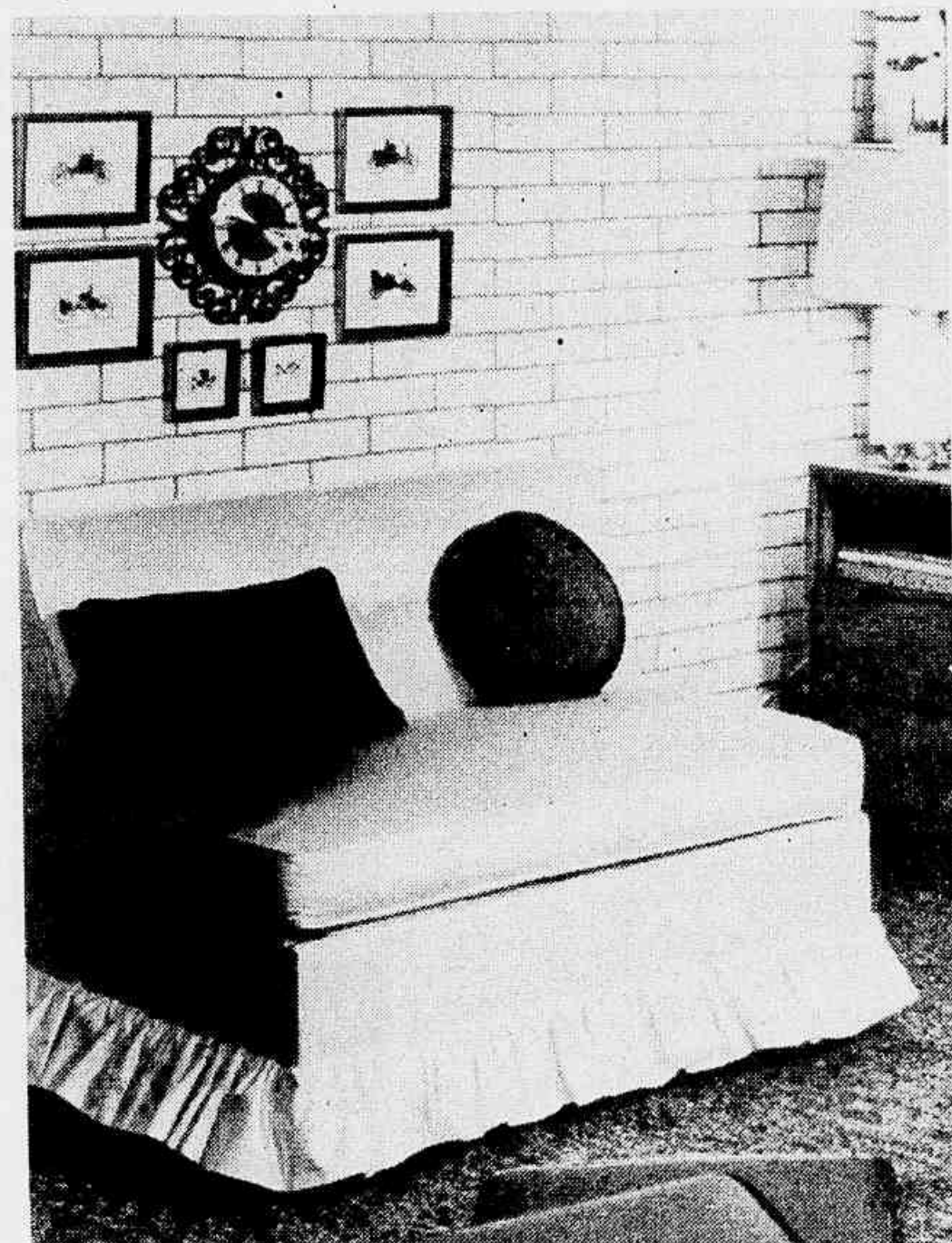
LÍGIA JUNQUEIRA

Desenho de JAIRÓ

SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Os malões antigos são realmente muito práticos para se guardar roupas e objetos de "reserva". São, porém, "feíssimos". Transformados num sofá de dois lugares como o da fotografia serão mais práticos ainda, e deixarão de ser feios. Qualquer estofador habilidoso poderá fazer a transformação, inclusive armar o espaldar acolchoado e removível. Num quarto de criança, no seu próprio quarto, ou até mesmo na sala, o sofá-malão será bem útil e decorativo. Observe sobre o móvel, a bonita disposição de um relógio de parede e seis quadrinhos com silhuetas de carruagens antigas. De muito bom gosto.

◆ O TECIDO ESTAMPADO continuará em moda na próxima Primavera. Porém, em vez de motivos florais, veremos desenhos abstratos ou inspirados em motivos típicos regionais. Este modelo, aliás muito "jeune fille", inspirou-se no Egito Antigo: flor de lotus e falcão — o pássaro sagrado — estilizados. Provavelmente, você encontrará em nossas lojas estamparias tão bonitas quanto esta.



ENTUSIASMO

♦ O entusiasmo é qualidade própria da juventude — afirma a sabedoria popular. Porém, sem um pouco de entusiasmo nada se realiza nesse mundo, como já garantia Voltaire, o célebre pensador francês. O fato é que existe muita gente já passada dos setenta cheia de entusiasmo.

Vai aqui um conselho às jovens: é realmente sinal de bom caráter e gentileza mostrar entusiasmo pelos programas que se realizam em companhia: festas, passeios, cinemas, reuniões, jogos. Quem assim não procedê, e mantém-se com a cara fechada ou uma triste expressão de desânimo, além de ser desmancha-prazeres se prejudica também, pois, provavelmente, da próxima vez não será convidada. Não quer dizer que se devam exagerar as manifestações expansivas em público: «gritos» de entusiasmo, abraços e beijos repetidos pelas ruas, comentários em voz altíssima, podem ser muito espontâneos, mas sempre são desagradabilíssimos para a «vítima» que os suporta.

O que é tolerado nas jovens, começa, além do mais, a ser ridículo nas «não tão jovens». Um outro ponto importante: mostrar entusiasmo quando este falta é trabalho inútil, e é errado. Quando muito, você será acusada de «artificial» ou se já passou dos 30 de «querer bancar adolescente».

SUA BELEZA

UMA das condições indispensáveis para que sua pele seja macia e livre de manchas e espinhas é estudá-la atentamente, a fim de verificar quais os preparados que lhe convêm. Muitas vezes os defeitos que tanto enfeiam a pele são devidos à incompatibilidade com determinados produtos de beleza. Se fôsse possível, seria recomendável fazer testes de alergia dos produtos de beleza antes de começar a usá-los.

A VOZ é a expressão mais forte de sua personalidade. Procure falar com voz suave e baixa, porém claramente, destacando cada palavra, cada letra mesmo. O carioca geralmente fala mal e sibilado; a pronúncia mineira é tão rápida que a maioria das sílabas são engulidas e as palavras tornam-se inteligíveis; o nordestino fala arrastado. Onde se pronunciam melhor as palavras, como afirma eminente lingüista é no norte (Amazonas e Pará). Procure livrar-se dos defeitos de pronúncia de sua região de origem fazendo treinos diários de boa dicção.

E' DESELEGANTE ter a bolsa cheia de papéis velhos, recibos amassados e cacarecos. Ao chegar da rua esvazie completamente a bolsa, rasgue todos os recibos, cartões e anúncios inúteis, e guarde os necessários em local apropriado.

Guarde a bolsa — completamente vazia — dentro de um saquinho plástico. Verá que se conservará bonita e nova por muito mais tempo.

Os estampados continuarão em moda para a próxima primavera.

Apenas os motivos geralmente usados, flôres, pássaros, etc., serão substituídos por motivos típicos regionais. Esse modelo, por exemplo, apresenta inspirações do antigo Egito.

As flôres de lotus, o falcão (pássaro sagrado) surgem aqui em estilizações bastante modernas.





Grand Monde internacional



Princesa Margaret. Será que ela vai terminar figurando na prateleira?

Rotschild vai tentar mais uma vez a felicidade conjugal. Desta feita será com a filha do barão e da baronesa Egmont Van Julen. ♦ Em Paris, o recordista de casamentos Artie Shaw anda escoltando com frequência «record» a veterana Paulette Goddard. Fala-se num provável casamento. ♦ Já que o assunto é casamento, quero noticiar também para vocês a provável união matrimonial do duque David Metcalfe com Lady Kaorda. ♦ No recente Festival Cinematográfico de Berlim, Elza Martinelli foi escolhida a melhor atriz. Elza é o romance apaixonado de Sydney Chaplin. ♦ A nossa conhecida Perla Lucena deixou com uma paixão muito «suspense» o milionário Paulo Getty. ♦ Aqui entre nós: acho que a princesa Margaret vai terminar figurando na «prateleira». ♦ O embaixador e sra. Hugo Gouthier têm recebido inúmeras homenagens aqui no Rio, pela sua recente promoção ao último posto da carreira diplomática. O meu amigo Gouthier é, sem favor, um dos mais hábeis diplomatas com que conta a nossa representação no exterior. Hugo e Laiz são bem merecedores dessas homenagens.

KIM NOVAK e William Holden iniciarão muito breve a filmagem de «The Life of Jeanne Eagles», que será o primeiro filme de George Sidney e o segundo da dupla Kim e Holden. ♦ Apesar de Ava Gardner insistir em dizer que não tem nenhum romance com Porfírio Rubirosa, os meus colegas de Nova York e Hollywood continuam noticiando que existe um romance entre essa famosa dupla. Vou procurar informar-me «in loco» do caso. ♦ Um casamento muito «suspense» vai acontecer no próximo outono nos «States». Será o da milionária Audrey Emery com o príncipe Polignac, que como vocês sabem, é o pai de Rainer III. Para Audrey Emery, este será o terceiro casamento. ♦ A vida de minha colega Louella Parsons será brevemente vivida na tela por Joan Crawford. Não será surpresa se daqui há alguns anos acontecer o mesmo com este colunista... ♦ O barão Guy

J.T. no D.N. — Iniciei uma nova coluna no vespertino «Diário da Noite», da cadeia dos «Associados». Com o mesmo título e no mesmo estilo moderno desta, mantereí minha coluna diária. Bola na rede.

Gossips



Deputado Augusto Viana está se desquitando. Furo de «Gossips».

O MEU AMIGO Eduardo Tapajós vai subir no fim deste mês ao altar. Este casamento será muito «suspense». ♦ O namôro entre Ricardinho Fazanello e Raquel dos Santos Jacinto, que havia ficado completamente «géloto», toma agora novos rumos. Pois Ricardinho e Raquel voltaram a andar de par constante (a sós), e parecem estar vivendo um romance às mil e uma noites, no «Sacha's». Raquel, quando conversa, não esconde sua admiração e paixão pelo «play-boy» Fazanello, que desta vez parece estar sendo seguramente pescado. ♦ Carmem Salem no «Clube 36» em companhia de um determinado senhor, que não era o jovem Vitorio Ramanelli. Será que já ficou «géloto» o romance entre Carmem e Vitorio? ♦ Informaram-me que a figura mais «géloto» que insiste em cortejar determinada jovem do «high-society» é a de um tal de Maurício Barbosa, ou Maurício Bebiano Barbosa. Quem é esse rapaz?... ♦ O galante Celmar Padilha dançava «cheek-to-cheek» com a loura Vera Lúcia Lins numa recente festa. ♦ A nova côr de cabelos de Marta Hue é realmente muito «géloto». ♦ O simpático e galante Francis de Souza Dantas Forbis e a bonita e elegante Maitê D'Orey são os paulistas mais comentados atualmente nas colunas sociais cariocas. ♦ Como informei para vocês em «preview», já está acontecendo o desquite do casal baiano Augusto Viana, que reside há alguns anos aqui no Rio. No próximo número falarei com maiores detalhes deste desquite que está decorrendo em Salvador, Bahia. ♦ A boneca prossegue nos «States» onde deve continuar por mais uns dias. Este furo será dado ao Tavares de Miranda. ♦ Acho que «ela» vai figurar na «prateleira». Não adianta. ♦ Durante a estada de Baby Vignoli em Paris, seu par constante foi um determinado nobre. Será que ela voltará princesa, duquesa ou baronesa? ♦ Terça-feira foi a estréia do «show» de Carlos Machado no «golden-room» do Copa. O nome do já comentado «show» é «Humoresque». ♦ A nova boneca vai bem, merci.

Pequenos Flashes



Senhora Fernanda Pires da Silva, num recente jantar de gala que lhe foi oferecido, ao lado do sr. Raul Cobra.

POUCOS DIAS antes de sua partida para a Europa, a senhora Fernanda Pires da Silva foi mais uma vez homenageada, com um grande jantar de «black-tie» que lhe ofereceram

amigos e admiradores, com a presença de vários embaixadores, políticos, homens de letras e gente de sociedade. ★ No sábado passado, tive um almoço muito paulista na piscina do Copa, com o sr. e sra. Felix Kowarick, que são os melhores anfitriões do planalto. Também estavam presentes o sr. Dirceu Nascimento e Raquel dos Santos Jacinto. Os Kowaricks vieram para o Sweepstake. ★ Dia 28 foi realizado na Hípica a «Noite de Saint Hubert», que foi de gala e muito concorrida. Merci pelo convite. Infelizmente não me é possível atender aos inúmeros convites que tão gentilmente me são enviados. Muitos compromissos e muito trabalho. ★ O pianista Freddy, que atuava no «Captain's Bar» do Comodoro em São Paulo, está agora no Bar Michel, pertencente ao conhecido Jimmy, que é um dos donos da noite paulista. ★ O Museu de Arte Moderna convidou

para a seção privada do filme «Horas de Desespêro», que foi exibido em «avant-première» no cine Plaza. Merci. ★ No restaurante do Clube Comercial a fabulosa Amália Rodrigues foi vista outro dia almoçando. Amália estava toda de negro. E por falar em Amália, noticiou-se o seu noivado em Portugal com o jovem Cezar Seabra. ★ O jornalista e «businessman» João Calmon viajou no último «week-end» para Fortaleza, onde lhe foi prestada uma homenagem muito «suspense». O sr. Calmon já está de volta. ★ Das candidatas ao título final de Miss Elegante Bangu, a loura e elegante Vera Lúcia Lins, que representa a Hípica, é uma das mais «suspense», possível vencedora. ★ Para o «Sweepstake» esteve no Rio, no último «week-end», o colunista Tavares de Miranda, que é a «vedette» da crônica social paulista. Bola na rede. ★ Estou informado de que

as três casas mais «snob» preferidas de «grand monde» feminino carioca, são: a Canadá de Luxo, «May Fair» e «Après Midi». Esta última, apesar de mais jovem, está tendo uma aceitação dos diabos. Seu novo lançamento para o verão é realmente muito «suspense». ★ O meu amigo Arnaldo Brenha chegará esta semana dos «States» onde foi em viagem de «business». Heleninha já estava muito saudosa, com a ausência do Arnaldo. Acho que não será surpresa para vocês se Heleninha surgir na lista das «dez mais elegantes do Brasil». ★ «Paulet Sauté à la crème» é o melhor prato do «Bistrô». Prato internacional.

P. S.: Devido ao fato de estar agora escrevendo uma coluna diária, adiei minha já programada viagem a Nova York, pois não posso afastar-me do Rio por mais de um dia. Até a próxima. O chapéu «Géloto» continua em cima.

VOU falar agora dos acontecimentos mais «suspense» da última semana do mês de julho. Na noite do dia 25, êsse casal de extrema simpatia que são o sr. e sra. Jorge Dória receberam o «high-society» carioca para uma recepção muito «suspense», que se prolongou até às 4 horas da manhã. Comemoravam 25 anos de casados. Sim, caros leitores, 25 anos de felicidade, amor e compreensão e, sobretudo, de uma grande amizade, coisa que hoje dificilmente acontece. Mas, como ia falando, o feliz casal Dória reuniu naquela noite cerca de 500 pessoas amigas no seu grande e moderno apartamento de Copacabana. As coisas que mais me impressionaram foram: a revelação de perfeitos «hostess» do jovem Jorginho e da elegante Marita; a beleza e altura de Manica Coimbra de Castro; a elegância tôda de branco de Vera Lúcia Lins; a classe da paulista Soninha Cunha Bueno; a presença da figura muito «gélot» do sr. Café Filho; o samba «Pretensão», da menina Maria Dolabela Mamana, tocado ao piano por Bené Nunes; a boa conversa de Homero Lopes, que estava em primeiro plano; o bonito vestido branco da «hostess» sra. Maria Dória; a simpatia do casal Adolfo Bloch; a sobriedade e elegância do marechal Eurico Dutra; a gravata muito «gélot» de Fernando Setembrino, que não é inglesa como êle diz; e finalmente o vestido estampado, com sapatos verdes, de Marita Dória, que estava muito «suspense». Na minha caderneta social, anotei: general Zenóbio da Costa, governador Miguel Couto Filho, senador

O simpático e feliz casal Jorge Dória, com seus filhos Jorginho e Marita.



BODAS DE PRATA DO CASAL JORGE DÓRIA



e sra. Gilberto Marinho, sr. e sra. Guilherme da Silveira, sr. e sra. Eduardo Duvivier, sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho, sr. e sra. Bento Ribeiro Dantas, sr. e sra. Antônio Garavaglia, sr. e sra. Homero Lopes, sr. Celmar Padilha, sra. Gustavo Capanema, sr. e sra. Ribeiro Martins, sr. Eduardo Tapajós, srtas. Vera e Heloísa Dolabela, Silvinha Vidal, Nono Seve, Glòrinha Capanema, Angela e Mônica Coimbra de Castro, Ilde Garavaglia, o casal José Augusto Godoy e mais centenas de outros convidados. Tudo estêve muito «suspense».

Neste grupo muito «suspense» do «high-society» carioca estão: Maria Dória, senhorita Marita Dória, embaixador Hugo Gouthier e senhor Jorge Dória.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



UM ESTRANHO NO PARAÍSO (Continuação da página 37)

Franzindo o cenho, o vizir olhava alternativamente o velho e o poeta.

— Que significa tudo isto, afinal? perguntou.

— Eu sou vosso pai, disse Jawan. Eu mesmo coloquei êsse amuleto em vosso peito com as minhas próprias mãos, antes de seres sequestrado! Olhai, aqui tenho a outra metade! disse, tirando do bolso um amuleto similar ao do vizir.

Êste, não muito contente ao dar-se conta de quem era seu pai, pensava que, afinal, o maior juiz da

Mesopotâmia era filho do maior bandido do mesmo território. Para não dar crédito a tal absurdo, dispôs que Jawan fôsse encarcerado e executado imediatamente. E olhando para o poeta, viu-o agora com maior interesse.

— Creio que podemos usar êste homem, disse em voz baixa a Lalume. Achas que êle é então um mago que dá e tira maldições, hein?

— Sim, respondeu Lalume convicta. O homem é muito interessante... Mas muito mesmo...

Súbito, o vizir deu uma palma-da nos joelhos:

— Espere um momento! E pondo-se de pé, arrebatou o sabre de um de seus guardas e se encaminhou para o poeta em atitude ameaçadora:

— Eh, amigo, estavas lançando uma terrível maldição contra mim, quando fomos interrompidos! Diz-me agora... pondo encostado a ponta do sabre nas costelas do outro: Que vamos fazer dessa maldição?

O poeta cerrou os olhos, esperando morrer ali mesmo. Nesse momento exato, ouviu-se o sonoro tanger de um gongo e o califa entrou no recinto, demonstrando muito

bom humor. Dirigindo-se ao vizir, disse-lhe então que acabava de escolher uma esposa e ordenava que se celebrasse a sua proclamação, por todo o país, com grandes festas...

— Quero que todos os cidadãos participem da felicidade do seu califa, concluiu o jovem soberano, retirando-se em meio ao rítmico vibrar de clarins e atabaques.

Foi, então, um festim que se prolongou pela noite e por todo o dia seguinte. Homens e mulheres dançavam, bebiam, banquetearam-se à grande, embora ninguém soubesse o triste destino que os esperava. O califa era o mais feliz, aparentemente, embora, porque todo o seu plano maquiavélico estava na iminência de ser executado.

Houve uma bonita procissão composta de figuras heráldicas, acrobatas, bailarinas e músicos vistosamente uniformizados, que desfilavam pelas ruas de Bagdad ao sonoro ritmo de clarins e címbalos.

A entoação dos salmos era um tanto monótona, mas o vizir e seus acompanhantes gostavam dêsse ritmo morrinhento... E todo aquele povo de Bagdad viveu horas inesquecíveis, de sonhos inebriantes, como jamais Bagdad havia conhecido.

Mas... o que viria depois? Que destino viria a ter o poeta? A morte o esperava... Quem sabe, porém se algum imprevisto estaria prestes a chegar, para salvá-lo?

(Continua no próximo número)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

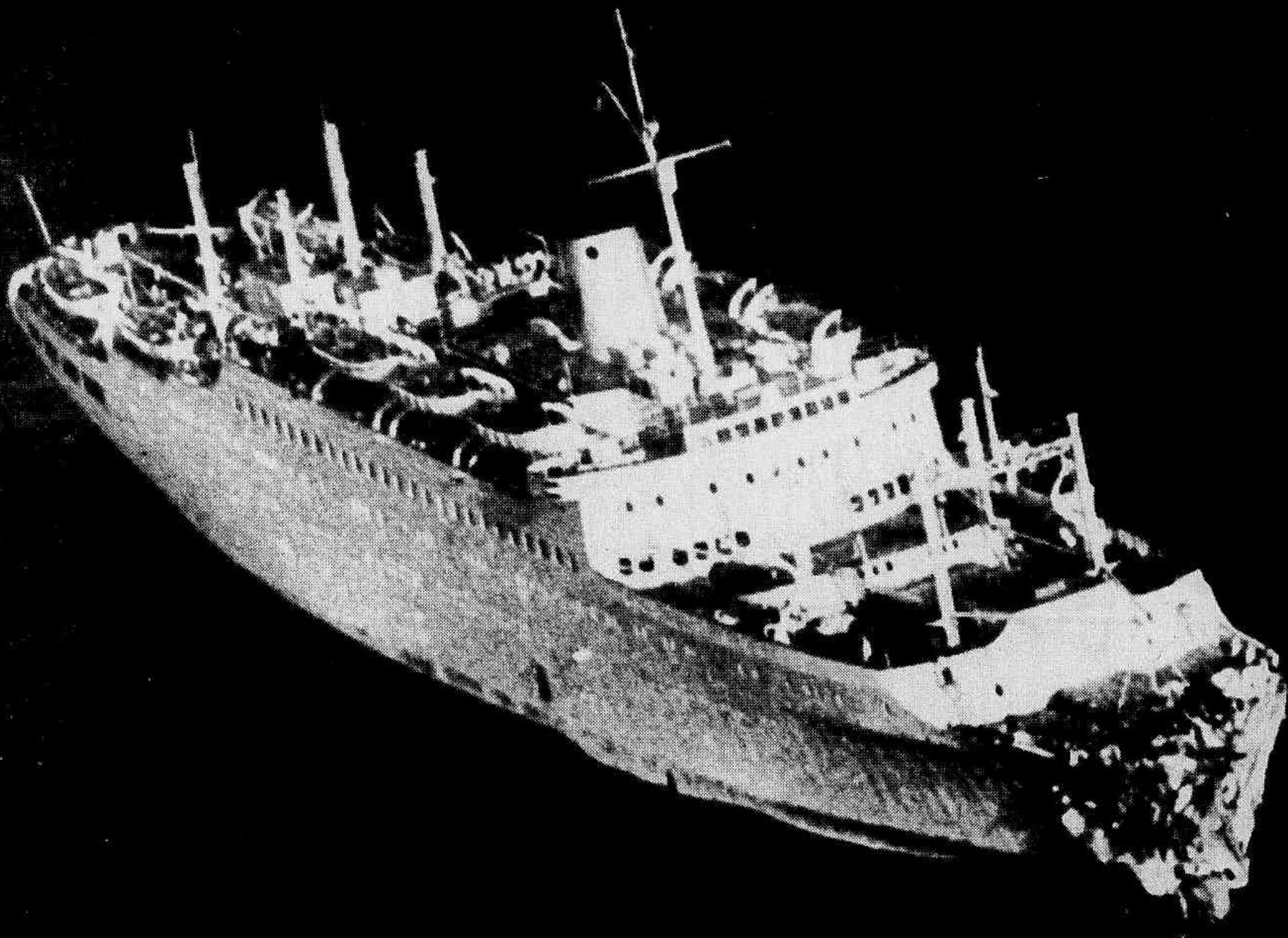


Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembólsio Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00



O «STOCKHOLM», o mais moderno navio da Marinha Mercante Sueca, atingiu bem no centro ao «Andrea Doria», causando-lhe um rombo irreparável. Com a proa esfrangalhada, assim mesmo conseguiu prosseguir viagem até Nova York, tendo ainda recolhido náufragos do barco italiano.

COM O "ANDREA DORIA"

O ORGULHO DA ITÁLIA FOI AO FUNDO

O GRANDE TRANSATLÂNTICO ITALIANO, DE VINTE E NOVE MIL TONELADAS, SOS-SOBROU EM POUCOS MINUTOS, APÓS TER SIDO ABALROADO POR UM PAQUETE SUECO, O STOCKHOLM — ENTRE OS SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA DUAS FAMOSAS ATRIZES CINEMATOGRAFICAS — A QUEM CABE A CULPA DA OCORRÊNCIA?

O relógio de bordo ainda não havia indicado a meia-noite do dia 25 de julho, quando um pavoroso ruído percorreu, de proa a pôpa, o «Andrea Doria», transatlântico de vinte e nove mil toneladas, orgulho da Marinha Mercante italiana. No meio da escuridão, e mal despertos do sono, os mil seiscientos e trinta e cinco passageiros do paquete, que se dirigia para o porto de Nova York, tentavam compreender o que se havia passado. O barco, em convulsões que o faziam estremecer de instante a instante, fôra atingido — logo se soube — pela proa do navio sueco «Stockholm», de 13 mil toneladas, e as dimensões e a localização do rombo produzido pelo impacto faziam temer, ao que tudo indicava, o naufrágio iminente. Por entre os gritos de terror de homens, mulheres e crianças, os oficiais do «Andrea Doria» perceberam a dramaticidade da situação, e lançaram aos ares o pedido de socorro. O «Andrea Doria» estava perdido. Agora, era tratar de salvar a tripulação. Felizmente, a poucas milhas das costas norte-americanas, como se encontrava, o barco italiano logo se viu rodeado por um grande número de outros navios de passageiros, primeiro socorrido pelo «Cappe Anne», e depois por inúmeros outros, entre os quais o grande transatlântico francês «Ile de France».

SOBREVIVENTES do malogrado barco italiano chegam a Nova York, conduzidos por helicópteros da Marinha de Guerra dos Estados Unidos.



Uma hora após o salvamento do último passageiro, o Atlântico sepultou o "Andrea Doria"



UM GRANDE escaler do transatlântico francês «Ile de France» conduz sobreviventes da tragédia para bordo. O enorme e luxuoso paquete gaulês salvou 753 pessoas do naufrágio.

Perigosamente adernado poucos minutos apenas após o impacto, o «Andrea Doria» não conseguiu sequer lançar ao mar seus botes salva-vidas. Os passageiros, auxiliados pelos homens da tripulação, tiveram de descer por meio de cordas até aos escaleres dos navios de socorro, sendo em seguida conduzidos, alguns em estado gravíssimo, para bordo. Só o «Ile de France» salvou 753 pessoas, e o próprio «Stockholm», que ao que tudo indica levava rumo errado ao atingir o «Andrea Doria», mais 533.

Até agora, o total de mortos, no naufrágio do transatlântico, não é bem conhecido. Calcula-se que pelo menos dez

pessoas perderam a vida, e outras quarenta estão desaparecidas, temendo-se pela sua sorte. Cenas dramáticas ocorreram, de pais separados dos filhos, de casais extraviados. A atriz cinematográfica Ruth Roman, que voltava da Europa com seu filhinho de poucos anos de idade, passou por momentos de extraordinária angústia, ao perder de vista o menino, para logo em seguida recuperá-lo. Também a estrela de Hollywood Betsy Drake passou por alguns maus quartos de hora.

O «Stockholm», apesar de com a proa totalmente arrebatada, tal a violência do choque tremendo, conseguiu, por seus próprios recursos, voltar ao porto de Nova York, de onde havia saído, momentos antes de produzir no «Andrea Doria» o rombo de nove metros de extensão por seis de profundidade. A despeito de deslocar menos de metade de sua tonelagem, liquidou com o paquete que era o Símbolo da Reconstrução Italiana, e que, não havia ainda três anos, fizera sua primeira viagem entre Gênova e Nova York.

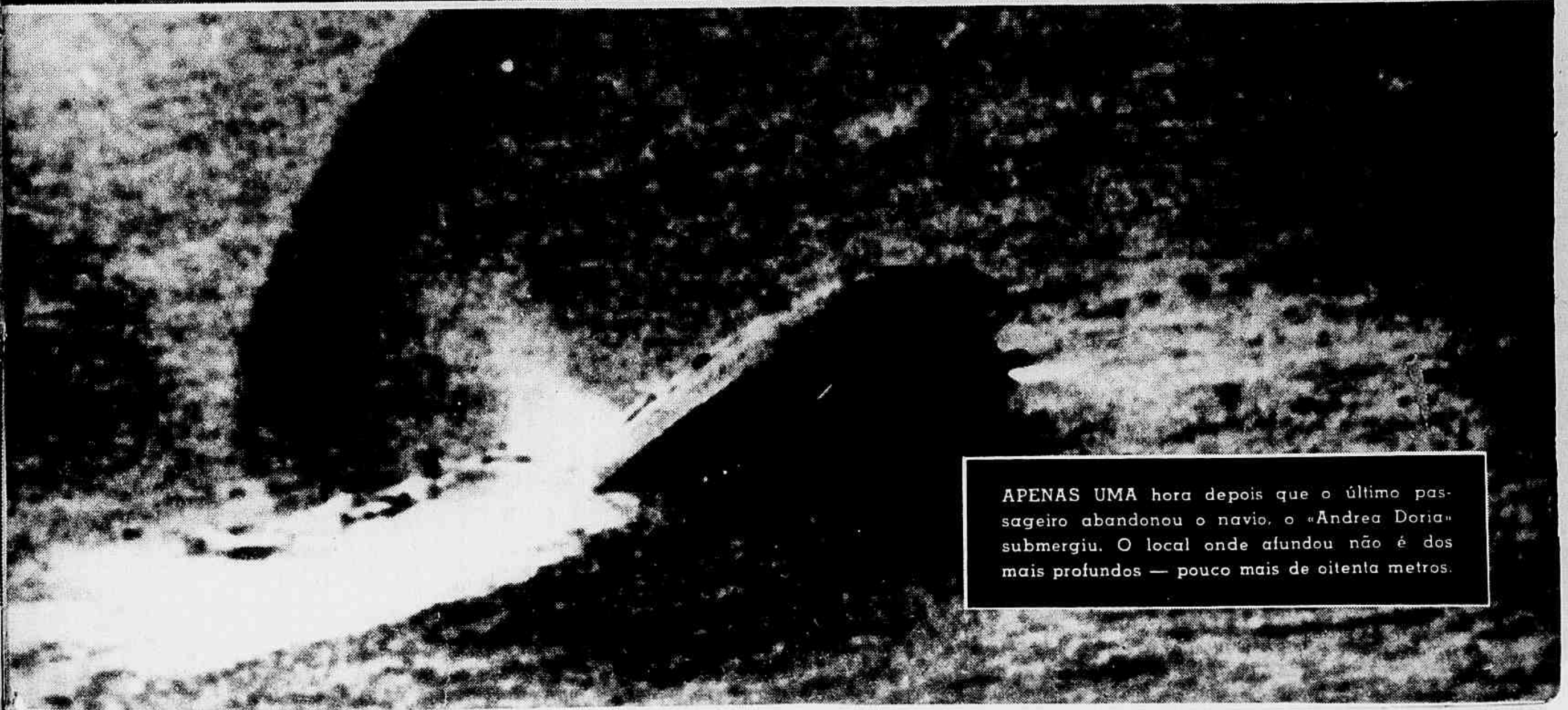
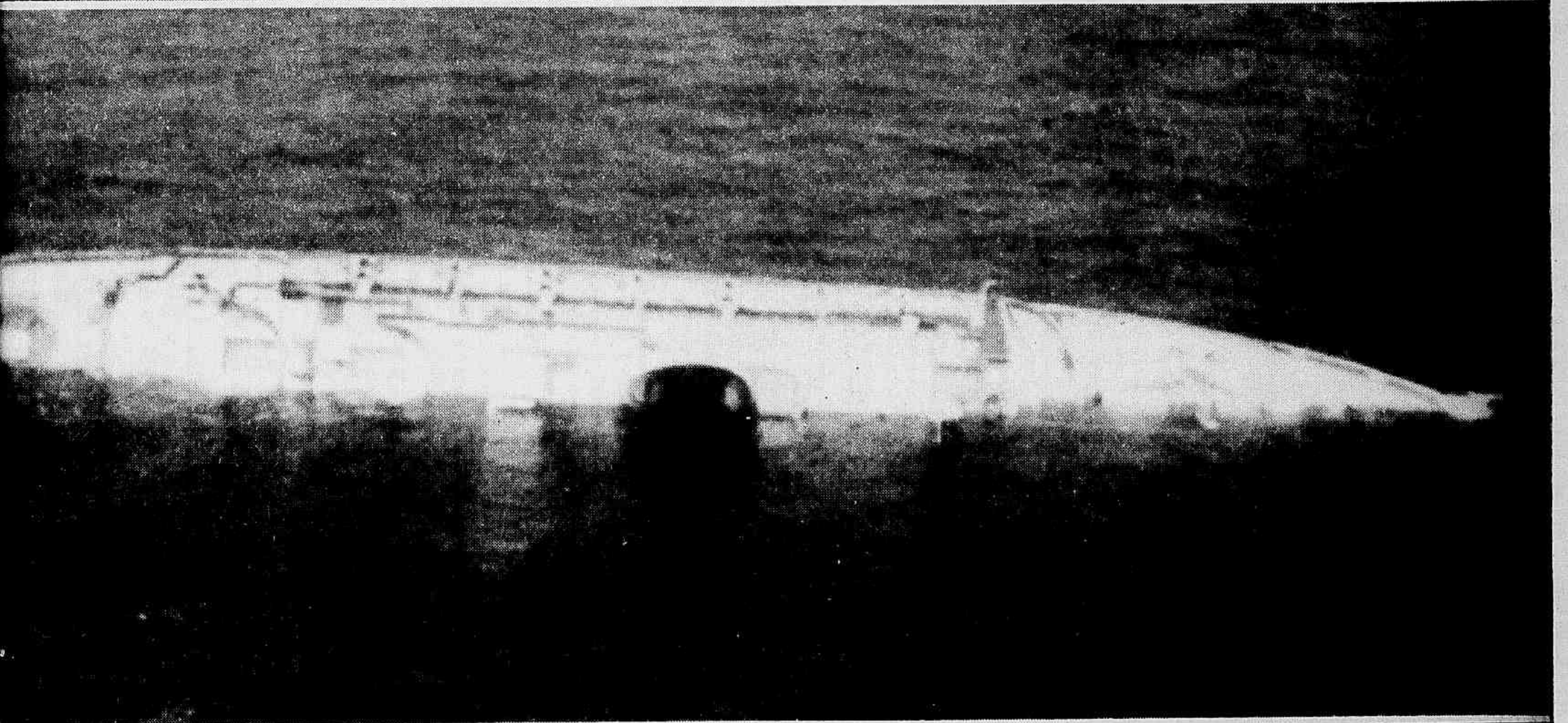
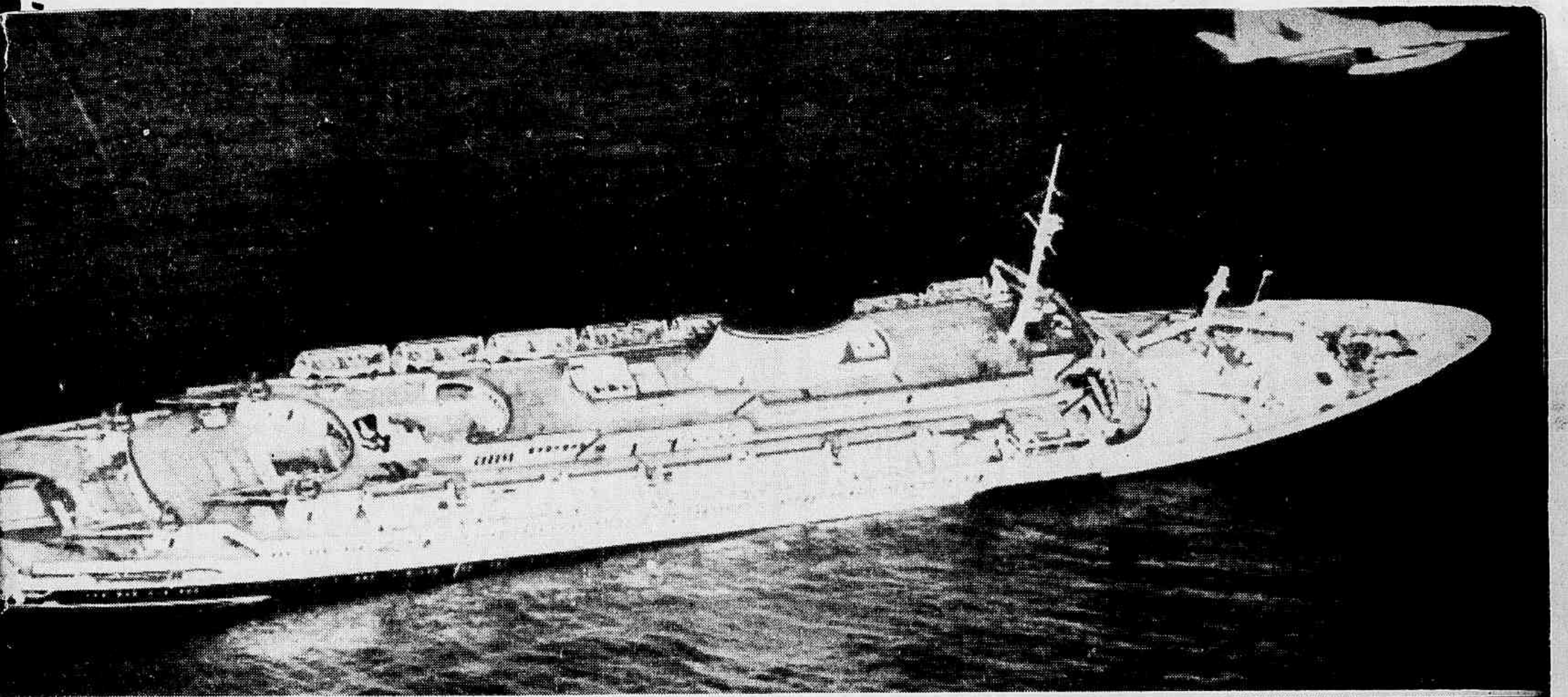
Estranha-se ainda agora o fato de, a despeito de ambos os barcos possuírem radar, não ter nenhum deles percebido a proximidade da catástrofe. O «Andrea Doria», porém, estava dentro de sua rota normal, ao passo que o navio escandinavo se desviara cerca de dez milhas. Isso não quer dizer, porém, que ao «Stockholm» caiba a culpa do ocorrido, pois não há lei que obrigue um navio a não mudar de rota.

O «Andrea Doria», que fôra construído em Gênova em 1951, custara a fabulosa quantia de 29 milhões de dólares, porém estava segurado na Società di Assecurazione de Gênova por 20 milhões, e ressegurado, por quantia superior, no Lloyd's de Londres.

Os construtores genoveses, e a companhia proprietária do «Andrea Doria», já anunciaram sua decisão de fabricar um novo transatlântico, em tudo igual ao primeiro, e com o mesmo nome. Será uma homenagem ao mais belo e luxuoso paquete italiano de todos os tempos, desaparecido em águas do Atlântico por uma dessas fatalidades que povoam de tragédias e de salvamentos heróicos os oceanos. (Fotos U.P.)



SOBREVIVENTES do «Andrea Doria», felizes por haverem escapado à morte certa nas águas escuras do Atlântico, aqui aparecem no convés do «Cape Anne», que foi o 1º a chegar junto ao paquete sinistrado. Muitos perderam todos os seus haveres.



APENAS UMA hora depois que o último passageiro abandonou o navio, o «Andrea Doria» submergiu. O local onde afundou não é dos mais profundos — pouco mais de oitenta metros.

ÚLTIMO FLASH



A CICATRIZ NO "STOCKHOLM"

● MESMO COM a proa totalmente destruída pela violência do choque com o "Andrea Doria", o transatlântico sueco de treze mil toneladas "Stockholm" conseguiu atingir o cais de Nova Iorque, arrastando-se penosamente através da imensidade do mar, desde o local da colisão até ao porto seguro. Esse oficial da Marinha dos Estados Unidos observa a proa destrozada, quando o "Stockholm", já no dique seco, começava a ser reparado. A quilha do barco sueco penetrou seis

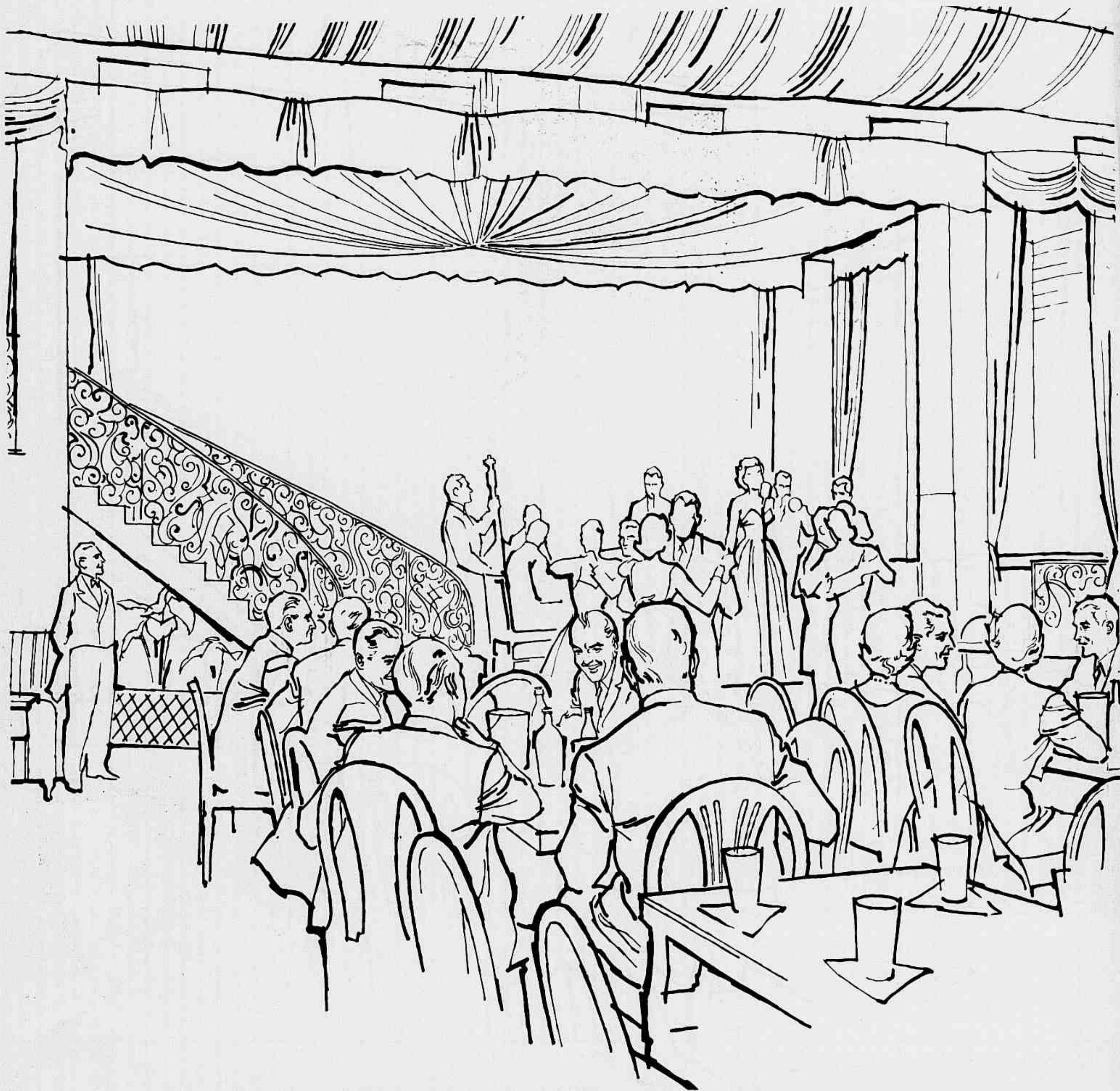
metros na estrutura do italiano, justamente no meio do convés. A salvação dos naufragos foi levada a efeito por diversos transatlânticos que acorreram ao chamado de socorro do "Andrea Doria". O próprio "Stockholm" se incumbiu de prestar auxílio a cerca de quinhentos passageiros do navio sinistrado, que era considerado o mais elegante e luxuoso da Marinha Mercante Italiana. (Foto L.N.S.)

**A FIGURA
EM FOCO**



DEPUTADO JOSE' JOFFILY

Na boataria corrente,
Uma coisa tem sentido:
E' preciso quanto antes
Renovar o meu Partido.



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

